10020
L.

LENDAS E NARRATIVAS.

IMPRENSA NACIONAL.

10030
L.

LENDAS

E

NARRATIVAS

POR

A. HERCULANO.

TOMO I.

LISBOA
EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS
AOS MARTYRES, N.º 45.
MDCCCLI.

14

ADVERTENCIA.

Os pequenos romances e narrativas contidos neste volume foram impressos, em epochas mais ou menos remotas, nas duas publicações periodicas o *Panorama* e a *Illustração*, bem como o foram nestes ou em outros jornaes os que tem de formar o segundo volume das *Lendas e Narrativas*; collecção que, se trabalhos mais arduos o consentirem, será continuada com

alguns outros apenas esboçados ou ineditos no todo ou em parte, que ainda restam entre os manuscriptos do auctor. Corrigindo-os e publicando-os de novo, para se ajunctarem a composições mais extensas e menos imperfeitas, que já viram a luz publica em volumes separados, elle quiz apenas preservar do esquecimento, a que por via de regra são condemnados mais cedo ou mais tarde os escriptos inseridos nas columnas das publicações periodicas, as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portugueza. Monumentos dos esforços do auctor para introduzir na litteratura nacional um genero amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os paizes da Europa, é este o principal, ou talvez o unico merecimento delles, o titulo de que podem valer-se para não serem entregues de todo ao esquecimento. A singeleza da invenção, a pouca firmeza nos contornos de alguns caracteres, o menos bem travado do dialogo, imperfeições que nem sempre foi possivel remediar nesta nova edição, re-

velam a mão inexperiente. Na historia dos progressos litterarios de Portugal, desde que a liberdade politica trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho pôde apparecer á luz do dia sem os anginhos de uma censura tão absurda na sua indole, como estupida na sua applicação e esterilisadora nos seus effeitos; nessa historia, dizemos, esta nova edição deve ser julgada principalmente com attenção a esse motivo, á prioridade das composições nella insertas, e á precisão em que, ao escreve-las, o auctor se via de crear a substancia e a fórma; porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domesticos.

A critica para ser justa não ha-de, porém, attender só a essas circumstancias: ha-de considerar tambem os resultados destas tentativas, que, a principio, é licito suppôr inspiraram outras analogas, como por exemplo os «*Irmãos Carvajales*», e «*O que foram Portuguezes*» do Sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos grandes talentos da

nossa litteratura a emprehenderem composições analogas de mais largas dimensões, e melhor delineadas e vestidas. Todos conhecem o «*Arco de Sancl'Anna*», cujo ultimo volume acaba de imprimir o primeiro poeta portuguez deste seculo, os «*Dous Annos na Côrte*» do Sr. Corvo, cuja publicação se aproxima do seu termo, e o «*Rausso por Homizio*» do Sr. Rebello da Silva, ensaio, que, se as eloquencias parvoas e semsabores dos discursos academicos não tivessem tornado indecentes as allusões mythologicas, se poderia comparar ao combate com o leão de Citheron, que revelou á Grecia no moço Hercules o futuro semideus; porque no *Rausso* começa a manifestar-se o auctor da «*Mocidade de D. João V*», romance de que já se imprimiram algumas paginas admiraveis, mas que na parte inedita, que é quasi tudo, nos promette um emulo de Walter-Scott. Emfim o «*Conde de Castella*» do Sr. Oliveira Marreca, vasta concepção, posto que ainda incompleta, foi porventura inspirado pelo exemplo destas

fracas tentativas, e das que, em dimensões maiores, o auctor emprehendeu no *Eurico* e no *Monge de Cister*. Caracter grave e austero, digno dos tempos antigos, e que a providencia collocou em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupções, como uma condemnação muda; homem sobre tudo de sciencia e consciencia, o Sr. Marreca trouxe estes seus dotes eminentes para o campo do romance historico, onde ninguem, talvez, como elle poderia fazer a Portugal o serviço que Du-Monteil fez á França, isto é, popularisar o estudo daquella parte da vida publica e privada dos seculos semi-barbaros, que não cabe no quadro da historia social e politica.

Taes foram, entre outros, os mais importantes resultados da introducção do genero. No meio deste amplo desenvolvimento de uma litteratura nova no paiz, o auctor das seguintes paginas merecerá talvez desculpa de recordar que estes ensaios, inferiores ás publicações que se lhe seguiram, foram a sementinha d'onde

proveio a floresta. Seja-lhe pois licito consolar-se na sua inferioridade com haver precedido na ordem dos tempos aquelles que, na affeição do publico, devem provavelmente faze-lo esquecer. Persuadido de ter por isso direito á indulgencia, resolveu-se a transportar para o livro aquillo que, considerado em si, não mereceria talvez sahir nunca das columnas do fugitivo jornal, salvando assim, não escriptos cuja apreciação exija largas paginas na historia litteraria, mas um marco humilde e rude, que, nesta especie de litteratura, indique o ponto d'onde se partiu.

O ALCAIDE DE SANTAREM

(950—961)

I

O Guadamellato é uma ribeira que, descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem através de um territorio montanhoso e selvatico desaguar no Guadalquivir pela margem direita, pouco acima de Cordova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma população numerosa: foi nas eras do dominio sarraceno em Hespanha. Desde o governo do émir Abul-Khatar o districto de Cordova fôra distribuido ás tribus arabes do Yemen e da Syria, as mais nobres e mais numerosas entre todas as raças da Africa e da Asia, que tinham vindo residir na Peninsula por occasião da conquista ou depois della. As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridio-

naes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores. Assim no meado do decimo seculo, posto que esse districto fosse assaz povoado, o seu aspecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aquelles cabeços e valles vestigios alguns de cultura, nem alvejava um unico edificio no meio das collinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes, ou cobertas de selvas bravias e escuras. Apenas um ou outro dia se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte não se encontraria alli, se porventura se buscasse.

Havia, comtudo, povoações fixas naquelles ermos; havia habitações humanas, porém não de vivos. Os arabes collocavam os cemiterios nos logares mais saudosos dessas solidões, nos pendores meridionaes dos outeiros, onde o sol, ao pôr-se, estirasse de soslaio os seus ultimos raios pelas lageas lisas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças açoutadas do vento. Era alli que, depois do vaguear incessante de muitos annos, elles vinham deitar-se mansamente uns ao pé dos outros, para dormirem o longo somno sacudido sobre as suas palpebras das asas do anjo Azrael.

A raça arabe, irrequieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra familia humana, gostava de espalhar na terra aquelles padrões, mais ou menos sumptuosos, do captiveiro e immobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independencia illimitada durante a vida.

No recosto de um téso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava assentado um desses cemiterios pertencente á tribu Yemenita dos Beni-Homair. Subindo pelo rio, viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas como um vasto estendal, e tres unicas palmeiras, plantadas na corôa do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemiterio de altamarah. Transpondo o cabeço para o lado oriental, encontrava-se um desses brincos da naturesa, que nem sempre a sciencia sabe explicar: era um cubo de granito de enorme dimensão, que parecia ter sido posto alli pelos esforços de centenares d'homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta especie de atalaia natural descortinava-se para todos os lados um horisonte immenso.

Era um dia á tarde: o sol descia rapidamente, e já as sombras principiavam do lado de léste a empastar a paisagem ao longe em

massas negras e confusas. Assentado na borda do rochedo quadrangular um arabe dos Beni-Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos attentos, ora para o lado do norte, ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um signal negativo, inclinando-se para o lado opposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam alli tambem assentados em diversas posturas e em silencio, o qual só era interrompido por algumas palavras rapidas, dirigidas ao da lança, e a que elle respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

« El-Barr, » — disse por fim um dos sarracenos, cujo trajo e gestos indicavam uma grande superioridade sobre os outros — « parece que o caid de Schantaryn [1] esqueceu a sua injuria, como o wali de Zarkosta [2] a sua ambição d'independencia; e até os partidarios de Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pae, não podem acreditar que Abdallah realise as promessas que me induziste a fazer-lhes. »

« Emir-el-Melek [3], » — replicou El-Barr — « ainda não é tarde: os mensageiros podem

1 Santarem.
2 Governador do districto de Saragoça.
3 Principe real.

ter sido retidos por algum successo imprevisto. Não crêas que a ambição e a vingança adormeçam tão facilmente no coração humano. Dize, El-Athar, não te juraram elles pela sancta Kaaba [1] que inviados com a noticia da sua revolta e da entrada dos christãos chegariam hoje a este logar aprazado, antes do anoitecer?»

«Juraram» — respondeu El-Athar; — «mas que fé merecem homens que não duvidam quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa, e além d'isso abrir o caminho aos infiéis para derramarem o sangue dos crentes? Émir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos teus occultos alliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba, e não houvera de ser o suppedaneo do throno que ambicionas o tumulo de teu irmão!»

El-Athar cobriu a cara com as mãos, como se quizesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia commovido por duas paixões oppostas. Depois de se conservar algum tempo em silencio, exclamou:

«Se os mensageiros dos sublevados não chegarem até o anoitecer, não fallemos mais n'is-

[1] O famoso templo de Mekka.

so. Meu irmão El-Hakem acaba de ser reconhecido successor do kalifado: eu proprio o acceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter comvosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! El-Barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassidéh [1] que não soubeste acabar, como aquella que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Frandjat [2], e que foi causa de cahires no desagrado de meu pae e de El-Hakem, e de conceberes esse odio que alimentas contra elles, o mais terrivel odio deste mundo, o do amor proprio offendido.»

Ahmed-el-Athar e o outro arabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. Os olhos, porém, de El-Barr faiscaram de colera.

«Pagas mal, Abdallah,» — disse elle com a voz presa na garganta — «os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais bello e poderoso imperio do Islam. Pagas com allusões affrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te pôr na tua uma corôa. És filho de teu pae!... Não importa. Só te direi que

[1] Poema de trinta versos, muito usado entre os arabes, e que correspondia de certo modo ás nossas odes.

[2] Os reinos christãos além dos Pyreneus.

é já tarde para o arrependimento. Pensas acaso que uma conspiração sabida de tantos ficará occulta? No ponto a que chegaste, retrocedendo é que has-de encontrar o abysmo!»

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ía a fallar, talvez para vêr de novo se divertia o principe da arriscada empresa de disputar a corôa a seu irmão El-Hakem. Um grito, porém, do atalaia o interrompeu. Ligeiro como relampago um vulto sahíra do cemiterio, galgára o cabeço, e se aproximára sem ser sentido: vinha involto n'um albornoz escuro, cujo capuz quasi lhe encobria as feições, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revolta. Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e arrancaram as espadas.

Ao vêr aquelle movimento, o que chegára não fez mais do que estender para elles a mão direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: então as espadas abaixaram-se como se uma corrente electrica tivesse adormecido os braços dos quatro sarracenos. El-Barr exclamára: — «Muulin [1] o propheta! Muulin o sancto!...»

«Muulin o peccador:» — interrompeu o no-

[1] Muulin significa *o triste*.

vo personagem — « Muulin, o pobre fakih [1] penitente e quasi cégo de chorar as proprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus por isso illumina ás vezes os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos corações. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambição! Sereis satisfeitos! O senhor pesou na balança dos destinos a ti, Abdallah, e a teu irmão El-Hakem. Elle foi achado mais leve. A ti o throno; a elle o sepulchro. Está escripto. Vae; não pares na carreira, que não te é dado parar! Volta a Corthoba. Entra no teu palacio Merwan; é o palacio dos kalifas da tua dynastia. Não foi sem mysterio que teu pae t'o deu por morada. Sobe ao sotão [2] da torre. Ahi acharás cartas do caid de Schantaryn, e dellas verás que nem elle, nem o wali de Zarkosta, nem os Beni-Hafsun faltam ao que te juraram! »

« Sancto fakih » — replicou Abdallah, credulo como todos os musulmanos daquelles tempos de fé viva, e visivelmente perturbado — « creio o que dizes, porque nada para ti é oc-

[1] *Fakih* ou *faquir*, especie de frade mendicante entre os mussulmanos.

[2] *Sotuho* — o andar mais alto. Os nossos escriptores tomavam esta palavra n'um sentido evidentemente errado, servindo-se della para indicar o aposento inferior ou terreo.

culto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua intelligencia sublime. Asseguras-me o triumpho; mas o perdão do crime pódes tu assegura-lo?»

«Verme, que te crês livre!» — atalhou com voz solemne o fakih. — «Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, não são mais do que fragéis instrumentos nas mãos do destino, e que te crês auctor de um crime! — Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ella acaso a Deus perdão do seu peccado? — Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vaes anniquilar, pergunta antes se nos thesouros do Misericordioso ha perdão para o orgulho insensato!»

Fez então uma pausa. A noite descia rapida. Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova. Nesta postura a figura do fakih fascinava. Coando pelos labios as syllabas, elle repetiu tres vezes:

«Para Merwan!»

Abdallah abaixou a cabeça, e partiu vagarosamente, sem olhar para traz. Os outros sarracenos seguiram-no. El-Muulin ficou só.

Mas quem era este homem? Todos o conheciam em Cordova; se vivesseis, porém, na-

quella epocha e o perguntasseis nessa cidade de mais de um milhão de habitantes, ninguem vo-lo saberia dizer. Era um mysterio a sua patria, a sua raça, donde viera. Passava a vida pelos cemiterios ou nas mesquitas. Para elle o ardor da canicula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se não existissem. Raras vezes se via que não fosse lavado em lagrymas. Fugia das mulheres como de um objecto de horror. O que, porém, o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de prophecia, o qual ninguem lhe disputava. Mas era um propheta terrivel, porque as suas predicções recahiam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do imperio os christãos faziam alguma correria, ou destruiam alguma povoação, elle annunciava publicamente o successo nas praças de Cordova: qualquer membro da familia numerosa dos Ommyadas cahia debaixo do punhal de um assassino desconhecido na mais remota provincia do imperio, ainda das do Maghreb ou Mauritania, na mesma hora, no mesmo instante ás vezes, elle o pranteava redobrando os seus choros habituaes. O terror que inspirava era tal, que no meio do maior tumulto popular a sua presença bastava para tudo cahir em mortal silencio. A imaginação exaltada do povo tinha

feito delle um sancto, sancto como o islamismo os concebia; isto é, um homem cujas palavras e aspecto gelavam de terror.

Ao passar por elle, El-Barr apertou-lhe a mão, dizendo-lhe em voz quasi imperceptivel:

« Salvaste-me! »

O fakih deixou-o affastar, e fazendo um gesto de profundo despreso, murmurou:

« Eu?! Eu teu cumplice, miseravel?!

Depois, alevantando ambas as mãos abertas para o ar, começou a agitar os dedos rapidamente, e rindo com um rir sem vontade, exclamou:

« Pobres titeres! »

Quando se fartou de representar com os dedos a idéa de escarneo que lhe sorria lá dentro, dirigiu-se, ao longo do cemiterio, tambem para as bandas de Cordova, mas por diverso atalho.

II

Nos paços de Azzahrat, o magnifico alcaçar dos kalifas de Cordova, ha muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena d'Abril bate pelos jardins que se dilatam desde o alcaçar até o Guad-el-kébir, e alveja tremulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os macissos de arvores silvestres, as veigas de flores, os vergeis embalsamados, onde a larangeira, o limoeiro, e as demais arvores fructiferas, trazidas da Persia, da Syria e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao longe Cordova, a capital da Hespanha mussulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que

Abderrahman III, o illustre kalifa, véla pela segurança do imperio. A vasta cidade repousa profundamente; e o ruído mal distincto que parece revoar por cima della, é apenas o respiro lento dos seus largos pulmões, o bater regular das suas robustas arterias. Das almadenas de seiscentas mesquitas não soa uma unica voz de almuhaden, e os sinos das igrejas mosarabes guardam tambem silencio. As ruas, as praças, os azokes, ou mercados, estão desertos. Sómente o murmurio das novecentas fontes ou banhos publicos, destinados ás abluções dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fôra essa que expirára algumas horas antes de nascer a lua, e de tingir com a brancura pallida de sua luz aquelles dois vultos enormes de Azzahrat e de Cordova, que olhavam um para o outro, a cinco milhas de distancia, como dois phantasmas gigantes involtos em largos sudarios? Na manhan do dia que findára El-Hakem, o filho mais velho de Abderrahman, fôra associado ao throno. Os walis, wasires e khatebs da monarchia ommyada tinham vindo reconhece-lo wali-el-ahdi; isto é, futuro kalifa de Andalos e do Maghreb. Era uma idéa affagada longamente pelo velho principe dos crentes que se realisára, e o jubilo

de Abderrahman se havia espraiado n'uma dessas festas, por assim dizer fabulosas, que só sabia dar no seculo decimo a côrte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno da Hespanha.

O palacio Merwan, juncto dos muros de Cordova, distingue-se á claridade duvidosa da noite pelas suas fórmas macissas e rectangulares; e a sua côr tisnada, bafo dos seculos que entristece e sanctifica os monumentos, contrasta com as cupulas aereas e douradas dos edificios, com as alamedas esguias e leves das mesquitas, e com os campanarios christãos, cuja tez docemente pallida suavisa ainda mais o molle raio de luar que se quebra naquelles estreitos pannos de pedra branca, donde não se reflecte, mas cahe na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Cordova, calado e apparentemente tranquillo, o palacio Merwan, a antiga morada dos primeiros kalifas, suscita idéas sinistras, emquanto o aspecto da cidade e da villa imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é só a negridão das suas vastas muralhas a que produz essa apertura do coração que experimenta quem o considera assim solitario e carrancudo: é tambem o clarão avermelhado que resumbra da mais alta das raras frestas abertas na face

exterior da sua torre albarran, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquella luz no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, é como um olho de demonio, que contempla colerico a paz profunda do imperio, e que espera ancioso o dia em que renasçam as luctas e as devastações de que por mais de dois seculos fôra theatro o solo ensanguentado de Hespanha.

Alguem véla, talvez, no paço de Merwan. No de Azzahrat, posto que nenhuma luz bruxulêe nos centenares de varandas, de miradouros, de porticos, de balcões, que lhe arrendam o immenso circuito, alguem véla por certo.

A sala denominada do Kalifa, a mais espaçosa entre tantos aposentos quantos encerra aquelle rei dos edificios, devêra a estas horas mortas estar deserta, e não o está. Dois lampadarios de muitos lumes pendem dos artesões primorosamente lavrados, que, cruzando-se em angulos rectos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro, que reveste as paredes e o tecto. A agua de fonte perenne murmura cahindo n'um tanque de marmore construido no centro do aposento, e no topo da sala erguese o throno de Abderrahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do paiz de Fars. Abderrahman está ahi sósinho. O kalifa passêa de

um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruído longinquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva anciedade; porque o unico ruído que lhe fere os ouvidos é o dos proprios passos sobre o xadrez variegado, que fórma o pavimento da immensa quadra. Passado algum tempo uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do throno, abre-se lentamente, e um novo personagem apparece. No rosto de Abderrahman pinta-se, ao ve-lo aproximar, uma inquietação ainda mais viva.

O recem-chegado apresentava um notavel contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do logar em que se introduzia, e com o aspecto magestoso de Abderrahman, ainda bello apesar dos annos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrára apenas faziam um rumor sumido no chão de marmore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou tunica era de lan grosseiramente tecida, o cincto uma corda de esparto. Divisava-se-lhe, porém, no despejo do andar e na firmesa dos movimentos que nenhum espanto produzia nelle aquella magnificencia. Não era velho; e todavia a sua tez tostada pelas injurias do tempo estava sulcada

de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando ao pé do kalifa, que ficára immovel, cruzou os braços e poz-se a contempla-lo calado. Abderrahman foi o primeiro em romper o silencio:

«Tardaste muito, e foste menos pontual do que costumas, quando annuncias a tua vinda a hora fixa, El-Muulin! Uma visita tua é sempre triste como o teu nome. Nunca entraste a occultas em Azzahrat senão para me saciares de amargura; mas apesar disso eu não deixarei de abençoar a tua presença, porque El-Gafir — dizem-no todos e eu o creio — é um homem de Deus. Que vens annunciar-me, ou que pretendes de mim?»

«Emir-el-muminin [1], que póde pretender de ti um homem cujos dias se passam á sombra dos tumulos pelos cemiterios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o portico de um templo; cujos olhos tem queimado o chôro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dôr e o goso, a morte e a vida, está escripto lá em cima? Que venho annunciar-te?!... O mal; porque só mal ha na terra

[1] *Principe dos crentes*, titulo correspondente ao de kalifa.

para o homem, que vive como tu, como eu, como todos, entre o appetite e o amor; entre o mundo e Eblis; isto é, entre os seus eternos e implacaveis inimigos!»

«Vens, pois, annunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta annos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambições tem sido satisfeitas, todos os meus desejos preenchidos; e todavia nesta longa carreira de gloria e prosperidade só fui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida[1]. Pensava que este fosse o decimo quinto. Devo acaso apaga-lo do registo em que conservo a memoria delles, e em que já o tinha escripto?»

«Pódes apaga-lo:» — replicou o rude fakih — «pódes, até, rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Kalifa! vês estas faces aradas pelas lagrymas? vês estas palpebras requeimadas por ellas? Duro é o teu coração, mais que o meu, se em breve as tuas palpebras e as tuas faces não estão similhantes ás minhas.»

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pallido de Abderrahman: os seus olhos serenos

1 Historico.

como o ceu, que imitavam na côr, tomaram a terrivel expressão que elle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que só por si fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e poz-se a olhar tambem para elle fito.

« El-Muulin, o herdeiro dos Ommyadas póde chorar arrependido de seus erros diante de Deus; mas quem disser que ha neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lagryma, diz-lhe elle que mentiu! »

Os cantos da bôca de El-Gafir encresparam-se com um quasi imperceptivel sorriso. Houve um largo espaço de silencio. Abderrahman não o interrompeu: o fakih proseguiu:

« Emir-el-muminin, qual de teus dois filhos amas tu mais? El-Hakem, o successor do throno, o bom e generoso El-Hakem, ou Abdallah, o sabio e guerreiro Abdallah, o idolo do povo de Cordova? »

« Oh, » — replicou o kalifa sorrindo — « já sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde, e que eu havia de sabe-lo... Os christãos passaram a um tempo as fronteiras do norte e do oriente. Meu velho tio El-Moddhafer já depoz a espada victoriosa, e crês necessario expôr a vida de um delles aos golpes dos infiéis. Vens prophetisar-me a morte do

que partir. Não é isto? Fakih, creio em ti, que és acceito ao senhor; mas ainda creio mais na estrella dos Ommyadas. Se eu amasse um mais do que outro não hesitaria na escolha: fôra esse que eu mandára, não á morte, mas ao triumpho. Se, porém, essas são as tuas previsões, e ellas tem de realisar-se, Deus é grande! Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha em el-djihed [1] contra os infiéis?»

El-Gafir escutou Abderrahman sem o menor signal d'impaciencia. Quando elle acabou de fallar repetiu tranquillamente a pergunta:

«Kalifa, qual amas tu mais dos teus dois filhos?»

«Quando a imagem pura e sancta do meu bom El-Hakem se me representa no espirito, amo mais El-Hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e intelligente do meu Abdallah, amo-o mais a elle. Como te posso eu, pois, responder, fakih?»

«E todavia é necessario que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro. Um delles deve morrer na proxima noite, obscuramente, nestes paços, aqui mesmo talvez, sem

[1] Guerra-sancta.

gloria, debaixo do cutello do algoz, ou do punhal do assassino.»

Abderrahman recuára ao ouvir estas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmesa fingida, sentíra apertar-se-lhe o coração desde que o fakih começára a fallar. A reputação d'illuminado de que gosava El-Muulin, o caracter supersticioso do kalifa, e mais que tudo o haverem-se verificado todas as negras prophecias que n'um longo decurso de annos elle lhe fizera, tudo contribuia para atterrar o principe dos crentes. Com voz trémula replicou:

«Deus é grande e justo. Que lhe fiz eu para me condemnar no fim da vida a perpetua afflicção, a ver correr o sangue de meus filhos queridos ás mãos da deshonra ou da perfidia?»

«Deus é grande e justo.» — interrompeu o fakih. — «Acaso nunca fizeste correr injustamente o sangue? Nunca por odio brutal despedaçaste de dôr nenhum coração de pae, de *irmão*, de amigo?»

El-Muulin tinha carregado na palavra *irmão* com um accento singular. Abderrahman, possuido de mal refreado susto, não attentou por isso.

«Posso eu acreditar uma tão estranha, direi

antes tão incrivel prophecia» — exclamou elle por fim — «sem que me expliques o modo por que se deve realisar esse terrivel successo; e como ha-de o ferro do assassino ou do algoz vir dentro dos muros de Azzahrat verter o sangue de um dos filhos do kalifa de Cordova, cujo nome, seja-me licito dize-lo, é o terror dos christãos, e a gloria do islamismo?»

El-Muulin tomou um ar imperioso e solemne, estendeu a mão para o throno, e disse:

«Assenta-te, kalifa, no teu throno, e escuta-me, porque em nome da futura sorte de Andalos, da paz e prosperidade do imperio, e das vidas e repouso dos mussulmanos eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Successor do propheta, iman [1] da divina religião do Koran, escuta-me, porque é obrigação tua ouvir-me.»

O tom inspirado com que El-Muulin fallava, a hora de alta noite, o negro mysterio que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abderrahman. Machinalmente subiu ao throno, encruzou-se em cima da pilha de coxins

[1] Pontifice. Os kalifas reuniam em si o summo imperio, e o summo pontificado.

em que elle rematava, e encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa: — « Pódes fallar, Suleyman-ben-Abd-El-Gafir! »

Tomando então uma postura humilde, e cruzando os braços sobre o peito, El-Gafir o triste começou da seguinte maneira a sua narrativa.

III

« Kalifa! » — começou El Muulin — « tu és grande; tu és poderoso. Não sabes o que é a affronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e energico, se este não póde repelli-la, e sem demora, com o mal ou com a affronta, vinga-la á luz do sol! Tu não sabes o que então se passa na alma desse homem, que por todo desaggravo deixa fugir alguma lagryma furtiva, e até, ás vezes, é obrigado a beijar a mão que o feriu nos seus mais sanctos affectos. Não sabes o que isto é; porque todos os teus inimigos tem cahido diante do alfange do almogaure, ou deixado tombar a cabeça de cima do cêpo do algoz. Ignoras por isso o que é o odio; o que são essas solidões

tenebrosas, por onde o resentimento, que não póde vir ao gesto, se dilata e vive á espera do dia da vingança. Dir-to-hei eu. Nessa noite immensa, em que se involve o coração chagado, ha uma luz sanguinolenta que vem do inferno, e que allumia o vagabundo. Ha ahi terriveis sonhos, em que o mais rude e ignorante descobre sempre um meio de desaggravo. Imagina como será facil aos altos entendimentos o encontra-lo! É por isso que a vingança, que parecia morta e esquecida, apparece ás vezes inesperada, tremenda, irresistivel, e morde-nos surgindo debaixo dos pés como a vibora, ou despedaça-nos como o leão pulando d'entre os juncaes. Que lhe importa a ella a magestade do throno, a sanctidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distancias, calculou as difficuldades, meditou no silencio, e riu-se de tudo isso! »

E El-Gafir o triste desatou a rir ferozmente. Abderrahman olhava para elle espantado.

« Mas » — proseguiu o fakih — « ás vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de animo tenaz e forte, possuido tambem de alguma idéa occulta e profunda, que se alevante, e rompa a trama urdida nas trévas. Este homem no caso presente sou eu. Para bem? Para mal? — Não sei; mas sou!

Sou eu que venho revelar-te como se prepara a ruina do teu throno, e a destruição da tua dynastia.»

«A ruina do meu throno?» — gritou Abderrahman pondo-se em pé e levando a mão ao punho da espada. — «Quem, a não ser algum louco, imagina que o throno dos Ommyadas póde, não digo quebrar-se, mas apenas vacillar debaixo dos pés de Abderrahman? Quando, porém, fallarás emfim claro, El-Muulin?»

E a colera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih proseguiu:

«Esqueces-te, kalifa, da tua reputação de prudencia e longanimidade. Pelo propheta! Deixa divagar um velho tonto como eu... Não!... Tens razão... Basta! O raio que fulmina o cedro desce rapido do céu. Quero ser como elle... Ámanhan a estas horas teu filho Abdallah ter-te-ha já privado da corôa para a cingir na propria fronte, e o teu successor El-Hakem terá perecido sob um punhal d'assassino. Ainda te encolerisas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?»

«Infame!» — exclamou Abderrahman — «Hypocrita, que me tens enganado! Tu ousas calumniar o meu Abdallah? Sangue! Sangue ha-de correr, mas é o teu. Crias que com essas

visagens d'inspirado, com esses trajos de penitencia, com essa linguagem dos sanctos poderias quebrar a affeição mais pura, a de um pae? Enganas-te, El-Gafir! A minha reputação de prudente, verás que era bem merecida.»

Dizendo isto o kalifa ergueu as mãos como quem ía a bater as palmas. El-Muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indicio de perturbação ou terror.

«Não chames ainda os eunuchos; porque assim é que dás provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossivel fugir. Para matar ou morrer sempre é tempo. Escuta, pois, o infame, o hypocrita até o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que elle é incapaz de mentir a seu amado pae, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possiveis.»

O fakih desatára de novo n'um rir trémulo e hediondo. Metteu a mão no peitilho da aljarabia e tirou uma a uma muitas tiras de pergaminho: pô-las sobre a cabeça e entregou-as ao kalifa, que começou a lêr com avidez. A pouco e pouco este foi empallidecendo, as pernas vergaram-lhe, e por fim deixou-se cahir sobre os coxins do throno, e cobrindo a cara com as mãos, murmurou: — «Meu Deus! porque te mereci eu isto!»

El-Muulin fitára nelle um olhar de girifalte, e nos labios vagueava-lhe um riso sardonico e quasi imperceptivel.

Os pergaminhos eram varias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Beni-Hafsun, e a diversos skeiks berebéres, dos que se haviam domiciliado na Hespanha, conhecidos pelo seu pouco affecto aos Ommyadas. O mais importante, porém, de tudo era uma extensa correspondencia com Ommyah-Ibn-Ishak, guerreiro celebre e antigo alcaide de Santarem, que por graves offensas passára ao serviço dos christãos de Oviedo e Asturias com muitos cavalleiros illustres da sua clientella. Esta correspondencia era completa de parte a parte. Por ella se via que Abdallah contava não só com os recursos dos mussulmanos seus parciaes, mas tambem com importantes soccorros dos infiéis por intervenção de Ommyah. A revolução devia rebentar em Cordova pela morte de El-Hakem e pela deposição de Abderrahman. Uma parte da guarda do alcaçar de Azzahrat estava comprada. El-Barr, que figurava muito nestas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo kalifa. Alli se liam, emfim, os nomes dos principaes personagens implicados na revolta, e todas as circumstancias desta eram explicadas ao antigo alcaide de San-

tarem com aquella individuação que nas suas cartas elle constantemente exigia. El-Muulin fallára verdade: Abderrahman via desdobrar diante de si a longa têa da conspiração, escripta com letras de sangue pela mão de seu proprio filho.

Durante algum tempo o kalifa se conservou como a estatua da dôr na postura que tomára. O fakih olhava fito para elle com uma especie de cruel complacencia. El-Muulin foi o primeiro que rompeu o silencio: o principe ommyada, esse parecia ter perdido o sentimento da vida.

« É tarde » — disse o fakih. — « Chegará em breve a manhan. Chama os eunuchos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da promptidão da tua justiça. Elevei ao throno de Deus a ultima oração, e estou apparelhado para morrer, eu o hypocrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de odio entre ti e teu virtuoso filho. Kalifa, quando a justiça espera não são boas horas para meditar ou dormir. »

El-Gafir retomava a sua habitual linguagem sempre ironica e insolente, e ao redor dos labios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abderrahman das

suas tenebrosas cogitações. Poz-se em pé. As lagrymas haviam corrido por aquellas faces, mas estavam enxutas. A procella de paixões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do principe dos crentes recobrára apparente serenidade. Descendo do throno pegou na mão mirrada de El-Muulin, e apertando-a entre as suas disse:

«Homem que guias teus passos pelo caminho do céu; homem acceito ao propheta, perdoa as injurias de um insensato! Cria ser superior á fraqueza humana. Enganava-me! Foi um momento que passou. Possas tu esquece-lo! Agora estou tranquillo... bem tranquillo... Abdallah, o traidor que era meu filho, não concebeu tão atroz designio. Alguem lh'o inspirou: alguem verteu naquelle animo suberbo as vans e criminosas esperanças de subir ao throno por cima do meu cadaver e do de El-Hakem. Não desejo sabe-lo para o absolver; porque elle já não póde evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pae fui kalifa, e Deus confiou-me na Hespanha a espada da suprema justiça. Morrerá; mas hão-de acompanha-lo todos os que o precipitaram no abysmo.»

«Ainda ha pouco te disse» — replicou El-Gafir — «o que póde inventar o odio que é

obrigado a esconder-se debaixo do manto da indifferença, e até da submissão. El-Barr, o orgulhoso El-Barr, que tu offendeste no seu amor proprio de poeta, e que expulsaste de Azzahrat como um homem sem engenho nem saber, quiz provar-te que ao menos possuia o talento de conspirador. Foi elle que preparou este terrivel successo. Has-de confessar que se houve com destresa. Só n'uma cousa não: em pretender associar-me aos seus designios. Associar-me?... não digo bem... fazer-me seu instrumento... A mim!... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas allianças com os émires infiéis do Frandjat. Fingi estar por tudo; e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei a meu cargo as mensagens aos rebeldes do oriente e a Ommyah-Ibn-Ishak, o alliado dos christãos, o antigo caid de Schantaryn. Foi assim que pude colligir estas provas da conspiração. Loucos! as suas esperanças eram a miragem do deserto... Dos seus alliados apenas os de Zarkosta e das montanhas de Al-kibla não foram um sonho. As cartas de Ommyah, as promessas do émir nazareno de Djalikia [1], tudo era feito por mim.

[1] Os arabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo titulo de reis de Galliza.

Como eu enganei El-Barr, que bem conhece a letra de Ommyah, esse é um segredo que depois de tantas revelações, tu deixarás, kalifa, que eu guarde para mim... Oh, os insensatos! os insensatos!»

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução, que ameaçava trazer á Hespanha mussulmana todos os horrores da guerra civil, devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessario afoga-la em sangue. O longo habito de reinar, juncto ao caracter energico de Abderrahman, fazia com que nestas crises elle desenvolvesse de um modo admiravel todos os recursos que o genio amestrado pela experiencia lhe suggeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ia sacrificar á paz e segurança do imperio, o kalifa despediu El-Muulin, e mandando immediatamente reunir o diwan deu largas instrucções ao chefe da guarda dos slavos. Ao romper da manhan todos os conspiradores que residiam em Cordova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido levando as ordens de Abderrahman aos walis das provincias e aos generaes das fronteiras. Apesar das lagrymas e rogos do generoso El-Hakem, que luctou tenazmente por salvar a vida de seu ir-

mão, o kalifa mostrou-se inflexivel. A cabeça de Abdallah cahiu aos pés do algoz na propria camara do principe no palacio Merwan. El-Barr, suicidando-se na masmorra em que o tinham lançado, evitou assim o supplicio.

O dia immediato á noite em que se passou a scena entre Abderrahman e El-Gafir, que tentámos descrever, foi um dia de sangue para Cordova, e de lucto para muitas das mais illustres familias.

IV

Era pelo fim da tarde. N'uma alcova do palacio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persianas de um vasto almatrah, ou ottomana. Os seus ricos trajos, orlados de pelles alvissimas, faziam sobre-sahir as feições enrugadas, a pallidez do rosto, o encovado dos olhos que lhe davam ao gesto todas as caracteristicas do de um cadaver. Pela immobilidade dir-se-hia que era uma destas mumias que se encontram pelas catacumbas do Egypto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuarias, e inteiriçadas dentro dos sarcophagos de pedra. Um unico signal revelava a vida nessa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e

ponteaguda que se lhe estendia como um cone de neve tombado sobre o peitilho da tunica bordada. Abderrahman, o illustre kalifa dos mussulmanos do occidente, jazia ahi e fallava com outro velho, que, em pé defronte delle, o escutava attentamente; mas a sua voz sahia tão fraca e lenta, que, apesar do silencio que reinava no aposento, só na curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do kalifa.

O seu interlocutor é uma personagem que o leitor conhecerá apenas reparar no modo de que está trajado. A sua vestidura é uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Ha muitos annos que nisto cifrou todos os commodos que acceita á civilisação. Está descalço, e a grenha hirsuta e já grisalha cahe-lhe sobre os hombros em madeixas revoltas e emmaranhadas. A sua tez não é pallida, os seus olhos não perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abderrahman. Naquella, coriacea e crestada, domina a côr mixta de verdenegro e amarello do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a centelha de paixões ardentes, que lhe sussurram dentro d'alma como a lava prestes a jorrar do volcão que ainda parece dormir. É El-Muulin, o sancto fakih, que vimos salvar onze

annos antes o kalifa e o imperio da intentada revolução de Abdallah.

Tinham de feito passado onze annos desde os terriveis successos acontecidos naquella noite em que El-Muulin descobrira a conspiração que se urdia, e desde então nunca mais se vira Abderrahman sorrir. O sangue de tantos mussulmanos vertido pelo ferro do algoz, e sobre tudo o sangue de seu proprio filho descêra como a maldicção do propheta sobre a cabeça do principe dos crentes. Entregue a melancholia profunda, nem as novas de victorias, nem a certeza do estado florescente do imperio o podiam distrahir della senão momentaneamente. Encerrado durante os ultimos tempos da vida no palacio de Azzahrat, a maravilha d'Hespanha, abandonára os cuidados do governo ao seu successor El-Hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversação instructiva da bella Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o unico allivio que adoçava a existencia aborrida do velho leão do islamismo. Mas apenas El-Gafir o triste se apresentava perante o kalifa, elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem tão temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, prégadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abderrahman pa-

recia inteiramente dominado pelo rude fakih, e, ao vê-lo, qualquer poderia ler no gesto do velho principe os sentimentos oppostos do terror e do affecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquelle homem, e a outra metade o repellisse com repugnancia invencivel. O mysterio que havia entre ambos ninguem o podia entender.

E todavia a explicação era bem simples: estava no caracter extremamente religioso do kalifa, na sua velhice e no seu passado de principe absoluto, situação em que são faceis grandes virtudes e grandes crimes. Habituado á lisonja, a linguagem aspera e altivamente sincera de El-Muulin tivera a principio o attractivo de ser para elle inaudita; depois a reputação de virtude de El-Gafir, a crença de que era um propheta, a maneira por que, para o salvar e ao imperio, arrostára com a sua colera, e provára despresar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abderrahman visse nelle, como o mais credulo dos seus subditos, um homem predestinado, um verdadeiro sancto. Sentindo avizinhar a morte, Abderrahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o throno de Deus. Cifrava-se nelle a esperança de um fu-

turo incerto, que não podia tardar, e assim o espirito do monarcha, enfraquecido pelos annos, estudava anciosamente a minima palavra, o menor gesto de El-Muulin; prendia-se ao monge mussulmano como a hera antiga ao carvalho, em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vae trepando para o ceu. Mas, ás vezes, El-Gafir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes vôos de uma piedade profunda, de uma confiança inteira na misericordia divina, o fakih fitava de repente nelle os olhos scintillantes, e com sorriso diabolico vibrava uma phrase ironica, insolente e desanimadora, que ia gelar no coração do kalifa as consolações da piedade, e despertar remorsos e terrores, ou completa desesperação. Era um jogo terrivel em que se deleitava El-Muulin, como o tigre com o palpitar dos membros da rez que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. Nessa lucta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da attracção e repugnancia, que ao mesmo tempo o velho monarcha mostrava para com o fakih, cujo apparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais frequente, e agora se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste, e deixavam de

quando em quando passar um raio affogueado do sol que se punha. O vento tepido, humido e violento fazia ramalhar as arvores dos jardins que circumdavam os aposentos de Abderrahman. As folhas, retinctas já de um verde amarellado e mortal, desprendiam-se das franças das romeiras, dos sarmentos das videiras, e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e, remoinhando nas correntes da ventania, íam, íam, até rastejar pelo chão e empeçar na grama sêcca dos prados. O kalifa, exhausto, sentia aquelle cicio da vegetação moribunda chama-lo tambem para a terra, e a melancholia da morte pesava-lhe sobre o espirito. El-Muulin durante a conversação daquella tarde havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que era accorde com a tristeza que o rodeava.

«Conheço que se aproxima a hora fatal,» — dizia o kalifa. — «Nestas veias em breve se gelará o sangue; mas, sancto fakih, não me será licito confiar na misericordia de Deus? Derramei o bem entre os mussulmanos, o mal entre os infiéis: fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed; e deixo a meu filho um throno firmado no amor dos subditos e na veneração e temor dos inimigos da dynastia dos Ommyadas. Fiz quanto a um ho-

mem era dado fazer pela gloria do Islam. Que mais pretendes? — Porque não tens nos labios para o pobre moribundo senão palavras de terror? — Porque ha tantos annos me fazes beber gole a gole a taça da desesperação?»

Os olhos do fakih, ao ouvir estas perguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daquelles sorrisos diabolicos, com que costumava fazer gelar todas as ardentes idéas mysticas do principe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarcha, onde de feito já vagueavam as sombras da morte; depois dirigiu-se á porta da camara, assegurou-se bem de que não era possivel abrirem-na exteriormente, e voltando para ao pé do almatrah, tirou do peitilho um rôlo de pergaminho, e começou a ler em tom d'indizivel escarneo:

«Resposta de El-Gafir o triste ás ultimas perguntas do poderoso Abderrahman, oitavo kalifa de Cordova, o sempre vencedor, justiceiro e bemaventurado entre todos os principes da raça dos Ommyadas. Capitulo avulso da sua historia.»

Um rir prolongado seguiu a leitura do titulo do manuscripto. El-Muulin continuou:

«No tempo deste celebre, virtuoso, illustrado e justiceiro monarcha, havia no seu diwan

um wasir, homem sincero, zeloso la lei do propheta, e que não sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciencia. Chamava-se Mohammed-Ibn-Ishak, e era irmão de Ommyah-Ibn-Ishak, caid de Schantaryn, um dos guerreiros mais illustres do Islam, segundo diziam.»

«Ora esse wasir cahiu no desagrado de Abderrahman, porque lhe fallava verdade, e rebatia as adulações dos seus lisongeiros. Como o kalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio; e como era justo, o odio breve se traduziu n'uma sentença de morte. A cabeça do ministro cahiu no cadafalso, e a sua memoria passou á posteridade manchada pela calumnia. Todavia o principe dos fiéis sabia bem que tinha assassinado um innocente.»

As feições transtornadas de Abderrahman tomaram uma expressão horrivel de angustia: quiz fallar, mas apenas pôde fazer um signal como que pedindo ao fakih que se calasse. Este proseguiu:

«Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado te allivia e revoca á vida. Continuarei. Podesse eu prolongar *assim* os teus dias, clementissimo kalifa!»

«Ommyah, quando soube da morte ignomi-

niosa de seu querido irmão, ficou como insensato. Á saudade ajunctava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre immaculado, da sua familia. Dirigiu as supplicas mais vehementes ao principe dos fiéis para que ao menos rehabilitasse a memoria da pobre victima; mas soube-se que ao ler a sua carta o virtuoso principe desatára a rir...! Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que elle ria.»

E El-Muulin aproximou-se de Abderrahman, e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

«Estás um pouco melhor... não é verdade, invencivel kalifa? Prosigamos. Ommyah quando tal soube calou-se. O mesmo mensageiro que chegára de Cordova partiu para Oviedo. O rei christão de Al-djuf não se riu da sua mensagem. Dahi a pouco Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades mussulmanas até o Tejo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do kaid de Santarem. Com um numeroso esquadrão de amigos leaes este ajudou a devastar o territorio mussulmano do Gharb até Merida. Foi uma esplendida festa; um sacrificio digno da memoria de seu irmão. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes.

Pouco a pouco Ommyah começou a reflectir. Era Abderrahman quem o offendêra. Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fôra a de uma besta-féra; fôra estupida e van. Ao kalifa, quasi sempre victorioso, que importavam os que por elle pereciam? O kaid de Schantaryn mudou então de systema. A guerra publica e inutil converteu-a em perseguição occulta e efficaz: á força oppoz a destresa. Fingiu abandonar os seus alliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se delle. Quando tornou a apparecer á luz do dia ninguem o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabellos cahiam-lhe desordenados sobre os hombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lh'as tisnado o sol dos desertos. Corrêra a Hespanha e a Africa; espalhára por toda a parte os thesouros da sua familia e os proprios thesouros até o ultimo dirhem, e em toda a parte deixára agentes e amigos fiéis. Depois veiu viver nos cemiterios de Cordova, juncto dos porticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que podesse offerecer-lhe a amargura, as angustias em troca do sangue de Mohammed-Ibn-Ishak. O guerreiro chamou-se desde esse tempo El-Gafir, e o povo denominava-o El-Muulin, o sancto fakih... »

Como sacudido por uma corrente electrica, Abderrahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas ultimas palavras, e ficára sentado, hirto e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos labios, e só pôde murmurar já quasi inintelligivelmente:

« Maldicto! »

« Boa cousa é a historia, » — proseguiu o seu algoz sem mudar de postura — « quando nos recordâmos do nosso passado, e não achâmos lá para colher um unico espinho de remorso! É o teu caso, virtuoso principe! Mas sigamos ávante. O sancto fakih El-Muulin foi quem instigou El-Barr a conspirar contra Abderrahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu animo credulo; quem te puniu com os terrores de tantos annos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar juncto ás portas do inferno que se foste o assassino de seu irmão, tambem o foste do proprio filho; para te dizer que se cobriste o seu nome de ignominia, tambem ao teu se ajunctará o de tyranno. Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso de ha dez annos. Ouve, ouve, kalifa! »

El-Gafir, ou antes Ommyah, levantára gra-

dualmente a voz, e estendia os punhos cerrados para Abderrahman, cravando nelle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarcha tinha os seus abertos e parecia tambem olhar para elle, mas perfeitamente tranquillo. A quem houvesse presenciado aquella tremenda scena não seria facil dizer qual dos dois tinha mais horrendo o gesto.

Era um cadaver o que estava diante de Ommyah: o que estava diante do cadaver era a expressão mais energica da atrocidade de coração vingativo.

«Oh, se não ouviria as minhas derradeiras palavras!...» — murmurou o fakih depois de ter conhecido que o kalifa estava morto. Poz-se depois a scismar largo espaço: as lagrymas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas. — «Um anno mais de tormentos, e ficava satisfeito!» — exclamou por fim. — «Podéra eu dilatar-lhe a vida!»

Dirigiu-se então para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunuchos, as mulheres, e o proprio El-Hakem, inquieto pelo estado de seu pae, precipitaram-se no aposento. El-Muulin parou no limiar da porta, voltou-se para traz, e com voz lenta e grave disse:

«Orae ao propheta pelo repouso do kalifa.»

Houve quem o visse sahir, quem á luz baça do crepusculo o visse tomar para o lado de Cordova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas do oeste, que annunciavam uma noite procellosa. Mas nem em Cordova, nem em Azzahrat, ninguem mais o viu desde aquelle dia.

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA

(1371—2)

I

A ARRAYA-MIUDA.

O SINO das ave-marias, ou da *oração*, tinha dado na torre da sé a ultima badalada, e pelas frestas e portas dessa multidão de casas, que apinhadas á roda do castello, e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cincta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal caberem nellas, viam-se fulgurar aqui e acolá as luzes interiores, emquanto as ruas, tortuosas e immundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores; porque naquelles bons tempos a estreita senda de bosque deserto não era mais triste, temerosa e arris-

cada que a propria rua-nova, a mais opulenta e formosa da capital, pela escuridão da noite. O que, porém, havia ahi desacostumado e estranho era o completo silencio e as trevas profundas em que jazia sepultado o paço d'apar S. Martinho, onde então residia elrei D. Fernando, ao mesmo tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que pareciam indicar que as ondas populares tinham sido agitadas pelo vento de Deus, e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente cahido na calma e somnolencia que vem após a procella.

E assim era, com effeito, como o leitor poderá averiguar por seus proprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado, quizer entrar comnosco na mui affamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sahir da sé, na rua que sobe para os paços da alcaçova, sete ou oito portas acima dos paços do concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovez, que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia annos abandonára o serviço maritimo para se dar á mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e bon-

dade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas tambem porque em um aposento mais retirado e interior uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos, ou escabellos, offereciam todo o commodo aos tavolageiros de profissão, para perderem ou ganharem ahi, em noites de jogo infrene, os bellos alfonsins e maravedis de ouro, ou as estimadas dobras de D. Pedro I, que, ao contrario dos seus antecessores e successores, julgára ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco, e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo de seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da côrte e de todos os saiões, algozes e mais familia da nobre raça dos alguazis sobre a illegalidade de similhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregára para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alchimia, porque se vê que elle existe em mãos abençoadas, produzindo ainda hoje repetidos milagres em tudo analogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da *porta do ferro*, conhecida vulgarmente por tal nome

em consequencia da visinhança desta porta da antiga cêrca, onde os ruídos vagos e incertos, que sussurravam pelas ruas da cidade, soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da sé, falando todos a um tempo, accesos, ao que parecia, em violentas disputas, que ás vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasphemias, indicio evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

Já no fim do seculo decimo-quarto era o povo, assim como hoje, colerico. Então coleras d'infancia; hoje aborrimentos de velhice.

Se na rua o borborinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia-se chamar infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possivel perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha. Para outra parte, d'entre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se re-

velava nos seus coromens de panno d'Arrás, nos cinctos escuros, nas camisas e véus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, em que se sentia profundamente impresso o descaro e insolencia daquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se picheis e taças vazias, e debaixo de alguns delles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assovios e roncos que ás vezes sobresahiam através do ruído daquelle respeitavel congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do enthusiasmo, tinham adormecido na paz d'uma boa consciencia. Emfim, a composta e illustre taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lançarote estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiúcas de Lisboa. O gigante popular tinha ahi assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupção tinham transposto aquelles umbraes sem a sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não têem cabida os adornos de ouropel. É a unica differença moral que ha entre elle e as classes superiores, que se crêem melhores, porque no gymnasio da civilisação aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de compostura hypocrita.

O astro que parecia alumiar com sua luz, aquecer com seu calor aquelle turbilhão de planetas; o centro moral, á roda do qual giravam todos aquelles espiritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scintillantes, cabello negro e revolto, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento, e rodeado de uma vasta pinha de populares de ambos os sexos, que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz grossa e sonora sobresahia no ruído, e só se confundia com alguma jura blasphema que desfechava do meio das outras pinhas de povo, ou com as modulações das risadas, que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo similhantes a clarão affogueado que sulcasse rapidamente as trevas humidas e profundas da crypta subterranea de igreja do sexto seculo.

De repente dois cavalleiros, cuja graduação se conhecia pelos barretes de veludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas, e pelos cinctos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna, e, rompendo por entre o povo, que lhes alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotes puxados para

a cara, de modo que nenhum dos circumstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daquelles cerebros avinhados de o indagar; mas uma identica reflexão atou todas as mãos. Ao longo da côxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito, apertado no cincto, que a ponta erguida do capeirote deixava apparecer, descortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de todo o respeito, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens d'armas, principalmente bésteiros, quasi todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o pôr-lhes o *visto* popular.

Os dois cavalleiros falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que de quando em quando meneava a cabeça fazendo um gesto de assentimento. Depois os dois desconhecidos romperam por entre a turba, que os examinava com uma especie de receio misturado de respeito, e foram assentar-se em dois dos escabellos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovelos em um bofete, com as cabeças apertadas entre os punhos, ficaram immoveis e como alheios ao sussurro que começava a alevantar-se de novo á roda delles.

Este durou breves instantes; um *psiuh* do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquella banda. Subindo a um escabello, elle deu signal com a mão de que pretendia falar.

«Ouvide! Ouvide!» — bradaram alguns que pareciam os maioraes daquella multidão desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos callosas erguerem-se encurvadas, e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie de annel acustico. O orador principiou:

«Arraya-miuda [1]! tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem falantes e avisados para propôr vossos embargos e razoados contra este maldicto e descommunal casamento d'elrei com a mulher de João Lourenço da Cunha?»

«Todos á uma entendemos que deveis ser

[1] Fernão Lopes dá a entender (Chr. de D. João I. P. 1.ª c. 44) que a denominação de *arraya-miuda* se começára a dar aos populares no principio da revolta a favor do Mestre d'Aviz, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro o havia tomado para si o povo miudo já d'antes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Chancell. de D. Diniz L. 3.º das Doações fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Bragança *e toda a arraya-miuda*.

vós, mestre Fernão Vasques: » — respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios d'uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — « Quem ha ahi entre a arraya-miuda mais discreto e aposto para taes autos que vós? Quem com mais urgentes razões proporia nosso aggravo e a deshonra e vilta d'elrei, do que vós o fizestes hoje na mostra que démos ao paço esta tarde? »

« Alcacer, alcacer! por nosso capitão Fernão Vasques: » — bradou unisona a chusma.

« Fico-vos obrigado, mestre Bartholomeu Chambão! » — replicou Fernão Vasques, socegado o tumulto. — « Pelo razoado de hoje terei em paga a forca, se a adultera chega a ser rainha: pelo de ámanhan terei as mãos decepadas em vida, se elrei com suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tendes vós por averiguado, mestre Bartholomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o nó da corda na garganta, que eu o ponto em peitilho de saio, ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutelo do algoz entra mais rijo no gasnate de um christão que a vossa enchó n'uma aduela de pipa? »

« Nanja emquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da bésta me não es-

tourar: » — exclamou um bésteiro de conto, cambaleando e erguendo-se debaixo d'um bofete, para onde o haviam derribado certas perturbações d'enthusiasmo politico.

« *Amen dico vobis!* » — gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de Stentor brigavam com o habito de grosseiro burel e com as desconformes camandulas que lhe pendiam da cincta.

« Olé, Fr. Roy Zambrana, fala linguagem christenga, se queres vir nesse bordo por nossa esteira: » — bradou um petintal d'Alfama, que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e galeotes daquelle bairro, então quasi exclusivamente povoado de similhante gente.

« Digo por linguagem » — acudiu o beguino — « que ninguem como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para ámanhan fallar a elrei aguisadamente sobre o feito do casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva vantagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir ás galés de Castella e doestar os bons servos da igreja. »

Era allusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu á mordente desforra de Fr. Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente contrito, similhante ao gato,

que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Fr. Roy era tambem, como Ayras Gil, um idolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascêra da emulação; de uma duvida cruel sobre a altura relativa do throno de encruzilhada, do throno de lama e farrapos, em que cada um delles se assentava.

Se, pois, aquella multidão não estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dois oraculos lhe não teria deixado a menor duvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de odio que nascêra n'um dia, e n'um dia lançára profundas raizes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisongeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dois resultados, o de ganharem mais credito entre este, e de aplanarem a estrada da forca ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broqueis populares.

Mas que auto era este de que o povo falava? Sabe-lo-hemos remontando um pouco mais alto.

O amor cego d'elrei D. Fernando pela mu-

lher de João Lourenço da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a elrei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coração. Mas as miras daquella mulher, cuja alma era um abysmo de cubiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de vêr a seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ella só enxergava o refulgir da corôa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idéa primitiva de todas as suas idéas. Leonor Telles não amava elrei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor della; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portuguezes, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre

superficial, um nome deshonrado, por ter escripto esse nome na horrivel chronica da Lucrecia Borgia do seculo decimo-quarto. Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ella e seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affectos a D. Leonor, ou que sabiam até onde chegava a sua vingança, a livrou desse tropeço. Seu marido, João Lourenço da Cunha, atterrado, fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella, muito antes da epocha em que começa esta narrativa, viu emfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres, que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos, indignavam-se pelo opprobrio da corôa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infante de Castella, cujo casamento com elrei, ajustado e jurado, este desfizera com a levesa que se nota como defeito principal no caracter de D. Fernando. Entre os que altamente desapprovavam taes amores, o infante D. Diniz, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco [1] eram, segundo parece, os cabeças da

[1] Fernão Lopes affirma que Pacheco não tornára ao reino desde que fugira por escapar á vingança de D. Pe-

parcialidade contraria a D. Leonor; aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achára amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvára da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'elrei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os nobres, porém, que o desapprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores; e a agitação dos animos crescia á medida que os amores d'elrei se tornavam mais publicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resolução que tomára, e estes, posto que

dro I por causa da morte de D. Ignez, senão no anno de 72, em que viera por embaixador d'elrei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Santos affirma o contrario fundado na restituição de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no começo do seu reinado. Não é isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, não só porque depois de vir podia voltar para Castella, mas tambem porque essa restituição podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruição d'um titulo, ou de terras da corôa, por simples mercê, não obrigando a serviço pessoal, ao menos até o tempo de D. João I, não tornava necessaria a presença do donatario no reino. O que prova a verdade da opinião de Santos é a doação feita a Diogo Lopes em 1371 (Reg. de D. Fern. f. 84) da terra de Trancoso *para pagamento de sua quantia*, o que suppõe serviço pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a faze-lo.

a principio lhe fallassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa malaventurada resolução. O povo, porém, não se contentou com isso.

Nas idéas desse tempo, além das considerações politicas, similhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje, e sê-lo-ha em todos os tempos em que a moral social fôr mais respeitada do que o era naquella epocha. Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que d'ahi proviessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal, e por consequencia como fiadores da successão da corôa.

A irritação dos animos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentára violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta historia.

Tres mil homens se tinham dirigido tumultuariamente ás portas do paço, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e estrepito que fazia aquella multidão desordenada assustou elrei, que por um seu privado mandou perguntar o que *lhes prazia* e para que estavam assim reunidos. Então o alfaiate Fernão Vasques,

capitão e procurador por elles, como lhe chama Fernão Lopes, affeiou em termos violentos as intenções d'elrei, regalando D. Leonor dos titulos de má mulher e feiticeira, e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero. A arenga rude e vehemente do alfaiate orador, acompanhada e victoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu elrei a responder com agradecimentos ás injurias, e a affirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, promettendo ir na manhan seguinte aclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos, para onde os emprasava. Com taes promessas pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cahir da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo silencio. Como se, na solidão, elrei quizesse consultar comsigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças córadas das esguias janellas dos paços reaes, que vertiam quasi todas as noites o ruído e o esplendor dos saráus, cerradas nesta hora e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos por entre o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar contínuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam,

separavam, retrocediam, vacillavam, ficavam immoveis, agglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se agglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera razoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho; e as estrellas de serena noite de agosto, similhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, alumiavam o saráu popular, as salas do seu folguedo, a praça e a encruzilhada. Era a um tempo truanesco e terrivel.

Na taberna de micer Folco (onde deixámos as personagens principaes desta historia, para inserir, talvez fóra de logar, o prologo ou introducção a ella) as acclamações freneticas dos populares tinham tornado indubitavel que o *propoedor* para o ajunctamento do dia seguinte devia ser o mui avisado e sages mestre Fernão Vasques. Fr. Roy era de todos os circumstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Ayras Gil o ajudava poderosamente com o ruído dos amplos pulmões dos galeotes d'Alfama, contrahidos como em voga

arrancada, victoriando o seu capitão. O alfaiate não pôde resistir, nem porventura tinha vontade d'isso, a tanta popularidade, e em pé sobre o escabello, com a cabeça levemente inclinada para o peito, n'uma postura entre de resignação e de bemaventurança, tremulava-lhe nos labios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mysterios do seu coração. Emfim, quando a grita começou a asserenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça, e com aspecto grave deu signal de que pretendia falar ainda.

Fez-se de novo silencio.

«Seja, pois, como quereis:» — disse o alfaiate — «mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Falarei eu a elrei com liberdade portugueza: proporei vosso aggravo e a deshonra e feio peccado de sua real senhoria, mas é necessario que vós todos quantos ahi sois estejaes de alcateia e ao romper d'alva no alpendre de S. Domingos. Dizem que a adultera é mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavalleiros seus parentes e parciaes. Bésteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas béstas e aljavas! Pêoada de Lisboa, levae vossas azevans! Os trons e engenhos do castello» — accrescentou o alfaiate em voz mais

baixa e hesitando — « não vos apoquentarão, ainda que elrei o quizesse, porque o alcaide-mór João Lourenço Bubal não é dos affeiçoados a D. Leonor Telles. Sancta Maria e Sanctiago sejam comnosco! Alcacer, alcacer pela arrayamiuda! A repousar, amigos! »

« Alcacer, alcacer! » — respondeu a turba-multa.

« Morra a comborça! » — gritou Ayras Gil com voz de trovão. — « Morra a comborça! » — repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens d'arraz e cinctos pretos, que assistiam áquelle conclave.

« Olha, Ayras, que S. Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil, » — disse Fr. Roy ao petintal com um sorriso diabolico.

« Dor de levadigas te consumam, frade! » — replicou o petintal. — « Quando eu quero que me ouçam é que falo alto. Alcacer por sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castella e de feitiços! »

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcaceres; entre risada e pragas; entre ameaças vans e insultos inuteis, aquella vaga de povo, contida na taberna de micer Folco, espraiou-se pelas ruas, derivou-se pelas quelhas, vielas e becos, embebeu-se pe-

las casinhas e choupanas, que nessa epocha jaziam muitas vezes deitadas juncto ás raizes dos palacios aristocraticos na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados, o alfaiate contemplava aquella multidão, que diminuia rapidamente, e cujo sussurro alongando-se era semelhavel ao gemido do tufão, que passa de noite pelas çarças da campina. Ainda elle tinha os olhos fitos no portal por onde sahíra o vulto indelineavel chamado povo, e já ninguem ahi estava, salvo os dois cavalleiros, que se tinham conservado immoveis na mesma postura que haviam tomado, e Fr. Roy, que se estirára sobre um dos bofetes, e já roncava e assobiava como em somno profundo.

Os dois cavalleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba do homem não pungia nas faces: o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia cahidas sobre os hombros á moda de Castella, e no rosto sulcado de rugas, certificava ser já bem larga a historia da sua peregrinação na terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho com um gesto de impaciencia. Este olhou tambem para elle, e sorriu-se. Depois o ancião chamou o alfaiate em voz baixa, mas perceptivel.

Este, como se cahisse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu, e, saltando do escabello, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dois cavalleiros:

«Senhor infante, que vossa mercê me perdôe e o senhor Diogo Lopes Pacheco! Á fé que, no meio deste arruído, quasi me esquecêra de que ereis aqui. Estaes desenganados por experiencia propria de que posso responder pelo povo, e de que ámanhan não faltarão em S. Domingos?»

«Na verdade» — respondeu o mancebo — que tu governas mais nelle que meu irmão com ser rei! Veremos se ámanhan te obedecem como te obedeceram hoje.»

«És um notavel capitão:» — accrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no hombro do alfaiate. — «Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens d'armas merecerias a alcaidaria de um castello.»

«E podeis estar certo de que só o entregaria no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, áquelle que de mim tivesse preito e menagem.»

«Do que fico certo» — interrompeu o velho Pacheco, com o mesmo tom em que começára — «é que tu já estudaste a fórma do

preito para o que désse e viesse. Mas ainda quizera ter mais uma certeza, e é, de que não me será preciso cozer á ponta de punhal a bôca de quem ousar dizer que o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do genovez Folco Taca.»

Quando estas ultimas palavras, proferidas lentamente, sahiram dos labios do que as proferia, os roncos e assobios do beguino que dormia foram mais rapidos e tremulos.

«Quem é aquelle eremita?» — proseguiu Diogo Lopes, apontando para Fr. Roy com um gesto de desconfiança.

«É um dos nossos:» — respondeu o alfaiate — «um dos que mais têem encarniçado a arraya-miuda contra a feiticeira adultera. Na assuada desta tarde foi um dos que mais gritaram defronte dos paços d'elrei. Por este respondo eu. Não tereis, senhor Diogo Lopes, de lhe cozer a bôca á ponta de vosso punhal.»

«Responde por ti, honrado capitão da arraya-miuda» — replicou o velho cortezão. — «Quem me responde por elle é o seu dormir profundo: quem me responderia por elle, se acordando nos visse aqui, seria este ferro que trago na cincta. Agora o que importa. Em quanto ámanhan elrei se demorar em S. Domingos,

um troço d'arraya-miuda e bésteiros ha-de commetter o paço, e ou do terreiro, ou rompendo pelos aposentos interiores, é necessario que uma pedra perdida, um tiro de bésta disparado por engano, uma azevan brandida em algum corredor escuro, nos assegure que elrei não póde deixar de attender ás supplicas dos seus leaes vassallos e dos cidadãos de Lisboa.»

«Morta!» — exclamou o infante com um gesto de horror. — «Não, não, Diogo Lopes; não ensanguenteis os paços de meu irmão, como...»

«Como ensanguentei os paços de Sancta Clara:» — atalhou Pacheco — «dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos d'isso, porque eu posso e valho com elrei de Castella! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima de vestigios de sangue! Vós passastes ávante, e não vistes os do sangue de vossa mãe! Porque hesitareis ao galgar os do sangue de Leonor Telles? Senhor infante, quem sobe por sendas ingremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fojo, se covardemente recúa.»

D. Diniz tinha-se tornado pallido como ce-

ra. Não respondeu nada; mas dos olhos rebentaram-lhe duas lagrymas.

Fernão Vasques escutou a prelecção politica do velho matador de D. Ignez de Castro com religiosa attenção. E resolveu tambem lá comsigo não se deixar cahir no fojo.

«Far-se-ha como apontaes:» — disse elle falando com Diogo Lopes — «mas se os homens d'armas e bésteiros de João Lourenço Buval descerem do castello...»

«Não te disse, ainda ha pouco, que João Lourenço ficaria quedo no meio da revolta? — Podes estar socegado, que não te certifiquei d'isso só para animares o povo. É a realidade. Agora tracta de dispôr as cousas para que não seja um dia inutil o dia d'ámanhan.

Pegando então na mão do infante, o feroz Pacheco sahiu da taberna e tomou com elle o caminho da Alcaçova. Fernão Vasques ficou um pouco scismando: depois sahiu, dirigindo-se para a porta de ferro, e repetindo em voz baixa: — «Não me precipitarei no fojo!»

Passados alguns instantes de silencio Fr. Roy alevantou devagarinho a cabeça, assentou-se no bofete e poz-se a escutar: depois saltou para o chão, apagou a lampada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca logo que o povo tumultuariamente a inundára, chegou

á porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da sé da banda do norte, e, como um fantasma, desappareceu cozido com a negra e alta muralha da cathedral.

II

O BEGUINO.

Quem hoje passa pela cadêa da cidade de Lisboa, edificio immundo, miseravel, insalubre, que por si só bastára a servir de castigo a grandes crimes, ainda vê na extremidade delle umas ruinas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janella gothica. Esta parede e esta janella são tudo o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho, igreja que tambem já desappareceu, sem deixar sequer por memoria um panno de muro, uma fresta, de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de re-

motas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e segunda dynastia foram mais vezes habitados por elles. Conhecidos successivamente pelos nomes de *paços d'elrei*, *paços dos infantes*, *paços da moeda*, *paços do limoeiro*, a sua historia vae sumir-se nas trevas dos tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portuguezes? Ignorâmo-lo. E que muito, se a origem de Sancta Maria Maior, da veneranda cathedral de Lisboa, é um mysterio? Se, transfigurada pelos terremotos, pelos incendios e pelos conegos, nem no seu archivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas póde achar a certidão do seu nascimento e dos annos da sua vida? Como as da igreja, as ruinas da monarchia dormem em silencio á roda de nós, e, involto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado dellas, e nem sequer indaga porque jazem ahi!

Na memoravel noite em que se passaram os successos narrados no capitulo antecedente, essa janella dos paços d'elrei era a unica aberta em todo o vasto edificio, mas calada e escura como todas as outras. Só, de quando em quando, quem para lá olhasse attento do meio do terreiro enxergaria o que quer que era alvacento, que ora se chegava á janella, ora se retrahia. Mas o silencio que reinava naquelles sitios não

era interrompido pelo menor ruído. De repente um vulto chegou debaixo da janella e bateu as palmas com um som sumido: a figura alvacenta chegou á janella, debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegára subiu rapidamente, e ambos desappareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um destes ultimos, alumiado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil. Os seus passos eram rapidos e incertos, e o seu aspecto carregado. De quando em quando parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se mencava levemente: depois continuava a passear, parando ás vezes com os braços cruzados e como entregue a cogitações dolorosas.

Por fim o reposteiro ondeou d'alto a baixo e franziu-se no meio: mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, após ella um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cincto de esparto, d'onde pendiam umas grossas camandulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se em um estrado de altura de palmo, que corria ao longo d'uma das paredes do aposento. O homem que pas-

seava assentou-se tambem no unico escabello que alli havia. Fr. Roy, que o leitor já terá conhecido, ficou ao pé da porta por onde entrára, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

«Aproxima-te, beguino!» — disse com voz trémula elrei; porque era elrei D. Fernando o homem que se assentára.

Fr. Roy deu uns poucos de passos para diante.

«Que ha de novo?» — perguntou elrei.

«O povo cada vez está mais álvorotado, e jura falar rijamente ámanhan a vossa senhoria. Mas essa não é a peior nova que eu trago!»

«Fala, fala, beguino!» — acudiu elrei, estendendo a mão convulsa para o eremita.

«É que ámanhan, em quanto vossa senhoria estiver em S. Domingos, o paço será accommettido. Pretendem matar...»

«Mentes, frade!» — gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, similhante a tigre descoberto pelos caçadores nos matagaes da Asia. — «Mentes! Podem não me querer rainha: mas assassinar-me! Isso é impossivel. Amo muito o povo de Lisboa; tenho-lhe feito as mercês que posso, para que elle haja de me odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a oppôr-se ao nosso casamento; mas

nunca a pôr mãos violentas na pobre Leonor Telles.»

«Prouvera a Deus que eu mentisse hoje! Seria a primeira vez na minha vida:» — replicou o beguino com ar contrito. — «Mas ouvi com meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execução, haverá tres credos, na taberna de Folco Taca.»

«Miseraveis!» — bradou erguendo-se tambem elrei, a quem o risco da sua amante restituíra por um momento a energia. — «Miseraveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro de meu pae? Te-lo-hão. Quem ousa ordenar tal cousa?»

«Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernão Vasques, o coudel dos revoltosos, e vosso irmão D. Diniz estava tambem com elles:» — respondeu Fr. Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbavel de todo o mundo.

«Velho assassino!» — exclamou D. Fernando — roubaste a amante ao pae; queres rouba-la ao filho. E tu, Diniz, que eu amei tanto, tambem entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que eu quasi que enlouqueci!»

O pobre e irresoluto monarcha cobriu o rosto com as mãos, arquejando violentamente. D. Leo-

nor, cujos olhos centelhantes, cujos labios esbranquiçados revelavam mais odio que terror, lançou-lhe um olhar de despreso, e em tom de mofa respondeu:

« Sim, senhor rei, na falta de vossos leaes conselheiros posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordae vossos pagens, que vão pregar um poste á porta destes paços, e mandae-me amarrar a elle para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedaçar-me tranquillamente ámanhan sem profanar os vossos aposentos reaes. Será mais uma grande mercê que lhe fareis em recompensa do seu amor á vossa pessoa, da sua obediencia aos vossos mandados »

« Leonor, Leonor, não me falles assim, que me matas! » — gritou D. Fernando, deitando-se aos pés de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos, com um chôro convulso. — « Que te fiz eu para me tractares tão cruamente? »

« D. Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se rege com a espada do cavalleiro, ou elle vem collocar a azevan do peão sobre o throno real. Quem não sabe brandir o ferro, cede, deixa-o reinar. »

« Tens razão, Leonor! » — disse D. Fernando, enxugando as lagrymas e alçando a fronte nobre e formosa, onde se pintava a indigna-

ção. — « Serei filho de D. Pedro o cruel; serei successor de meu pae. Eu mesmo vou ao alcacer examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de S. Martinho de pedras, de virotões e de cadaveres: os montantes e as béstas dos homens d'armas e bésteiros do meu alcaide-mór de Lisboa farão o resto. João Lourenço Bubal será fiel a seu rei. Se necessario fôr com minhas proprias mãos ajudarei a pôr fogo á cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor, conta que serás vingada. »

D. Fernando voltou-se rapido para a porta do aposento. Fr. Roy estava immovel diante delle.

« João Lourenço Bubal » — disse o espia sem se alterar — « é dos revoltosos. Ouvi-o da bôca do proprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernão Vasques. Os trons do alcacer estão desapparelhados; e a maior parte dos homens d'armas e bésteiros do alcaide-mór eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que elles chamam... »

« Cal-te, beguino! » — gritou elrei, empurrando-o com força e procurando tapar-lhe a bôca.

O eremita parou onde o impulso recebido o deixou parar, e ficou outra vez immovel diante

de D. Fernando, a quem este ultimo golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

«... A adultera:» — proseguiu Fr. Roy acabando a phrase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual no desempenho do seu ministerio.

«Frade!» — atalhou D. Leonor com voz trémula de raiva — «melhor fôra que nunca essa palavra te houvesse passado pela bôca; porque talvez um dia ella seja fatal para os que a tiverem proferido.»

«Mas que faremos!?» — murmurou elrei com gesto d'indizivel agonia.

«Havia ainda ha pouco tres expedientes,» — respondeu D. Leonor, recobrando apparente serenidade — «combater, ceder, fugir. O primeiro é já impossivel; o segundo!... Porque não o acceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Não me verás mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede á força: os teus vassallos o querem; que-lo o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!»

«Esquecer-me de ti? Não te vêr mais? Nunca! Obedecer á força? Quem ha ahi que ouse dizer ao rei de Portugal: — rei de Portugal, obedece á força? — Os peões de Lisboa?! Porque sou manso na paz, não crêem que a minha espada no campo de batalha córte ar-

nezes como a do melhor cavalleiro? Bons escudeiros e homens d'armas da minha hoste, por onde andaes derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordará como me acordou a mim; bramirá como os lobos da serra ao redor de vossas moradas; saltear-vos-ha no meio de vossos banquetes, por entre o ruído de vossos folgares. No ardor de vossos amores dir-vos-ha: — desamae! — Elle ousa já dize-lo a seu rei e senhor... Oh desgraçado de mim, desgraçado de mim!»

«Não queres, pois, deixar-me entregue á minha estrella?» — disse D. Leonor, com voz entre de chôro e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarcha, e chegando a sua fronte suave e pallida ás faces afogueadas de D. Fernando, que n'uma especie de delirio olhava espantado para ella.

«Não, não! Viver comtigo, ou morrer comtigo. Cahirei do throno, ou tu subirás a elle.»

Um sorriso quasi imperceptivel se espraiou pelo rosto de Leonor Telles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignação, proseguiu com voz lenta mas firme:

«Então resta o fugir.»

«Fugir!» — exclamou elrei. E esta palavra só era mais expressiva que narração bem ex-

tensa dos atrozes martyrios que o malaventurado curtia no coração irresoluto mas generoso, com a idéa de um feito vil e covarde em qualquer escudeiro, vilissimo e torpissimo n'um rei de Portugal, em um neto de Affonso IV.

Elrei olhou para ella um momento. Era sereno o seu rosto angelico, similhante ao de uma dessas virgens que se encontram nas illuminuras de antigos codices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do seculo quinze, ainda a arte moderna não pôde fazer resurgir. O mais esperto physionomista difficultosamente adivinharia a negrura d'alma que se escondia debaixo das puras e candidas feições de D. Leonor, se não fossem duas rugas que lhe desciam da fronte e se uniam entre os sobr'olhos, contrahindo-se e deslisando-se rapidamente, como as vesiculas peçonhentas das fauces d'uma vibora.

«Seja, pois, assim! Fujamos:» — murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o suppliciado daria no alto do patibulo o perdão ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cincto, com que apertava a airosa cinctura, uma bolça de ouropel, e atirou com ella aos pés do beguino, que, de mãos cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abobada do aposento,

parecia extatico e engolfado nos pensamentos sublimes do ceu.

« Vinte dobras de D. Pedro por teu soldo, eremita: vinte pelo teu silencio. O resto da recompensa te-lo-has um dia, se a adultera atravessar triumphadora o portal por onde vae sahir fugitiva. »

O rir affavel de que estas palavras foram acompanhadas fizeram correr um calafrio pela medulla espinal do beguino, cujas pernas vacillaram. Mas o contacto das quarenta dobras, que uniu immediatamente ao peito debaixo do escapulario, lhe restituiram o vigor natural.

Elrei se havia assentado, quasi desfallecido, no escabello unico do aposento, e o seu aspecto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaixão. Quando o beguino alevantou a bolça, D. Fernando fitou nelle os olhos e estendeu a mão para o reposteiro sem dizer palavra.

Fr. Roy curvou a cabeça, cruzou de novo as mãos sobre o peito, e, recuando até a porta, desappareceu no corredor escuro por onde entrára.

Apenas os passos lentos e pesados do eremita deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janella que dava para um vasto terrado, e affastou a cortina, que ser-

via durante o dia de mitigar a excessiva luz do sol. A noite ia em meio do seu curso, como o indicava o mortiço das tochas, que mal allumiavam o aposento, e a lua, já no minguante, começava a subir na abobada do firmamento, mergulhando no seu clarão sereno o brilho esplendido das estrellas. A janella estava aberta, e o escabello d'elrei ficava proximo e fronteiro: o luar batia de chapa no rosto bello e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado scismar, parecia alheio ao que passava á roda delle, e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolução que tomára. Leonor Telles, encostada ao mainel da janella, poz-se a olhar attentamente. A cidade dormia; e apenas o ladro de algum cão cortava aquella especie de zumbido, que é como o respirar nocturno de uma grande povoação que repousa. Lá em baixo uma faixa trémula, similhante a uma ponte de luz, cortava obliquamente o Téjo, d'onde mais largo se encurvava pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade desde Sacavem até o promontorio onde campeava fóra dos arrabaldes o mosteiro de S. Francisco, eram como a juba do leão das batalhas, o esforçado Portugal. Desde o terrado, para o qual dava

a janella, até o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta ingreme e fechado com travezes e cadêas nos topos das ruas, formava uma especie de triangulo, cuja base assentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltado para o occidente, se coroava com a synagoga, abrigada á sombra do vulto enorme da cathedral. Pouco distante do terrado, entre o palacio e a judearia, a claridade da lua batia de chapa em um terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio-arruinadas casas, que pela maior parte pareciam deshabitadas. No meio delle o que quer que era se erguia similhante ao arco de um portal romano. Parecia ser uma ruina, um fragmento de edificio do antigo Olisipo, que esquecêra alli aos terremotos, ás guerras e aos incendios, e ao qual finalmente chegára a sua hora de desabar, porque uma alta escada de mão estava encostada á verga que assentava sobre os dois pilares lateraes e os unia, como se alli a tivessem posto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarêm-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pozera a olhar attentamente.

Depois voltou o rosto para elrei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos, e as mãos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sob

o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixão por alguns momentos, e, estendendo para elle os braços, exclamou:

« Fernando! »

Havia no tom com que foi proferida esta unica palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas no meio da brandura da voz de Leonor Telles havia tambem uma corda aspera; alguma cousa do rugir do tigre.

Elrei deu um estremeção, como se pelos membros lhe houvera coado uma faisca electrica: ergueu-se e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Telles.

« Ámanhan » — disse elle com voz affogada, — « o rei mais deshonrado da christandade serei eu: o cavalleiro mais vil das Hespanhas será D. Fernando de Portugal. Que me resta? Só o teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a corôa real, que para mim tem sido corôa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh Leonor, Leonor! serias a mulher mais perversa se um dia me atraiçoasses. »

Um beijo da adultera cortou as lastimas d'elrei. A formosura desta mulher tinha um toque divino á claridade da lua. D. Fernando, embriagado d'amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por elle.

« Fernando! » — proseguiu D. Leonor — « jura-me ainda uma vez que serás sempre meu, como eu serei sempre tua. »

Dizendo isto, affastou-o brandamente de si.

« Juro-t'o uma e mil vezes pela fé de leal cavalleiro que até hoje fui. Juro-t'o pelo ceu que nos cobre. Juro-t'o pelos ossos de meu nobre e valente avô, que alli dorme juncto ao altar-mór da sé, debaixo das bandeiras infiéis que conquistou no Salado. Juro-t'o por mais que tudo isso: juro-t'o pelo meu amor! »

« Bem está, rei de Portugal! » — atalhou D. Leonor. — « Agora só uma cousa me resta para te pedir. Não é favor; é justiça. »

« Não me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornará a ser minha, rica, povoada e feliz como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes paços de meus antepassados, passando por cima das ruinas della! Não me peças Lisboa, que talvez ámanhan deixe de me chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quizeres. »

« Quero que me dês as minhas arrhas: quero o preço de meu corpo, segundo foro de Hespanha. »

« Villa-viçosa é alegre com um horto de flores, e Villa-viçosa dar-t'a-hei eu. O castello d'Obidos é forte e roqueiro: são numerosos os

prestes para a defeza os seus engenhos, e o castello d'Obidos será teu. Cintra pendura-se pela montanha entre lençoes d'aguas vivas, e respira o cheiro das hervas e flores que crescem á sombra das penedias: pódes ter por tua a Cintra. Alemquer é rica no meio de suas vinhas e pomares, e Alemquer te chamará senhora.»

«Guarda as tuas villas, D. Fernando, que eu não t'as peço em dote: quero apenas uma promessa de cousa de bem pouca valia.»

«De muita ou de pouca, não me importa! Dar-te-hei o que me pedires.»

D. Leonor estendeu a mão para a especie de portada romana que se erguia solitaria no meio do terreiro deserto:

«É alli que tu me darás o preço do meu corpo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo de teu jugo real.»

Elrei lançou um rapido volver d'olhos para onde Leonor Telles tinha o braço estendido, mas recuou horrorisado. O vulto que negrejava no meio do terreiro, era o patibulo popular e peão; era a forca, tetrica, temerosa, maldicta!

«Leonor, Leonor!» — disse elrei com um som de voz cavo e debil — «porque vens tu misturar pensamentos de sangue com pensamentos d'amor? Porque interpões um instru-

mento de morte e de affronta entre mim e ti? Porque preferes o fructo do cadafalso ás villas e castellos de que te faço senhora? Porque trocas a estola do clerigo que ha-de unir-nos pelo baraço aspero do algoz?»

«Rei de Portugal!» — respondeu a mulher de João Lourenço da Cunha com um brado de furor — «ainda me perguntas por que o faço? Tu nunca serás digno do sceptro de teu pae! Queres saber por que ajuncto pensamentos de sangue a pensamentos d'amor? É por que esses de quem eu o peço pediram tambem o meu sangue. Queres saber por que interponho entre mim e ti um instrumento de morte e d'affronta? É por que o teu bom povo de Lisboa quiz tambem interpôr entre nós a morte, e saciar-me de affrontas. Queres que te diga por que prefiro o fructo do cadafalso ás villas e castellos que me offereces? É por que para os animos generosos não ha vender vinganças por ouro. Vingança, rei de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassallos que me perseguem serão tambem perseguidos, e que essa vil plebe, que cobre de injurias e pragas o meu nome, porque te amo, o amaldiçoem, porque levo os seus caudilhos ao patibulo. Este é o preço do meu corpo. Sem esse preço a neta de D. Ordonho de

Leão [1] nunca será mulher de D. Fernando de Portugal.»

E com um braço estendido para o logar sem nome [2] do supplicio, e com o outro curvado como quem affastava de si elrei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

«Tens razão, Leonor:» — disse por fim D. Fernando, depois de largo silencio, em que os affectos inconstantes do seu caracter voluvel mudaram gradualmente. — «Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desaggravo: as linguas que te offenderam calar-se-hão para sempre: os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu throno, até aqui de mansidão e bondade, assentar-se-ha a

[1] A familia de Leonor Telles suppunha-se descender de D. Ordonho II, rei de Leão.

[2] *Logar sem nome.* Nós pelo menos não nos atrevemos a pôr-lh'o. Sabemos só que em tempos remotos a forca esteve perto da igreja de S. João da Praça, freguezia cuja existencia data pelo menos do tempo de D. Affonso III. (Mem. para as Inquir. Doc. 2.°) Talvez o terreiro ou *praça* em que ella estava désse o cognome á parochia. Desconfiâmos, todavia, de que este terreiro se estendesse para o lado oriental da sé, e que nesse caso o nome fosse *Aljami*. D. João I fez mercê em 1392 ao bispo de Lisboa D. Martinho (Chancel. de D. João I, L. 2.°) *de uns pardieiros no chão d'Aljami, que partem com os paços do dito bispo, para fazer umas casas e torre.* Os paços dos bispos ficavam para o lado oriental da sé. Além d'isso *Aljami* parece derivar-se do arabico *aljamea*, que significa *o laço com que se amarram o pescoço e as mãos.*

crueza. Com Judas o traidor seja eu sepultado no inferno se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injuria.»

A estas palavras o aspecto severo de Leonor Telles mudou-se em um sorrir de inexplicavel doçura.

«Oh, como te hei-de amar sempre!» — murmurou ella. E estas palavras cahiam de seus labios meigos e suaves como o arrulhar de pomba amorosa.

Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, assellou este pacto de odio e d'exterminio.

III

UM BULHÃO E UMA AGULHA D'ALFAIATE.

O sol, que havia mais de meia hora sahíra do oriente cingido da sua aureola de vermelhidão, no meio da atmosphera turva e cinzenta de um dia dos fins de agosto, dava de chapa no rocio ou praça onde avultava o mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas e pomares, que verdejavam pelo valle da Mouraria ao oriente, e pelo de Valverde ao norte. Já muitos bésteiros e peões armados de azevans se derramavam ao longo da parede dos paços de Lançarote Peçanha fronteiros ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas d'Almafalla [1],

[1] Hoje o monte da Graça.

outros do arrabalde da Pedreira, ou bairro do almirante [1], outros da banda da alcaçova, outros, emfim, desembocando das ruas estreitas e irregulares que iam dar á opulenta e celebre rua-nova [2]. Homens e mulheres apinhavam-se aos dez e aos doze no meio da praça e ás bôcas das ruas; falavam, meneavam-se, riam, chamavam-se uns aos outros. Ás vezes aquella mó de gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superficie de um pego passando um tufão de vento. Incerta, vacillante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se, e similhante a um triangulo enorme, a uma quadrella gigante desfechada de trom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Ahi hesitava, ondeava e retrahia-se, como resaltaria a folha cortadora de uma acha d'armas quando não podesse romper as portas chapeadas de forte castello. Então aquella multidão tomava a fórma de meia lua, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria, e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, d'onde, confundindo-se e irradian-

1 Hoje o bairro dentro da rua larga de S. Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rocio e Calçada do Duque.
2 Hoje Rua dos Capellistas.

do-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dorme ás vezes por seculos, fôra accommettido d'uma das suas raras insomnias, e vivia essa possante vida da praça publica, em que de ordinario é ridiculo e feroz; mas em que não raro é sublime e terrivel.

Era a manhan immediata á noite em que sobrevieram os acontecimentos narrados antecedentemente: o povo preparava-se para uma lucta moral com o seu rei, mas não se descuidára de vir prestes para uma lucta physica, se D. Fernando quizesse appellar para esse ultimo argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraya-miuda dava mostras da sua força e reivindicava o direito de dizer armada — *não quero!* — O elemento democratico erguia-se para influir activamente na monarchia; enxertava-se nella como principio politico a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra o throno, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria della para esmagar aquelles que ora sopravam os animos á revolta, e davam ao vulgo uma nova existencia.

A hora aprazada para a vinda d'elrei ainda não havia batido; mas o povo, orgulhoso da importancia que subitamente se lhe dera, embevecido na idéa de que obrigaria elrei a partir

os laços adulterinos que o uniam a Leonor Telles, não media o tempo pelo curso do sol, mas pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalhára a voz de que D. Fernando chegára, e duas vezes o povo corrêra para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porém, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que, formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas profundas, sobre os columnellos ponteagudos que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios, avultados na pedra dos capiteis por entre as folhagens de carvalho e de lodão, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimíra o esculptor, escarnecerem da colera popular, que, lenta como as marés do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas lá dentro se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do orgam e do cantochão monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava: e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que sahiam de mil bôcas, e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos psalmos que reboavam dentro da

igreja, e que transsudavam por todos os poros do gigante de pedra um murmurio de paz, de resignação e de confiança em Deus.

O povo, porém, era como os homens robustos do Genesis: era impio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com elle a desconfiança. As noticias corriam encontradas: ora se dizia que elrei cedêra aos desejos dos seus vassallos e dos peões, e que viria annunciar ao povo a sua separação de Leonor Telles; ora pelo contrario se asseverava que elle era firme em sustentar a resolução contraria. Havia até quem asseverasse que na alcaçova e no terreiro de S. Martinho se começavam a ajunctar homens d'armas e bésteiros. A colera popular crescia, porque a atiçava já o receio.

No meio de uma pilha de galeotes, carniceiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dois homens altercavam violentamente: eram Ayras Gil e Fr. Roy: objecto da disputa Fernão Vasques; arguente o petintal; defendente o beguino.

«Que não virá, vos digo eu: » — gritava Ayras Gil.— «Disse-m'o Garciordonez, o mercador de pannos de Ruão e d'Ipres, que mora ao cabo da rua-nova, aos açougues, defronte das taracenas d'elrei. »

«Mentiu pela gorja como um perro ju-

deu: » — replicava Fr. Roy. — « Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a arraya-miuda elegido por seu propoedor. »

« Medo ou dobras do paço podem tapar a bôca aos mais ousados, e faze-los dormir até deshoras » — retrucou o petintal.

« Dobras do paço sei eu que fazem falar » — tornou o beguino com um riso sardonico, lembrando-se do que nessa noite passára: — « medo sabeis vós que faz fugir: inveja sabemos nós todos que faz imaginar... »

« Descaro e gargantoice que faz mendigar: » — interrompeu Ayras Gil, vermelho de colera, cerrando os punhos, e descahindo para o beguino, como galé que vae afferrar outra em combate naval.

« *Excommunicabo vos,* » — murmurou Fr. Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

N'isto os gritos de *alcacer! alcacer!* reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dois campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo despreso para Ayras Gil; e

tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o index para o logar onde passava Fernão Vasques. Depois partiu com a turbamulta que o rodeava, em quanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças da revolta da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma sáia[1] de valencina reforçada, calças de bifa, çapatos de pelle de gamo, chapeirão de ingres com fita de momperle, e cincta de couro, tudo escuro ao modo popular. Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. D'alli, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio. Depois, tirando o chapeirão, cortejou a multidão para um e outro lado: os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

«Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! Alcacer por elrei D. Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e sua vilta, senão!...»

Este brado, que soltou um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do

[1] Muitos dos trajos civis do seculo decimo-quarto eram communs a ambos os sexos, ou pelo menos tinham nomes communs, como se póde vêr da lei de D. Affonso IV ácerca dos trajos.

alpendre, foi repetido em grita confusa por milhares de bôcas.

De repente da banda da rua de Gileanes sentiu-se um tropear de cavalgaduras, que pareciam correr á redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas. — «São homens d'armas d'elrei!» — Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moysés. N'um momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movel e escura: era ampla estrada que se abríra desde a rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes desta adelgaçavam-se rapidamente. Para a banda da Mouraria e da Pedreira os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das azevans populares, que erguidas scintillavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só. Descórou; mas ficou immovel.

Entretanto o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruído: os bésteiros do concelho, postados ao longo dos paços do almirante, eram

talvez os unicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já haviam estendido sobre o braço da bésta os virotes hervados, e revolvendo a polé faziam encurvar o arco para o tiro. Os bésteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda, promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes núa dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e vinhas d'Almafalla, ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas no meio deste susto geral apparecêra um heroe. Era Fr. Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo occulto que lhe dera D. Leonor; ou fosse robustez d'animo, ou fosse finalmente a persuasão de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua d'onde rompia o ruído, e mirando pela aresta do angulo um breve espaço, voltou-se para o povo, e curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do eremita, o povo começou a refluir para a praça. Aquellas risadas

produziam mais animo e enthusiasmo que os *quarenta seculos vos contemplam* de Napoleão, na batalha das Pyramides. Os amotinados recobraram n'um instante toda a anterior energia.

Esta scena tinha sido rapidissima: todavia ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se conheceu claramente a causa daquelle temor que apertára por algum tempo todos os corações. Era a côrte que chegava.

Montados em mulas possantes, os officiaes da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juizes do desembargo vinham assistir ao auto solemne, em que da bôca d'elrei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraya-miuda como dos senhores e cavalleiros, ou a confirmação de um casamento, mal agourado por muitos nobres e por todos os burguezes, e condemnado de um modo nada duvidoso por estes ultimos. No meio das variadas côres dos trajos cortezãos negrejavam as garnachas dos letrados e clerigos do paço, e entre o reluzir dos esplendidos arreios das mulas alentadas e fogosas dos vassallos seculares, dos alcaides-móres e senhores, viam-se rojar as gualdrápas dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados, que consti-

tuiam o supremo tribunal da monarchia, a curia ou desembargo d'elrei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado, e em todos os rostos transluzia o receio ácerca de qual seria o desfecho deste drama terrivel e immenso, em que entravam representantes de todas as classes sociaes.

Entre os membros daquella lustrosa companhia distinguia-se por seu porte altivo o conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa epocha se dá por excellencia o nome de *fiel conselheiro*. Quando os amores d'elrei com sua sobrinha começaram, elle fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligencias para desviar o monarcha de levar ávante seus intentos. D. Fernando persistíra, todavia, nelles, e então o conde, junctamente com a infanta D. Beatriz [1] e com D. Maria Telles, irman de D. Leonor, suscitaram a idéa de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto, e posto que houvesse estendido a sua má vontade a todos os parentes de Leonor Telles, odiava principalmente o conde como protector daquelles adulteros amores. Foi, portanto, nelle que se cra-

[1] D. Beatriz era irman dos infantes D. João e D. Diniz, e meia irman d'elrei.

varam os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado até a altura do throno, ousavam tambem dar testemunho publico do seu odio contra o mais distincto membro da fidalguia [1].

« Velha raposa, em que te pese, não será a adultera rainha da boa terra de Portugal! » — gritava um carniceiro, voltando-se para uma velha que estava ao pé delle, mas olhando de través para o conde que passava.

« *Leal conselheiro* de barreguices, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço? » — perguntava um alfageme, fingindo falar com um vizinho, mas lançando tambem os olhos para D. João Affonso Tello.

« Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo? » — acudiu um lagareiro calvo e acurvado debaixo do peso dos annos. — « Deixae-os morder uns aos outros, que é signal de Deus se amercear de nós. »

« O que elles mereciam » — interrompeu uma regateira — « era serem atagantados [2] com boas tiras de couro cru. »

« E ella, tia Dordia? » — accrescentou um

[1] O titulo de conde era o de maior preeminencia entre nós, e João Affonso Tello era então o unico que em Portugal tinha similhante titulo.

[2] Açoutados.

ferreiro. — « Conheceis vós a comborça? Ás varas a quizera eu: uma do alcaide no chumaço; outra do coitado nas costas della![1] »

« É costume; ergo direita a pena: » — notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle espectaculo, e que até alli guardára silencio.

Estas injurias, que, como o fogo de um pelotão, se disparavam ao longo das extensas e profundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcellos, que, fingindo não as escutar, empallidecia e córava successivamente, e mordia os beiços de colera.

De quando em quando o vociferar affrontoso da gentalha era affogado no ruído de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injurias; porque no rir do vulgo ha o que quer que é tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o animo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham

[1] Segundo varios quadernos legaes do nosso direito consuetudinario e municipal, em certos casos applicava se ás mulheres casadas a pena de que resa o discurso do ferreiro. O alcaide vinha a casa da criminosa, punha no chão um travesseiro, pegava n'uma vara e começava a bater em cima delle, fazendo-lhe o compasso o marido da culpada nas costas desta: tal era o modo porque as mulheres *estavam ás varas*, pena que com menos apparato se applicava tambem aos homens por muitos e diversos crimes.

naquella comitiva, viam-se, porém, muitos fidalgos e letrados, que ou lhe eram pessoalmente inimigos, ou pelo menos desapprovavam alta e francamente a sua união com elrei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles, e o povo ao vê-lo passar saudou-o com um murmurio, que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devêra a um caso analogo, a morte de D. Ignez de Castro.

Quando os fidalgos, cavalleiros e letrados da casa e conselho d'elrei se apearam juncto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praça, subiu após elles, e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada ao redor:

«Se elrei ainda não é presente» — disse em voz intelligivel e firme — «ahi tendes para ouvir vossos aggravamentos os senhores do seu conselho: porventura que elles poderão dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle virá depois confirmar o seu dicto.»

«Senhor Fernão Vasques, sois o nosso propoedor: a vós toca o falar!» — replicou um do povo.

«Assim o queremos! assim o queremos!» — bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortezãos, conselheiros e letrados do desembargo d'elrei, e disse:

«Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estão junctas, de dizer algumas cousas a elrei nosso senhor, que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escripto, que sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve de cessar no que ellas bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devieis dizer isto, e eu não; porém, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros em ello não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço d'elrei...[1]»

«Cal-te, villão!» — bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos com voz affogada de colera, que já não podia conter — «se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injurias, por essa bôca sandia.»

O velho Pacheco pôz-se tambem em pé:

«Conde de Barcellos,» — exclamou elle —

[1] Textual. — Veja-se Fernão Lopes, Chr. de D. Fernando, cap. 61.

«lembrae-vos de que os burguezes têem por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus aggravamentos, de se queixarem, e de os reprehenderem. Nós somos menos que os reis.»

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignação, e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abríra uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, attentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rocio ao tropear da multidão, um semi-circulo de mais de quinhentos bésteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Affonso Tello, e com a mão trémula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

«Senhor conde, vós sois que doestaes os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa; porque eu nada fiz senão repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propuz não é meu. Eis seus auctores! Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o seu gibão de ferro para vestir o de tela, não sei eu se este é mais forte que o do peão, e se tambem a sua bôca

não póde golfar sangue como a de um pobre villão.»

D. João forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mão á cincta onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde já tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Não pôde chegar com a mão ao cincto.

«Conde de Barcellos:» — proseguiu o alfaiate com um sorriso — «não recorraes a esse argumento; porque eu tambem estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhão.»

Estas ultimas palavras, dictas em tom de escarneo, mal foram ouvidas: a grita na praça era já espantosa; as injurias, as pragas, as ameaças, cruzando-se nos ares, produziam aquelle rouco e grande brado da furia popular, que só tem similhança com o ruído de tufão abysmando-se por cavernas immensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dois contendores; os parciaes de D. Leonor o conde; os outros, cujo numero era muito maior, o alfaiate. E tanto estes como aquelles trabalhavam em apazigua-los, posto que todos os animos estivessem quasi tão irritados como os dos dois contendores.

Finalmente o conde cedeu. O aspecto da

multidão, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razões e rogativas dos fidalgos e cavalleiros, attonitos com o espectaculo da ousadia popular; desta ousadia que, menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrivel que a da vespera, a qual apenas se atrevêra ao throno.

Que fazia, porém, o nosso beguino no meio destes preludios de uma eminente assuada? É o que o leitor verá no seguinte capitulo.

IV

MIL DOBRAS PÉ-TERRA E TREZENTAS BARBUDAS.

Mal Fernão Vasques travára do braço do conde de Barcellos, e a grita popular começára a atroar a praça, Fr. Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrára a quina que voltava para a corredoura [1], e seguindo seu caminho por viellas torcidas e desertas, chegára á porta do ferro, d'onde, atravessando o contiguo e malassombrado terreirinho, em que os raios do sol apenas rapida-

[1] A corredoura era uma rua, que, passando ao sopé do monte do Castello, e por detraz de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para Valverde (hoje passeio publico e Salitre).

mente passavam, embargados ao nascer pelos enormes campanarios da cathedral, e ao pôr-se pelos pannos e torres da muralha mourisca, chegára esbaforido a S. Martinho. A porta do paço estava fechada; mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capella-mór, e a tribuna communicava com o palacio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si, e escutou um momento: ninguem estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Fr. Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim della havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou, e escutou de novo. Dentro altercavam tres pessoas: Fr. Roy bateu devagarinho tres vezes, e pôz-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta; e uma voz esganiçada e colerica perguntou: — «Quem está ahi?»

«Eu:» — respondeu o beguino.

«Quem é eu?» — replicou a voz.

«Honrado D. Judas, é Fr. Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a elrei ou á mui excellente senhora D. Leonor para negocio de vulto.»

«Abre, D. Judas, abre!» — disse outra voz que pelo metal parecia feminina, e que soou do lado opposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o eremita entrou.

Era o logar em que Fr. Roy se achava uma quadra pequena, allumiada escaçamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varões de ferro, a qual dava para uma especie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abobada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por unico adereço muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrára na casa das arcas da corôa — do *recábedo do regno*. As duas personagens que ahi estavam, afóra a que abríra a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. Elrei estava em pé curvado sobre uma das arcas, com a fronte firmada sobre o braço esquerdo, e folheando um enorme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas taboas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pello[1]. D.

[1] Para não enfadar os leitores com um sem numero de notas declarâmos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos são exactos e da epocha, porque para taes descripções nos fundâmos sempre em documentos ou monumentos.

Leonor, tambem em pé por detraz d'elrei, olhava attentamente para as paginas do livro. O que abrira a porta era o thesoureiro-mór D. Judas, grande affeiçoado de D. Leonor e valído d'elrei. O judeu apenas voltára a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recem-chegado, tornára immediatamente para ao pé da arca a que elrei estava encostado, e proseguira a vehemente conversação, cujos ultimos eccos Fr. Roy ouvira ao aproximar-se...

«Mil dobras pé-terra e trezentas barbudas são todo o dinheiro que o vosso fiel thesoureiro vos póde apurar neste momento, respigando como a pobre Ruth no campo do vosso thesouro, ceifado, e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aquelles que talvez menos leaes vos sejam. Jurar-vos-hei sobre a toura, se o quereis, que não fica em meu poder uma pogeia.»

Elrei não o escutava. Apenas Fr. Roy entrára, D. Leonor se havia encaminhado para o beguino, e, lançando-lhe um olhar escrutador, lhe perguntára com visivel anciedade:

«Ermitão, a que voltaste aqui?»

«A cumprir com minha obrigação, apesar de vós me terdes dado hontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que a estas horas talvez

tenha já corrido sangue no rocio de Lisboa, e que é espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho e contra os senhores e fidalgos da casa e valia d'elrei.»

Fôra á palavra *sangue* que D. Fernando havia cessado de attender á voz esganiçada do thesoureiro-mór, que continuava em tom de lamentação:

«Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido em vosso serviço, e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseraveis entre os filhos d'Israel. Aonde irei eu buscar dois mil maravedis velhos d'Alemdouro, que são em moeda vossa trezentos e noventa mil soldos?[1]»

1 O maravedi velho de ouro ou de *Alem-Douro* (chamado assim para o distinguir do maravedi de 15 soldos, que era aquelle pelo qual se regulavam as quantias dos que vingavam soldo ou *maravedis*, a que se chamava da Estremadura) valia 27 soldos, isto é, menos de libra e meia das antigas, cada uma das quaes era igual a 20 soldos. A dobra de ouro conhecida pelo nome vulgar de *pé-terra*, mandada lavrar por D. Fernando, tinha o valor legal de 6 libras, e, portanto, era mui superior nominalmente ao antigo maravedi, excedendo-o em preço mais de quatro vezes. Todavia, bem pelo contrario, o valor real d'uma dobra pé-terra era inferior ao maravedi velho na razão de 20 para $32\frac{1}{2}$.

A alteração da moeda feita por D. Fernando no principio de seu reinado confundiu e transtornou completamente o antigo systema monetario: as barbudas, das quaes havia 53 em cada marco da lei de 3 dinheiros, vinham a ser iguaes ás libras novas deste rei, porque, produzindo até ahi um marco da lei de 11 dinheiros 27 libras, ficou em a nova

«Sangue, dizes tu, beguino?» — exclamou elrei — «Oh, que é muito! A quem se atreveram assim esses populares maldictos?»

«Eu proprio vi o nobre conde de Barcellos travar-se com Fernão Vasques; mui grande numero de bésteiros, e peões armados de azevans rodeavam já o alpendre de S. Domingos, e os clamores de *morram os traidores* atroavam' a praça.»

«Que me dêem o meu arnez brunido, a minha capelina de camal, e o meu estoque francez:» — gritou D. Fernando escumando de colera. — «Eu irei a S. Domingos, e salvarei os ricos-homens de Portugal, ou acabarei ao pé delles. Pagens! onde está o meu donzel d'armas?»

«O teu donzel d'armas, rei D. Fernando,» — interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor — «segue com os outros pagens caminho de Santarem, montado no teu cavallo

moedagem produzindo 165, o que, dada a differença do toque entre o marco de lei e o marco das barbudas, tornava cada uma destas a mesma cousa que a libra. Por outra parte, equivalende cada libra a 20 soldos, moeda sem valor intrinseco, vinha o marco de lei a ser representado por 3:900 soldos, e assim o antigo maravedi d'ouro, correspondente á vigesima parte de um marco de prata, correspondia realmente a 195 soldos, ao passo que cada pé-terra, sendo o mesmo que 6 libras, não valia mais de 120 soldos, isto é, ficava para aquella moeda na razão de 20 para 32 $\frac{1}{2}$.

de batalha. Aqui só tens a mula de teu corpo[1] para seguires jornada.»

«Mas o conde de Barcellos! O meu leal conselheiro, deixa-lo-hei despedaçar pelos peões desta cidade abominavel? Lembra-te de que é teu tio; que foi o teu protector, quando o braço de D. Fernando ainda se não erguêra para te coroar rainha.»

«Rei de Portugal, és tu que deves lembrar-te delle, quando o dia da vingança chegar. Então cumprirá que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje não pódes senão deixar entregue á sua sorte o nobre D. João Affonso e os senhores que são com elle; mas não te esqueça que se o seu sangue correr, todo o sangue que derramares para o vingar será pouco, como serão poucas todas as lagrymas que eu verterei sem consolação sobre os seus veneraveis restos. Combateres? Ajudado por quem, n'uma cidade revolta? Os homens d'armas do teu castello quebraram seu preito, e tumultuam na praça: muitos de teus ricos-homens estão conjurados

[1] Os cavalleiros quando se punham a caminho costumavam cavalgar em mulas, como animaes mais rijos e possantes que os cavallos; nestes montava um pagem ou *donzel*. Veja-se principalmente a lei de D. Affonso III *sobre os que vão a cas d'elrei*.

contra ti: teu proprio irmão o está. Partir! partir! Ha quantas horas sabes tu que a ultima esperança está no partir breve? Porque, depois de tantas hesitações, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se não podermos salvar aquelles que, leaes a seu senhor, se foram expôr á furia de homens refeces e crús, para esconder nossa fuga... fuga; que é o seu nome!»

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e labios esbranquiçados da adultera, e a afflicção e o temor comprimidos n'uma lagryma que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das rarissimas que derramára na sua vida.

Elrei tinha-a escutado immovel. Desacostumado a ter vontade propria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeitiçára, ainda mais uma vez cedeu da sua resolução, se não de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

«Partamos. E seja feita a vontade de Deus!»

«*Amen!*» — murmurou o beguino.

«Eremita,» — interrompeu D. Leonor, voltando-se para Fr. Roy — «corre já ao rocio, e dize em voz bem alta aos populares amotinados, que me viste partir com elrei caminho de Santarem. Talvez assim o conde seja salvo, porque a furia desses vis sandeus se voltará

contra mim. Dize-o, que dirás a verdade: quando lá houveres chegado, o meu palafrem terá já transposto as portas da cruz. Guardae-vos, mesquinhos, que elle a torne a passar com sua dona. Frade! esse dia será aquelle em que a *adultera* pague todas as suas dividas!»

Fr. Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentíra na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Telles cravou nelle era diabolico, e a palavra — *adultera* — proferida por ella, soava como um dobrar de campa, e vinha como involta n'um halito de sepulchro: o beguino arrependeu-se desta vez mui seriamente de ter sido tão miudo e exacto na *parte official* que apresentára na vespera. Calou-se, todavia, e sahiu com o seu ademan do costume, cabeça baixa e mãos cruzadas no peito.

Os tres ficaram outra vez sós.

«D. Judas, meu bom D. Judas:» — disse elrei com um gesto de afflicção — «eu não entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua arithmetica. Estou certo de que não deves ao thesouro real uma unica mealha, e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes: mas de certo não queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como um ro-

meiro mendigo. Ao menos os dois mil maravedis de ouro...»

«Ai!»—suspirou o thesoureiro-mór—«juro a vossa real senhoria que me é impossivel achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pé-terra e trezentas barbudas.»

«Fernando» — atalhou Leonor Telles — ordena aos moços do monte que ahi ficaram que enfreiem as mulas: devemos partir já. É tão meu affeiçoado D. Judas, que com duas palavras eu obterei o que tu não podeste obter com tantas rogativas.»

Ella sorriu alternativamente com um sorriso angelico para elrei e para o thesoureiro-mór. D. Fernando obedeceu, e, alevantando o reposteiro que encobria uma porta fronteira áquella por onde entrára o beguino, desappareceu. O thesoureiro ía a falar; mas ficou com a bôca semi-aberta, o rosto pallido, e como petrificado, vendo-se a sós com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos.

«D. Judas,» — disse esta em tom mavioso — «tu has-de fazer serviço a elrei para esta jornada. Darás os dois mil maravedis velhos.»

«Não posso!» — respondeu D. Judas com voz trémula e afogada.

«Judeu!» — replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno, que estava no canto

mais escuro do aposento, coberto de tres altos de pó — «o que está naquella arca?»

O thesoureiro-mór hesitou um momento, e depois balbuciou estas palavras:

«Nada... ou para falar verdade... quasi nada. Bem sabeis que d'antes eu alli guardava algumas mealhas que me sobejavam da minha quantia, mas ha muito que nem essas poucas mealhas me restam.»

«Vejamos, todavia:» — tornou D. Leonor, cujo aspecto se carregava.

«Misericordia!» — bradou D. Judas com indizivel agonia. Mas reportando-se, por um destes arrojos que inspiram os grandes perigos, procurou disfarçar o seu susto, continuando com um riso contrafeito:

«Misericordia, digo; porque fôra mais facil achar entre os amotinados do rocio um homem leal a seu rei, do que eu lembrar-me agora do logar onde terei a chave de uma arca ha tanto tempo inutil e vazia.»

«Perro infiel! eu te vou recordar quem póde dizer onde as havemos de achar.»

«Estaes hoje, mui excellente senhora, merencoria e irosa:» — replicou o thesoureiro-mór, trabalhando por dar ás suas palavras o tom da galantaria, mas visivelmente cada vez mais enfiado e trémulo. — «Assim chamaes

perro infiel ao vosso leal servidor, por causa d'uma chave inutil que se perdeu? Todavia, dizei quem sabe della, e eu a irei procurar.»

«Generoso e leal thesoureiro!» — interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava — «não te dês a esse trabalho, por tua vida. Quem póde faze-la apparecer é um velho cão descrido, que mora na communa de Santarem; eu sei de um remedio que lhe restituirá á lingua a presteza d'uma lingua de mancebo de vinte annos. O seu nome é Issachar. Conhéce-lo?»

«Alta e poderosa senhora, vós falaes de meu pobre pae!» — respondeu o thesoureiro-mór, redobrando-lhe a pallidez. — «Mas tractemos agora do que importa. Com mil e quinhentas dobras pé-terra e trezentas barbudas, que eu disse a meu senhor elrei estarem prestes...»

D. Leonor lançou para o judeu um olhar d'escarneo, e proseguiu:

«Do que importa é que eu tracto. Sabes tu, meu querido D. Judas, que sejam as tuas dobras mil, ou mil e quinhentas, ámanhan a estas horas eu D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, estarei em Santarem? Ouviste já dizer que, em não sei qual da torres do alcacer, ha um excellente potro capaz de desconjuntar n'um instante os membros do mais robusto

villão? Veiu-me agora á idéa que o velho Issachar amarrado a elle deve ser gracioso, porque tendo vivido muito, constrangido a falar, ha-de contar cousas incriveis, quanto mais dizer onde está uma chave, cujo paradouro elle não póde ignorar. Não achas tu tambem que é folgança e desporto digno de qualquer rainha o vêr como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa annos?»

Um suor frio manou da fronte de D. Judas, cujas pernas vacillantes se recusavam a sustê-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas, o judeu tinha cahido de joelhos aos pés della.

«Por mercê, senhora,»—exclamou elle n'um trance horroroso de angustia — «mandae-me açoutar como o mais vil servo mouro: mandae-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoae a meu velho pae, que não tem culpa da pobreza de seu filho. Se eu tivera ou podéra alcançar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que offereci a meu senhor elrei...»

«Judeu!» — atalhou D. Leonor — «tu deves saber tres cousas: a primeira é que os tractos do potro são intoleraveis; a segunda é que eu costumo cumprir as minhas promessas; a terceira é que se neste momento de

aperto eu te podesse applicar o remedio, não o guardaria para a ossada bolorenta de um lebréu desdentado.»

«Vendido cem vezes,» — proseguiu o thesoureiro-mór lavado em lagrymas, e procurando abraça-la pelos joelhos — «eu não poderia apresentar neste momento mais que a somma já dicta de duas mil e quinhentas dobras, e quinhentas barbudas, ainda que vossa mercê me mandasse assar vivo.»

«És um louco, D. Judas!» — interrompeu D. Leonor, affastando de si o judeu com um gesto de brandura. — «Por uma miseria de pouco mais de quinhentas pé-terra consentirás que Issachar, que teu pae, honrado velho! pragueje nas ancias do potro contra o Deus de Abraham, de Jacob e de Moysés?»

O thesoureiro-mór conservou-se por alguns momentos calado, e na postura em que estava. Depois, passando o braço de revés pelos olhos, enxugou as lagrymas e ergueu-se. A resolução que tomára era a de um desesperado que vae suicidar-se.

«Aqui estarão, senhora,» — murmurou elle — «os dois mil maravedis quando os quizerdes. Procurarei obte-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem á vossa partida.»

«Adeus, meu mui honrado D. Judas:» —

disse D. Leonor sorrindo. — «Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.»

Dicto isto, sahiu pela mesma porta por onde sahíra elrei.

O judeu estendeu os braços com os punhos cerrados para o reposteiro que ainda ondeava, levou-os depois á cabeça, d'onde trouxe uma boa porção de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fóra um saquitel pesado, sellado e numerado, e os dois mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos, e como se as forças se lhe tivessem exhaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de bruços sobre a pequena arca, e abraçado com ella desatou a chorar.

«Meu pobre thesouro, juncto com tanto trabalho!» — exclamou por fim entre soluços. — «Guardei-te neste cofre com medo de te vêr roubado, e os salteadores vim encontra-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reaes das mãos dos mordomos. Meus ricos dois mil maravedis de bom ouro, não voltareis sósinhos quando vos tornardes a ajunctar com os vossos abandonados companheiros!»

Esta idéa pareceu consolar de algum modo

D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dois mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: tornou-os a contar, e quando elrei entrou no aposento, já prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que não dava uma pogeia de mais da somma que lhe fôra requerida em nome do potro da torre de Santarem [1].

1 Aquelles que não conhecerem as opiniões, estado de civilisação, e costumes da idade média, medirão o thesoureiro-mór D. Judas por um ministro de fazenda moderno, como, se não nos engana a memoria, lhe chama com uma ignorancia deliciosa o marquez de Pombal em uma lei sobre os christãos-novos, e acharão inverosimil a scena antecedente, posto que esteja bem longe d'isso. A falta de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica, obrigou os reis portuguezes a despresarem a lei das côrtes de 1211, que os inhibia de empregarem judeus no seu serviço. Mas esta necessidade não podia destruir o profundo despreso em que se tinha esta raça, olhada como abominavel em consequencia das convicções politicas e religiosas daquelles tempos, despreso que em grande parte assentava em bons fundamentos. A idéa que se fazia de um judeu na idade média acha-se expressa na lei 23.ª daquellas côrtes, e pinta melhor o pensar dessas eras a similhante respeito do que tudo quanto podessemos aqui escrever. « *Os quaaes judeus* (diz o legislador) *assy como testemunho da morte de Jesu-Christo devem a seer defesus, solamente porque som homeẽs.* » Juncte-se a isto o caracter cruel, hypocrita e cubiçoso de D. Leonor Telles, tão excellentemente pintado pelo grande poeta-chronista Fernão Lopes, e poder-se-ha então avaliar devidamente a verosimilhança desta scena de imaginação no meio de outras scenas da vida real desses tempos.

«Oh,» — exclamou elrei, lançando os olhos para cima do desalmado folio, sobre cujas paginas amarelladas estava empilhado o dinheiro — «temos os dois mil maravedis?!»

«Saiba vossa real senhoria que felizmente tinha em meu poder uma somma pertencente a Jeroboão Abarbanel, o mercador da porta do mar, e de que não me lembrava: ao basculhar as arcas dei com ella: a quantia está completa, e o honrado mercador não levará por certo mais de cinco por cento ao mez, emquanto os ovençaes de vossa senhoria não vierem entregar no thesouro o producto dos direitos reaes vencidos. Então pagar-lhe-hei, até a ultima mealha, a quantia e seus lucros, se vossa senhoria não ordena o contrario.»

«Faze o que entenderes, D. Judas:» — respondeu elrei, que não o ouvíra, attento a metter n'uma ampla bolça de argempel, que trazia pendente do cincto, os dois mil maravedis. — «Tudo fio de ti, honrado e leal servidor.»

E recolhidos os maravedis, sahiu. O judeu ficou só.

«No inferno ardas tu com Dathan, Coré e Abiron, maldicto nazareno!...» — murmurou elle. — «Porém não antes de eu haver colhido os dois... quero dizer, os tres mil e duzentos

maravedis, que me tiraste com tanta consciencia quanta póde ter a alma tisnada de um christão. »

Feita esta jaculatoria ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, sahiu pela porta fronteira, que tambem aferrolhou, e a bulha de seus passos, que se alongavam, soou através dos corredores por onde passára Fr. Roy, até que por aquella parte do palacio tudo cahiu n'um completo silencio.

V

MESTRE BARTHOLOMEU CHAMBÃO.

Fr. Roy, sahindo da casa das arcas, atravessára os corredores vizinhos; mas, em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho, tomára por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a elle. Esta escadinha descia para o atrio do paço. O beguino, habituado pelo seu ministerio a entrar na morada real ás horas mortas, e a sahir nas menos frequentadas, sabia por diuturna experiencia que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrára, já começaria a povoar-se de fiéis, porque, como é facil de sup-

pôr, as igrejas eram naquella epocha mais frequentadas que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rocio, e a espalhar entre os amotinados a noticia da partida d'elrei.

Mas uma difficuldade imprevista lhe embargou os passos. Ou fosse que os acontecimentos da vespera obrigassem a maiores cautelas, não havendo ainda então exercito permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor protecção estava na propria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se não abríra! O beguino hesitou se devia retroceder para sahir pela igreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho o obrigaram a ficar. Mettido no estreito e escuro vão da escada, o eremita, se tal nome se póde dar a um homem que vivia no meio das turbas, assemelhava-se, involto nas suas roupas de burel, e reluzindo-lhe os olhos á meia luz que dava o pateo interior, a um moderno funccionario, que hoje, nesses mesmos paços, e n'um desvão igual, talvez no mesmo sitio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta publica o convide a algum banquete de carne humana, e no esperar atroz rodêa com as garras os ferros do seu

covil, como um tigre captivo. O espia era alli, por assim dizer, uma *preexistencia*, uma *harmonia preestabelecida* do algoz.

Passára obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se mui seriamente quando sentiu pés de cavalgaduras no pateo interior do edificio. D'ahi a pouco um donzel, trazendo na mão uma desconforme chave, e as rédeas de uma valente mula enfiadas no braço, chegou á porta e começou a abri-la. Era um dos donzeis d'elrei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa de frade mendigo, e habituado a estender a mão á espera de alguns soldos que devotamente lhe atiravam senhores, cavalleiros e escudeiros, ao que elle retribuia com a longa lenda das suas orações em aleijado latim, Fr. Roy era acceito a quasi todos os moradores da casa d'elrei, que respeitavam a sua apparente sanctidade. Por isso, sahindo do seu desvão, encaminhou-se para a porta.

« A madre Sancta Maria vos guarde de máu olhado, de feitiços e de ligamentos: » — disse elle, chegando-se ao donzel, e fazendo sobresahir esta ultima palavra.

« Vós aqui, Fr. Roy, por estas horas? » — replicou o donzel, voltando-se admirado.

« Que quereis! » — tornou o beguino. —

«Quando hontem os maldictos burguezes accommetteram os paços reaes com sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquelle desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro como um emparedado em seu nicho. A minha profissão de paz e de religião não me consentia passar por meio de homens possuidos de espirito de colera, e inspirados por Belzebuth, nem o susto me deixava animo desaffogado para ir roçar o burel do meu sancto habito pelos trajos empestados dos filhos de Belial. Tambem a humildade e mortificação christan se oppunham a que eu subisse a pedir gasalhado a algum de vós outros os moradores da casa de nosso senhor elrei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, alli me deixei ficar sobre as lageas humidas, sobre as duras e agudas arestas dos degráus daquella escada. Agora, que a revolta é finda, consolado com as dores que me traspassam os ossos, e confiado na providencia de Jesu-Christo, vou-me ao meu gyro diario para vêr se obtenho da caridade dos devotos a pitança usual com que possa matar a fome de vinte quatro horas, pela qual dou mil louvores ao justo juiz, que reina eternalmente nos altos ceus.»

O beguino revirou beatificamente os olhos, e fez uma visagem entre afflicta e resignada, levando ao mesmo tempo a mão ao joelho, como se alli sentisse uma dor agudissima.

«Veneravel Fr. Roy!» — atalhou o donzel com as lagrymas nos olhos — «se tivesseis procurado o aposento dos donzeis, nós vos dariamos ao menos um almadraque para repousar, e repartiriamos comvosco da nossa cêa. Mas o mal está feito, e o peior é que para hoje não vos posso offerecer abrigo. Vós crêdes, sancto homem, que a revolta é finda, e nunca ella esteve mais accesa. Sua senhoria vae partir já da cidade...»

«Sancta Maria val! Sancto nome de Jesus! Accorrei-nos, virgem bemdicta!» — interrompeu Fr. Roy. — «Pois os populares teimam em sua assuada, e elrei deixa-nos aos coitados de nós, humildes religiosos e cidadãos pacificos, entregues ao furor dos peões?»

«E que remedio, bom Fr. Roy?!» — replicou tristemente o donzel. — «Sem cavalleiros, escudeiros e bésteiros não se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada d'isto tem elrei. Agora vou eu ao rocio avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lá estão, que sigam caminho de Santarem, sob pena de incorrerem em caso de traição se

ficarem em Lisboa, por signal que elrei me recommendou procurasse avisar primeiro que ninguem sua mercê o infante D. Diniz.»

«No rocio, dizeis vós?» — tornou o beguino arregalando os olhos. — «Confesso que vos não entendo.»

Durante este dialogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado na mula que trazia de rédea, e sahido ao terreiro seguido de Fr. Roy, que coxeava, estorcia-se, e suspirava dolorosamente de quando em quando. Passo a passo, e sofreando a mula, caminho da sé, o pagem narrou ao beguino todas as particularidades succedidas aquella manhan, as quaes Fr. Roy sabia melhor do que elle. Chegados defronte dos paços do concelho, o pagem tomou pelo sopé da alcaçova e Fr. Roy pela porta do ferro, não sem terem primeiro sahido da bolça do donzel para a manga do beguino alguns pilartes [1], e da bôca deste para os ouvidos daquelle alguns latinorios pios devidamente escorchados.

Apenas passára o largo da sé e transpozera a velha e soturna porta do ferro, Fr. Roy se achára perfeitamente sarado do seu tão agudo rheumatismo. Ligeiro como um galgo, desceu

[1] Moeda de prata de cinco soldos.

por entre as antigas terecenas reaes, e em menos de tres credos estava no pelourinho [1]. Ahi viu cousa que o fez parar.

Um homem vestido de valencina, e coberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troço de bésteiros e peões armados de lanças ou azevans, de almarcovas ou cutellos: tinha nas mãos um desconforme montante, e na cincta uma espada curta: a turba ora o escutava attentamente, ora prorompia em gritos confusos e estrondosos. Fr. Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartholomeu Chambão, que enthusiasmado proseguia o seu vehemente discurso, sem reparar no beguino:

«Já vo-lo disse: d'aqui ninguem bóle pé antes d'elrei nosso senhor sahir para S. Domingos. Nada de bulha fóra de sazão, que lá estão os esculcas. Daremos mostra ao paço quando ahi fôr só a adultera. Se, como hontem, nos fecharem as portas, isso é outro caso. É preciso que isto se desfaça. A cobra peçonhenta deve sahir da tóca. Não digo que então

[1] As terecenas ou *taracenas* reaes, isto é, o deposito dos aprestos das galés de guerra, eram juncto ao sitio em que hoje vemos a igreja da Magdalena: o pelourinho velho ou *Açougues* era um terreiro que ficava pouco mais ou menos no fim da rua da Prata.

não seja possivel esmagar-se-lhe a cabeça... N'um brandir de azevan... Mas cautela, não haja sangue!... Pelo menos de innocentes... Leaes e esforçados cidadãos desta mui leal cidá... Sáfa, bruto!»

Esta peroração inesperada com que mestre Bartholomeu interrompêra o seu discurso, que se ía elevar ao ápice da eloquencia, procedêra de lhe ter descido a grossa e espaçosa mão do beguino sobre o hombro, que lhe vergára como se houvessem descarregado em cima delle uma aduella de cuba. A Fr. Roy occorrêra uma idéa abençoada, a de communicar a mestre Bartholomeu a nova que D. Leonor lhe recommendára espalhasse entre os amotinados; a nova da sua partida de Lisboa com elrei. O mendicante sabia que o tanoeiro era homem de bofes lavados, e que dentro de meia hora a noticia teria corrido toda a cidade. Assim se esquivava não só a ser visto no rocio pelo donzel, de quem naquelle instante se apartára, mas tambem a achar-se involvido em qualquer desordem que similhante noticia poderia produzir, attenta a irritação dos animos. Além d'isto a lembrança do arripio dorsal, que as ultimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado, lhe fazia quasi desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebêra do fim da sua

arenga) da commissão, que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbíra a Fernão Vasques, podesse ainda desempenha-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações que lhe haviam passado rapidamente pelo espirito, e o vêr que mestre Bartholomeu não levava geito de acabar, o moveram a falar ao tanoeiro, que só o sentíra quando elle lhe descarregára sobre o hombro a ponderosa mas amigavel palmada.

«Com mil e quinhentos satanazes!» — exclamou mestre Bartholomeu, voltando-se e vendo ao pé de si o beguino. — «Sabía que a mão da sancta madre igreja era pesada; mas não pensava que o fosse tanto! Que me quereis, Fr. Roy?»

«Dizer-vos que podeis mandar sahir vossos esculcas de sua atalaia; porque poderiam chegar a passar o inverno ahi antes de verem elrei chegar e passar para S. Domingos.»

«Fr. Roy,» — replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de colera — «para interromper-me com uma de vossas bufonerias não valia a pena de me aleijardes este hombro!»

«Tomae como quizerdes as minhas palavras; chamae-me o que vos aprouver, bufão ou mentiroso, mas a verdade é que não será hoje que os populares falarão com elrei.»

« Pois quê, morreu dos feitiços da adultera, ou tornou-o invisivel algum encantador seu amigo? »

« Nem uma cousa nem outra: mas com estes olhos de grande peccador (aqui o beguino fez o gesto habitual de cruzar as mãos sobre o peito) eu o vi sahir para a banda da porta da cruz... »

« Fr. Roy, olhae que estes honrados cidadãos vos escutam, e que o auto é mui grave para gastar truanices. »

« Já disse, mestre Bartholomeu, que falo verdade. Pelo bento cercilho do sancto-padre vos juro que hoje elrei não dormirá em Lisboa, segundo o geito que lhe vejo. Elle cavalgava uma possante mula de caminho; n'outra ía uma dona coberta com um longo veu: seguiam-no donzeis, falcoeiros e moços de monte. Ao passar ainda lhe ouvi estas palavras: — olhae aquelles villãos traidores como se junctavam: certamente prender-me quizeram, se lá fôra[1]! — Não pude perceber mais nada. Que mais, porém, é preciso? Deixastes fugir a prêa: agora catae-lhe o rasto. »

« Traidor é elle, que nos ha mentido como

[1] Nom quis alla hir e partiosse da çidade com D. Lionor, ho mais escusamente que pode, e hia dizendo pello caminho: « Oolhaae, &c. » — *Fernão Lopes, chr. de D. Fernando c.* 61.

um pagão!» — bradou o tanoeiro sopesando o montante. — «Mas que se guarde de outra vez trazer a Lisboa a adultera! Rainha ou barregan, arrancar-lhe-hemos os olhos. A arraya-miuda foi escarnida; mas não o será em vão. Que dizeis vós outros, honrados burguezes?»

«Escarnidos, escarnidos!» — respondeu com grande grita o tropel. — «Mas á fé que nunca a adultera será rainha de Portugal. Morra a comborça!»

E no meio da alarida, as pontas das lanças e os largos ferros das almarcovas agitadas nos ares scintillavam aos raios do sol oriental como um vasto brazido.

«Ao rocio! ao rocio!» — gritou mestre Bartholomeu. — «Vamos, rapazes: já que não fazemos aqui nada, ao menos que o povo não seja por mais tempo burlado!»

E pondo o montante ás costas, mestre Bartholomeu tomou por uma das ruas que davam para a banda de Valverde, seguido da turba-multa, e sem fazer caso de Fr. Roy, que procurava rete-lo, ponderando que ainda poderia alcançar elrei e fazê-lo retroceder. O tanoeiro, porém, não tinha valor para affrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou só no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto juncto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidarios de D. Leonor e Fernão Vasques se houvesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo numero crescia continuamente, não tinha diminuido. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate ora lançava os olhos de revés para os senhores da côrte e conselho, que, esperando por elrei, passeavam de um para outro lado, ora os espraiava por aquelle mar de vultos humanos, que elle sabia poder agitar ou tornar immoveis com uma palavra ou com um simples aceno. Similhante á hora que precede a procella, em que apenas se vêem correr na atmosphera abafada os castellos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovões roufenhos e prolongados, aquella hora que então passava era espantosa e ameaçadora de estragos, sobre tudo quando, após um rugido terrivel do tigre popular, se fazia na praça apinhada de gente um silencio ainda mais temeroso e tetrico.

Foi n'uma destas interrupções do motim que um pagem, sahindo ao galope do lado da corredoura, veiu apear-se juncto do alpendre, e tirando da cincta um pergaminho aberto o entregou ao infante D. Diniz.

Este fitou os olhos na escriptura, descórou

subitamente, e entregou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

«Estamos perdidos!»

Diogo Lopes leu o conteúdo naquelle escripto fatal, e no mesmo tom respondeu ao infante:

«O caminho de salvação que nos resta é o de Santarem. Obediencia e circumspecção!»

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados e cavalleiros fizeram um circulo no meio do alpendre: e, depois de o haverem lido, fitaram uns nos outros olhos desassocegados. Todos receavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

«Vistes a ordem d'elrei. Como um dos mais velhos entre nós, direi meu parecer. Embora o risco seja grande achando-nos cercados de povo armado e furioso, o nosso dever é pôr a vida por obedecer a nosso senhor elrei.»

«Mas,» — atalhou o doutor Gil d'Ocem, que por mui letrado e prudente era ouvido como oraculo pelos cortezãos — «o caso é grave: o povo se nos vir retirar enviar-se-ha a nós: se lhes dizemos o motivo da nossa partida é capaz de desconcertos maiores que os já commettidos.

Sua senhoria não devêra ter-nos emprasado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares.»

Visivelmente o doutor *em leis e degredos* estava tomado de medo, no que não levava vantagem á maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcellos guardava silencio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisára a tempo, e por isso preoccupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fôra tomada mui tarde. Na vespera elle aconselhára a elrei que cedesse a tudo quanto o povo quizesse; porque, dissolvido o tumulto, facil era chamar á côrte os senhores e cavalleiros de mais confiança, acompanhados de gente de guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os populares ousassem oppôr-se de novo á vontade de seu rei e senhor. D. Fernando acceitára o conselho, que, se não era o mais leal, era ao menos o mais seguro; mas as revelações do beguino, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negocio.

A reflexão de Gil d'Ocem estava em todas as cabeças, e por isso os cortezãos ficaram outra vez em silencio, como buscando um expediente para sahir daquelle difficultoso passo: a

incerteza, o despeito, o receio pintava-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano, que ameaçava traga-los, encapellavam-se aos pés delles: o povo, vendo os fidalgos erguidos e mudos n'um círculo, apinhava-se cada vez mais basto ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbava demais os animos para não poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

«Um alvitre me lembra para obedecermos a elrei e escaparmos á sanha dos populares. É duro para a nossa lealdade; mas é o unico de que nos podemos valer.»

«Dizei, dizei!» — clamaram a um tempo todos, á excepção do conde de Barcellos, que fitou nelle os olhos desconfiados.

«É necessario que annunciemos a nova da partida d'elrei, e que sejamos os primeiros a affeiar este procedimento: é necessario que vamos adiante da indignação dos peões. Depois dir-lhes-hemos que, burlados como elles, nada fazemos aqui. Então nos apartaremos sem susto, e sahiremos da cidade como podérmos, na certeza de que não serei eu o ultimo, apesar de velho, que cruze as portas da alcaçova de Santarem.»

«Mas quem ha-de falar em nosso nome?» — perguntou Gil d'Ocem.

«No vosso, mestre Gil das Leis!» — interrompeu o conde de Barcellos. — «Nem o receio das affrontas de alguns milhares de sandeus, e até nem o da morte me obrigaria a cuspir maldicções sobre o nome daquelle a quem uma vez jurei preito e leal menagem.»

«*Vitam impendere vero nemo tenetur:*» — replicou Gil d'Ocem — ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguem é obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou de seu preito. Vós fazei o que vos aprouver.»

Á auctoridade de um texto latino, trazido assim a ponto por um tão insigne doutor, não havia resistir. Os fidalgos e conselheiros approvaram quasi unanimemente o alvitre de Diogo Lopes.

«Mas quem ha-de falar ao povo?» — insistiu o mestre em leis, que não parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

«Eu, se assim o quizerdes» — replicou immediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortezão víra claramente que a partida d'elrei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculára n'um momento como, sem suscitar a indignação de Fernão Vasques, e por consequencia alguma revelação perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que elrei se

esquivára á influencia do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitavel, e ainda suppondo, o que não era de esperar, que o tumulto fosse ávante, e que Lisboa se rebellasse claramente contra D. Fernando, o resultado da guerra civil tinha muito maior probabilidade de ser favoravel a elrei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquella conjunctura dos principaes meios com que poderia sustentar uma lucta intestina. Assim, o alvitre que offerecêra para a salvação dos cortezãos era só para se haver de salvar a si, conservando ao mesmo tempo a affeição dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse descahir da graça de D. Fernando.

Para os calculos de Diogo Lopes faltára, porém, um elemento: era a delação do beguino; e era justamente esta falta que os destruia todos. Assim é a politica.

O *sacrificio* de Diogo Lopes foi geralmente recebido com approvação e agradecimento. Então elle, sahindo do círculo, aproximou-se a Fernão Vasques, que de quando em quando volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavalleiros.

«Falhou a traça:» — disse o velho cortezão

em voz sumida ao alfaiate. — « Elrei acaba de sahir da cidade. »

Fernão Vasques recuou, e poz-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem não acreditava o que ouvia.

« O que vos digo é a verdade, » — continuou Pacheco. — « Mas não affrouxar! Elrei de Castella é por nós, e bom numero de fidalgos portuguezes o são tambem. Mais; são por nós a maior parte dos que ora aqui vêdes presentes. Conservae o bom animo do povo, e fiae o resto de mim e... de quem vós sabeis. »

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Diniz.

« Mas elrei tomará por mulher D. Leonor » — acudiu o alfaiate atterrado: — « voltará a Lisboa com seus cavalleiros e homens d'armas, e então coitados de nós! »

« Não temaes: o matrimonio adultero será condemnado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que succedeu a elrei D. Sancho: a D. Fernando póde succeder o mesmo. Tambem os fidalgos de Portugal têem homens d'armas. Podeis estar certo de que não vos abandonaremos. Agora resta uma cousa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leaes burguezes, que tão ousadamente se oppozeram á deshonra da sua terra e de seu rei, e

eu devo ser ouvido por elles. Mandae-lhes que façam silencio.»

Fernão Vasques obedeceu: o ruído dos populares, que não descontinuára durante esta scena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com que não cansaremos os leitores, que pouco mais ou menos terão previsto qual seria. Misturando amargas reprehensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, posto que indirectamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignação. Alludiu á resistencia por armas que elrei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento, e no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser annullado pelas censuras da igreja. Emfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta e tractassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as idéas que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto difficultoso; o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperanças aos peões de que elles se encaminhavam para suas alcaidarias e honras com o louvavel intento de se aperceberem em soccorro dos burguezes de Lisboa, e com tal arte o fez, que os senhores

e cavalleiros que se achavam em S. Domingos, sem exceptuar o proprio conde de Barcellos, não viram nas suas palavras senão uma feliz inspiração para os salvar da colera da arraya-miuda.

Esta, durante a larga arenga do antigo conselheiro de Affonso IV, guardára silencio, interrompido a espaços por um desses borborinhos, que são como os annuncios das erupções do volcão popular. Pacheco, emfim, concluiu: mas o espectaculo que tinha diante de si o fez ficar immovel por alguns momentos; e estes foram terriveis. Aquelles centenares de olhos avermelhados, scintillantes de furor, cravados nelle e nos outros fidalgos; aquellas bôcas semi-abertas prestes a prorompêr em brados de morte, eram como um pesadello diabolico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escuta-lo, e não poderem acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram este instante de torpor moral que precedia a procella. Desceram da alpendrada, e montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da corredoura. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavalleiros mais bem-quistos do povo ia o conde de Barcellos, e Diogo Lopes com os seus pagens fechava o

sequito. Se houvessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o angulo do mosteiro, já os doestos grosseiros e violentos voavam contra elle do meio do povo apinhado, e até dois virotes de bésta pareceu sibilarem por cima da sua cabeça. Mas apertando os acicates os cavalleiros seguiram ao longo da corredoura, em quanto Diogo Lopes, victoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuia aquellas mostras de affecto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto numero de cortezãos, alguns dos quaes tinham fundados motivos para recear a irritação desses animos ferozes, exaltados pela fuga d'elrei.

A cavalgada tinha desapparecido, quando um troço de bésteiros e peões desembocou do lado da rua nova. Eram mestre Bartholomeu e a sua gente, que vinham confirmar a nova dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Fr. Roy dissera ter ouvido proferir a elrei, lançadas entre os amotinados como um facho sobre montão de lenha por onde lavra ha muito fogo occulto, levaram o tumulto a um ponto medonho. As affrontas, que até ahi quasi só se encaminhavam contra Leonor Telles e seus parciaes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldicções, as pragas, os

nomes de traidor e covarde se ajunctavam ás mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais elle entraria em Lisboa; outros propunham que se lançasse fogo aos paços reaes. Debalde Fernão Vasques trabalhava por aquieta-los; nem já escutavam o seu idolo. Furiosos espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que se neste momento D. Fernando lhes tivesse apparecido não teriam talvez respeitado a vida do filho do seu tão querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dynastia.

Este motim sem objecto, sem resistencia, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha cahido no seu habitual silencio, e pouco a pouco os fidalgos e cavalleiros, atravessando as portas da cruz, seguiam caminho de Santarem. O systema militar dos antigos parthos dera a victoria a el-rei: elle vencêra fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

VI

UMA BARREGAN RAINHA.

O Douro é bem carregado e triste! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e através desse manto a atmosphera embaciada faz cahir sobre a vossa cabeça os raios do sol semi-mortos, quasi como um frio reflexo de lua, ou como a luz sem calor de uma tocha distante. É depois de alto dia que esse ambiente, similhante ao que ro-

deava os guerreiros de Ossian, vos desopprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germens da morte. Então, se, trepando a um pinaculo das ribas, espraiaes os olhos para a banda do sertão, lá vêdes como uma serpente immensa e alvacenta, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo colo está por baixo de vossos pés: é o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte, até ahi turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe, contornêa-se dos cimos franjados das montanhas engastadas no chão azul dos ceus, e a terra, a perder de vista, parece-nos um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paizagens do Douro a natureza empregou um pincel similhante ao de Miguel Angelo: foi robusta, solemne e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumachia, o Porto ergue-se em amphitheatro sobre o esteiro do Douro, e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de tres provincias, e tendo nas mãos as chaves dos haveres dellas, o seu aspecto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tractar familiarmente. Não façaes cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o á prova, e achar-lhe-

heis um coração bom, generoso e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarde ainda maior porção da desbaratada herança do antigo caracter portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do seculo decimo-quarto o Porto ía ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no caracter dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças politicas e industriaes que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre, e lembrado como origem do nome desta linhagem portugueza, os seus destinos eram humildes comparados com os da theocratica Braga, com os da cavalleirosa Coimbra, com os de Santarem a cortezan, com os de Evora a romana e monumental, com os de Lisboa a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse coroado da sua cathedral, semi-arabe, semi-gothica, em vez do alcacer ameiado; sottoposta, em vez de torre de menagem, aos dois campanarios lisos, quadrangulares e macissos, tão differentes dos campanarios dos outros povos christãos, talvez porque entre nós os architectos arabes quizeram deixar as almadenas das mesquitas estam-

padas como um ferrete da antiga servidão na face do templo dos nazarenos; quem assim visse o *burgo* episcopal do Porto, pendurado á roda da igreja, e defendido antes por anathemas sacerdotaes, que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um emporio de commercio, onde dentro de cinco seculos, mais que em nenhuma outra povoação do reino, classe então fraca e não definida, a que chamavam burguezes, teria a consciencia da sua força e dos seus direitos, e daria a Portugal exemplos de um amor tenaz d'independencia e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua desde o Seminario até além de Miragaia, ou antes até a Foz, pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do seculo decimo-quarto os elementos distinctos de que se compoz. Ao oriente o *burgo do bispo*, edificado pelo pendor do monte da sé, vinha morrer nas hortas, que cobriam todo o valle onde hoje estão lançadas a praça de D. Pedro e as ruas das Flores e de S. João, e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente a povoação de Miragaia, assentada ao redor

da ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival, e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita, e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja, o municipio, e a monarchia entre esses limites pelejaram por seculos suas batalhas de predominio, até que triumphou a corôa. Então a linha que dividia as tres povoações desappareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica.

Era neste burgo ecclesiastico, nesta cidade nascente, que por um formoso dia de janeiro da era de Cesar de 1410 (1372) se viam varridas e cobertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos gascões, se não mentem memorias remotas [1]. Na rua do *Souto*, já assim chamada, talvez pela vizinhança de algum bosque de castanheiros [2], como principal entrada da povoação, andavam as danças judengas e folias mouriscas com musicas e trebelhos ou

[1] Conde D. Pedro, tit. dos Viegas. Cunha, Cat. dos Bispos do Porto, part. 1.ª pag. 15.

[2] E fezerom mui ápressa hũa grande praça ante S. Domingos e a rua do *Souto*, que era entom todo ortas. F. Lopes, Chr. de D. João I, P. 2. c. 96. — Isto era poucos annos depois da epocha de que vamos fallando.

jogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indicio evidente de que se esperava elrei, cuja vinda a qualquer povoação era o unico motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que de certo não folgavam com estes forçados e dispendiosos signaes de contentamento publico.

Com effeito uma numerosa e esplendida cavalgada vinha da banda do bailiado de Leça. Elrei D. Fernando ajunctára em Santarem os seus ricos-homens e conselheiros: amestrado por Leonor Telles na arte de dissimular, recebêra com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, não escaceára mercês [1]. Depois em folgares e caçadas vagueára pelo reino com D. Leonor, até que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomára de a receber por mulher, o que neste dia cumpríra na antiga igreja daquella celebre commenda dos Hospitalarios. Era, pois, para celebrar este matrimonio adultero, agourado pelas maldicções populares, que o bispo D. Affonso, menos escrupuloso que o povo de Lis-

[1] A 25 de setembro de 1371, em Santarem, fez elrei mercê a Diogo Lopes Pacheco da terra de Trancoso para que a haja e tenha em pagamento da sua quantia. Chancell. d'elrei D. Fernando L. 1. f. 84.

boa ácerca de adulterios, vestia de festa o seu mui canonico burgo [1].

A cavalgada, que se víra descer ao longo do valle, já atravessava o rio da villa pela ponte do Souto [2] e encaminhava-se para uma antiga porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito d'elrei ía D. Leonor, a rainha de Portugal: elle montado em um ca-

[1] Este bispo D. Affonso era ainda o mesmo a quem elrei D. Pedro, dizem, quizera açoutar por sua propria mão em consequencia de elle haver commettido adulterio com a mulher de um honrado cidadão, historia miudamente narrada por Fernão Lopes na chronica daquelle rei, e que nós não sabemos dizer até que ponto seja verdadeira. D. Rodrigo da Cunha suppõe que o bispo, corrido desta aventura, escandalosa não pelo delicto, trivialissimo no clero daquelle tempo, mas pelo ameaçado castigo, cousa inaudita antes e depois de D. Pedro, sahíra do bispado e nunca mais voltára ao Porto, posto que ainda vivesse pelo menos até maio de 1372, como se vê do catalogo chronologico dos bispos portuguezes, por J. P. Ribeiro. Esta opinião, que assenta n'um argumento negativo — a falta de noticias desse prelado nos documentos, consultados por D. Rodrigo da Cunha, posteriores aos *eminentes açoutes* — é desmentida pelo testemunho de Fernão Lopes, no cap. 59 da chronica de D. Fernando, que faz presente D. Affonso á renovação das pazes d'Alcoutim, jurada no Porto em 1371. É por isto que, apesar de Cunha, nos pareceu natural fazer abençoar por um bispo, que se pinta como manchado de adulterio, um casamento adultero.

[2] Sobre esta antiga topographia vejam-se as inquirições dos annos de 1258 e 1348 nas Memorias das Inquirições pag. 45 nota 2, e Dissert. Chr. e Crit. tom. 5.º pag. 292 e segg.

vallo de guerra; ella em um palafrem branco, levado de redea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente falava e ria com a formosa cavalleira. Da banda esquerda o bispo D. Affonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscillava e fazia cortezias involuntarias a cada passada da mansissima e veneranda mula episcopal. Juncto ao velho prelado o infante D. Diniz caminhava em silencio, e no aspecto melancholico do mancebo se divisava que uma profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triumphal da mulher que pouco a pouco se convertêra em sua irreconciliavel inimiga. Após estas principaes personagens via-se uma grande multidão de cavalleiros, clerigos, cortezãos, conselheiros, juizes da côrte, companhia esplendida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata e as variadas côres dos trajos de festa, que sobresahiam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clerigos. Adiante d'elrei as danças dos mouros e judeus volteavam rapidas ao som da viola ou alaude arabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso seguiam-se ás danças córos de donzellas burguezas, que celebravam com seus cantos o amor e a ventura dos noivos [1].

[1] Ácerca de similhante usança veja-se F. Lopes, Chr de D. João I, P. 2.ª c. 96.

Mas esse canto tinha o que quer que era triste na toada. Triste era tambem o aspecto dos populares, que sem um só grito de regosijo se apinhavam para vêr passar aquelle prestito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Diniz, cujo rosto melancholico revelava que os seus pensamentos eram accordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consorcio senão um crime e uma fonte de desventuras. Os cortezãos, porém, fingiam não perceber o que passava á roda delles, e pareciam trasbordar de alegria. Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'elrei, mas que vendo emfim D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia, e calculavam já quantas terras, e que somma de direitos reaes lhes poderia render da parte de um rei prodigo a sua mudança de opinião.

Entre estes não se via o tenaz e astuto Pacheco. Habituado ao tracto da côrte por largos annos, experimentado em todos os enredos dos paços, habil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, não tardára em perceber que as mercês e agrados d'elrei e de D. Leonor encobriam intentos de irrevogavel vingança. Conhecendo que a sedição popular fóra inutil, e que, ainda renovada com mais

furia, não poderia resistir ás armas de D. Fernando, havia-se affastado da côrte, e posto que só nos fins desse anno elle passasse a servir o seu antigo protector e amigo D. Henrique de Castella, buscára entretanto esquivar-se ao odio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opinião entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Diniz soffrêra resignado um successo que não podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conservára intacta a sua má-vontade a D. Leonor. Abandonado dos seus parciaes, vendo, se não trahida, ao menos quasi morta e inactiva a alliança de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmão mais velho o infante D. João ligado com essa mulher, da qual este principe mal pensava então lhe viria a ultima ruina; no meio de tanto desamparo, o infante, a principio timido e irresoluto, sentíra crescer a ousadia com os perigos; sentíra girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a côrte, nunca D. Leonor achára um sorriso nos seus labios; nunca o víra conter diante della um só signal de despreso. Assim a colera d'elrei contra seu irmão havia chegado ao maior auge, e os calculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no animo de Leonor Telles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da sé, juncto da qual se dilatavam os paços episcopaes. Ahi as danças e folias pararam e fizeram por um momento silencio: então o infante D. João, tomando nos braços a formosa rainha, a apeou do palafrem: após ella elrei saltou ligeiro do seu fogoso e agigantado ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desapparecido no profundo portal dos paços, e os donzeis conduziam os elegantes cavallos, as mulas inquietas e os mansos palafrens para as vastas e bem provídas cavallariças do mui devoto e poderoso prelado da antiga Festabole [1].

O aposento principal dos paços, quadra vasta e grandiosa, estava de antemão ornada para receber os hospedes reaes do velho bispo D. Affonso. Um throno com dois assentos de espaldas indicava que a elle ía subir tambem uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzellas da sua camara; elrei de todos os principaes cavalleiros. Viam-se entre estes o alferes-mór Ayras Gomes da Silva, ancião veneravel que fôra seu aio, o orgu-

[1] Na supposta divisão dos bispados, attribuida ao rei godo Wamba, dá-se ao Porto o nome de Festabole.

lhoso mordomo-mór D. João Affonso Tello, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Diniz, o prior do hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a côrte, ou tinham vindo assistir ás bodas reaes.

Guiada por D. Fernando, Leonor Telles subiu com passo firme os degraus do throno. Como o navegante, que, affrontando temporaes desfeitos por mares incognitos e aparcellados, e chegando ao porto longinquo, quasi que não crê pisar a terra de seus desejos, assim esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças; a vida trasbordava nella. A seu lado um rei, a seus pés um reino! Era mais que embriaguez; era delirio. Ella sentia um novo affecto, um como desejo de perdão aos seus inimigos! Tremeu de si mesma, e, convocando todas as forças do coração, salvou a sua ferocidade hypocrita, que parecia querer abandona-la. Era severo o seu aspecto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espirito; mas o sorriso tornou a espraiar-se-lhe no rosto, quando o instincto de tigre pôde faze-la triumphar desse momento em que a generosidade costuma accommetter com violencia as almas vingativas e ferozes, o momento em

que se realisa a summa ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do throno e em pé, D. Fernando estendeu a mão: o tropel de cortezãos e cavalleiros, de donas e donzellas formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplendidas, immoveis e silenciosas: elrei volveu olhos lentos para um e outro lado, e disse:

« Ricos-homens, infanções, e cavalleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimonio: como para os outros homens, para os reis se instituiu elle; porque por elle as corôas se perpetuam na linhagem real. É por isso que eu desposei hoje a mui illustre D. Leonor, filha de D. Affonso Tello, descendente dos antigos reis, e ligada com os mais nobres d'entre vós pelo divido do sangue. Assim a rainha de Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que de hoje ávante sois meus. Leaes como tendes sido a vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo titulo. Em que pez a traidores, D. Leonor Telles é minha mulher! Fidalgos portuguezes, beijae a mão á vossa rainha. [1] »

[1] Em grande parte extrahido quasi textualmente da Carta d'Arrhas de Leonor Telles, datada de Eixo aos 5 de Janeiro da era de 1410 (1372).

O velho alferes-mór Ayras Gomes aproximou-se então do throno á voz do seu moço pupillo: ajoelhou e beijou a mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para elrei era como o de pedagogo que de mau humor se accommoda ao capricho infantil de um principe. Ao volver d'olhos do ancião, D. Fernando córou e voltou o rosto.

O infante D. João, porém, dobrando o joelho aos pés da formosa rainha, parecia trasbordar de alegria: contemplando-o, Leonor Telles deixou assomar aos labios um daquelles ambiguos e quasi imperceptiveis sorrisos que, vindos della, sempre tinham uma significação profunda. Porventura que no infante D. João ella já não via mais que o precursor da humilhação de D. Diniz, do seu capital inimigo.

Após o infante os fidalgos vieram successivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte delles eram como os capitães vencidos seguindo ao capitolio um triumphador romano. Podia-se com effeito dizer que, mau-grado desses que se rojavam a seus pés, ella conquistára o throno.

Toda a comprida fileira de nobres e officiaes da corôa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que,

menospresando tantas frontes illustres por valor ou sciencia, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ella, a mulher orgulhosa e implacavel esperava, cogitando no momento em que o mancebo ainda impubere, sem renome, sem poderio, celebre só por seu berço e pelo desgraçado drama da morte de D. Ignez, viesse tributar homenagem á que representava um papel analogo ao daquella desventurada, salvo na sinceridade do amor e na innocencia da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvêra rapidamente os olhos, considerava com os braços cruzados aquelle espectaculo em perfeita immobilidade, de que unicamente sahíra quando Gil Vasques de Resende, que estava a seu lado, se affastára, caminhando para os degraus do estrado. O mancebo apertára a mão do idoso aio, trémula da idade, com a mão ainda mais trémula de colera. Na conta de pae o tinha; venerava-o como filho, e a idéa de o vêr prostituir os seus cabellos brancos aos pés de uma adultera o levára a esse movimento involuntario; involuntario, porque elle, naquella postura e naquella hora, não fazia mais que colligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome de seus avós, do nome dos reis portugue-

zes, esquecida por um de seus irmãos, e talvez mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lagrymas lhe cahiram pelas faces; mas obedeceu a elrei.

Só faltava D. Diniz, que continuára a ficar immovel. Houve um momento de silencio sepulchral na vasta sala, e este silencio era para todos indefinido, mas terrivel.

D. Fernando poz-se a olhar fito para seu irmão, enleiado, ao que parecia, em scismar profundo.

Pouco a pouco todos os fidalgos que povoavam aquella immensa quadra se poderiam crer petrificados como as columnas gothicas, que sustinham as voltas ponteagudas do tecto, se não fosse o respirar anciado e rapido que lhes fazia ranger sobre os peitos e hombros os seus ricos briaes [1].

[1] O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestiam sobre as armas, e por cima da qual apertavam o cincto da espada. Tambem o vestiam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade média, e era ainda lembrado nos fins do seculo decimo-sexto, em que o auctor, ou traductor, do Palmeirim d'Inglaterra tantas vezes se lembra delle. Nas leis sumptuarias de Affonso IV não se tracta é verdade de tal vestido; mas a razão d'isso é obvia: o brial era trajo militar, e aquellas leis versam sobre o vestuario civil. Na ordenação affonsina L. 1.º, tit. 63, §. 21, se manda cingir a espada ao novel *sobre o brial*. O diccionario de Moraes

Os labios d'elrei tremeram, como a superficie do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede immediatamente o tufão. Depois entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

«Infante D. Diniz, beijae a mão á vossa rainha!»

Foi um só o volver de todos os olhos para o moço infante: o sussurro das respirações cessára.

D. Diniz não respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento: parou defronte do throno, e olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escarneo:

«Onde está aqui a rainha de Portugal?»

affirma que o brial era o *manto* dos cavalleiros: é um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portugueza. Eis o que diz o auctor do poema do *Cid*, escripto no meado do seculo decimo-segundo, fallando no brial. (*Sanches, Poes. Cast. ant. al siglo* 15.º *t.* 1.º *pag.* 347).

Vistiò camisa de ranzal tan blanca como el sol
.....
.....
Sobre ella un *brial* primo de ciclaton
.....
Sobre esto una piel bermeia.....
.....
.....
....
De suso cubrió *un manto*, que es de grant valor.

« Infante D. Diniz! » — disse elrei, cujo rosto o furor mal reprimido demudára. — « Soffredor e bom irmão tenho sido por largo tempo: não queiraes que seja hoje só juiz inflexivel do filho querido daquelle que tambem me gerou! Infante D. Diniz! beijae a mão da mui nobre e virtuosa D. Leonor Telles, como fez vosso irmão mais velho, de quem devereis haver vergonha. [1] »

« Nunca um neto de D. Affonso do Salado » — replicou o infante com apparente tranquillidade — « beijará a mão da que elrei seu irmão e senhor quer chamar rainha. Nunca D. Diniz de Portugal beijará a mão da mulher de João Lourenço da Cunha. Primeiro ella descerá desse throno e virá ajoelhar a meus pés; que de reis venho eu, não ella. »

« De joelhos, dom traidor! » — gritou D. Fernando, pondo-se em pé e descendo dois degraus do estrado. — « De joelhos, vil parceiro de reveis sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peões

1 Dizendo elrei sanhudamente contra elle: « Que non avia vergonça nenhuuma, beijarem a mão aa Rainha sua molher o Iffante Dom Joham, que era moor que elle, e isso mesmo seu irmaão, e todollos outros fidallgos do reino, e el soomente dizer que lha nom beijaria, mas que lha beijasse ella a elle. » Fern. Lopes, Chr. d'elrei D. Fern. cap. 62.

de Lisboa, quebra-lo-heis diante de vosso rei: quebra-lo-heis, que vo-lo digo eu!»

D. Diniz viu então que todos os seus passos estavam descobertos: achava-se por isso á borda de um abysmo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do heroe do Salado, e precipitou-se na voragem.

«Vil é a mulher barregan e adultera, e essa é ambas as cousas. Traidor seria um rei de Portugal que assentasse o adulterio no throno, e vós o fizestes, rei deshonrado e maldicto de vosso Deus e de vosso povo! Quem neste logar é o vil e o traidor?»

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descahir os braços. Elle bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas elrei se alevantára, D. Leonor, cujas faces se haviam tingido da amarellidão da morte, se erguêra tambem. Naquelle rosto, similhante ao de uma estatua de sepulchro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez maior, das duas rugas frontaes que se lhe vinham junctar entre os sobr'olhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Diniz, elrei soltára um destes rugidos de desesperação e colera humana, que nem o rugido da mais brava fera póde igualar; grito de ventriloquo, que é como o estridor de

todas as fibras do coração que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro gyro do instrumento do supplicio; rugido, grito, gemido, conglobados n'um só hiato, fundidos n'um som unico pela raiva, pelo odio, pela angustia: brado que só terá eccho pleno no bramido que ha-de soltar o reprobo quando no derradeiro juizo o julgador dos mundos lhe disser: — para ti as penas eternas.

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavalleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relampago elle tinha arrancado da cincta a agudo bulhão, e com os olhos desvairados encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmão o esperava immovel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: *aqui!*

Mas D. Fernando não pôde offerecer nas aras do adulterio um fratricidio: uma barreira se tinha alevantado a seus pés. Era um velho de fronte calva, e de longas melenas brancas e desbastadas pelos annos: era aquelle que lhe fôra mais que pae, e que elle respeitava mais que a memoria deste: era o seu alferes-mór, o veneravel Ayras Gomes, que ajoelhado lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lagrymas:

«Senhor! que é vosso irmão!»

«É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentes, velho! Elle já o não é!»

Á palavra — *mentes!* — um relampago de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavalleiro: abaixou os olhos, e correu-os pela espada. Fôra esta a primeira vez que ella ficára na bainha depois de tão funda affronta. Mas aquelle era o momento dos grandes sacrificios. Ayras Gomes replicou, alimpando as lagrymas:

«Nunca vos menti, senhor, nem quando ereis na puericia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou innocente, D. Diniz é filho de meu bom senhor D. Pedro. A vosso pae servi com lealdade; por vôs já me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavalleiros de Portugal: elle é que não tem talvez um só. Senhor rei, ficae certo que para assassinar vosso irmão vos é mister passar por cima do cadaver de vosso segundo pae.»

Atalhado assim o primeiro impeto, o caracter do moço monarcha revelou-se inteiro neste momento. Commoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via a seus pés; e com a irresolução pintada nos olhos fitou-os em Leonor Telles.

Por uma reflexão instantanea a hyena prevíra que o sangue derramado pelo fratricida não cahiria sómente sobre a cabeça deste, mas tambem sobre a della. Naquelle rosto, então similhante ao de uma estatua, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ella estivesse escripta com sangue.

Entretanto os cortezãos, que no furor rompente d'elrei haviam ficado estupefactos e quedos, vendo-o vacillar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ía interpôr-se tambem entre D. Diniz e elrei, quando este arrancára o punhal, parára ao vêr a heroica resolução do alferes-mór; mas ao hesitar de D. Fernando corrêra a abraçar-se com o seu pupillo, que, no meio de tantos animos agitados por paixões diversas, era quem unicamente parecia tranquillo e alheio ao terror que se pintava em todos os semblantes.

Finalmente elrei metteu vagarosamente o punhal no cincto, e com voz pausada, mas trémula e presa, disse:

«Que esse malaventurado sáia d'ante mim.»

O tom com que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o animo de D. Diniz, cujo coração antes d'isso parecêra de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua. Sentíra que

até então era uma colera cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porém, no modo e na expressão de D. Fernando víra claramente que era um amor de irmão que expirára.

Com a cabeça pendida em cima do hombro de Gil Vasques de Resende sahiu do aposento.

Era talvez o velho o unico amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o collo formoso por mal contido suspiro.

«Coração compadecido e generoso!» — pensou lá comsigo o alferes-mór, que havia pouco a tractára pela primeira vez.

«Hora maldicta e negra, em que perdi metade de minha tão esperada vingança!» — pensava Leonor Telles, e o chôro rebentou-lhe com violencia.

«Não te afflijas, Leonor:» — disse D. Fernando, apertando-a ao peito. — «Que nunca mais eu o veja, e viva, se podér, em paz!»

Mas as lagrymas correram ainda com mais abundancia e amargura.

O resto daquelle dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmosphera em que respirava a nova rainha tinha o que quer que era pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

Á meia-noite, por um claro luar de ceu limpo de inverno, uma barca subia com difficuldade a corrente rapida do Douro: á pôpa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dois cavalleiros que ahi íam assentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava uma cantiga melancholica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

Mortos me são padre e madre:
Eu tamanino fiquei.
Irmãos meus mal me quizeram:
Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo;
Sabe Deus se o correrei!
A alma deixo-a cá presa;
O corpo só levarei.

De meus avós nos solares
Nasci: dois dias passei:
Meus irmãos, nada vos tenho,
Senão o nome que herdei.

Esta cantiga, cuja toada monotona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por um doloroso suspiro. Um dos cavalleiros o dera.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ancia, e depois continuaram:

Se fui rico, ora sou pobre:
Choro hoje, se já folguei:
Villas troquei por desvios:
Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre, ou irmãos,
A quem me soccorrerei?
A ti, meu Senhor Jesus:
Senhor Jesus me accorrei!

Um gemido mais angustiado, que sahiu involto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que já a interrompêra. O seu companheiro bradou aos barqueiros com a voz trémula e cansada de um ancião:

« Calae-vos ahi com vossas trovas maldictas! »

Os remeiros vogaram em silencio; mas pensaram lá comsigo que muito damnadas deviam ser as almas de cavalleiros que assim maldiziam tão devoto trovar.

Repararam, porém, que dos dois desconhecidos, o que suspirára e gemêra lançára os braços ao pescoço do que falára, e que este, affagando-o, lhe dizia:

« Quando todos, senhor, vos abandonarem

não vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos creei, e á esclarecida e sancta memoria de vosso virtuoso pae.»

Então os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que não fossem duas almas damnadas aquellas, mas sim malaventuradas.

VII

JURAMENTO — PAGAMENTO.

Passára mais de um anno depois do casamento d'elrei. Este casamento, que explicava o repudio da infanta da Castella, não bastára em verdade para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capitulos addicionaes do tractado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que similhante offensa devia gerar no animo do rei castelhano não fosse assaz forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitára novos motivos de sérias desavenças, que não particularisaremos aqui, por não virem a nosso intento. Baste saber que, depois de

inuteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessára rapidamente a Beira, passára juncto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Telles, e vindo offerecer batalha a elrei D. Fernando, que estava em Santarem, e que não acceitou o combate, se encaminhára para Lisboa, cujos habitantes desapercebidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de Affonso III, de cujas torres e adarves viram os castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o arrabalde, sem lhes podêrem pôr obstaculo. No meio deste apertado cêrco, desamparados d'elrei, que apenas lhes enviára alguns de seus cavalleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com varia fortuna haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos, e o que mais duro era de soffrer, á fome, á sede, e até ao receio de traições de seus naturaes. Finalmente D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu affastar dos seus muros o exercito d'elrei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dois mezes.

Era nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de primavera. O

ar estava tepido e o ceu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva e a madresilva, e as rosas bravias, enredadas pelos vallados, embalsamavam a atmosphera. Mas estes eram os unicos signaes que nos arredores de Lisboa revelavam aquella estação suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos, que nessas eras a rodeavam, jaziam decepados em terra, como se por alli tivesse passado fouce gigante meneada por braço de ferro ou de bronze. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas resecadas antes de tempo, ou ennegrecidas pelo fogo, assimilhando-se a gandra coberta de urzes, que foi desbravada por fins d'outono. As vastas hortas, que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pés dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas sobre este mal assombrado e triste chão do painel, mais melancholica e afflictiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado *o arrabalde*, onde d'antes era contínuo o ruído discorde de tracto immenso, achava-se convertido em um montão de ruinas. Para o lado do sul e poente não se viam desde os antigos muros (cujo perimetro pouco mais cercava do que o castello e

o bairro a que hoje damos geralmente o nome d'Alfama) senão edificios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestigios de sangue, peças de armadura aboladas ou falsadas, bastilhas e ferros partidos de virotes, de lanças e de espadas, e aqui e acolá cadaveres fetidos, não só de cavallos, mas de homens, cujas carnes, meias devoradas pelos cães ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos appareciam como phantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado ás chammas e ao inimigo; e juncto ás paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depenavam as barbas á roda dos rabbis, que recitavam em tom de pranto os versiculos hebraicos dos Threnos.

Por meio deste vasto quadro de assolação rompia uma numerosa companhia de cavalleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzellas e pagens, brilhante cavalgada que descia da banda de Santo Antão para S. Domingos, e tomava pela corredora para a porta do ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras athleticas e os rostos varonis dos cavalleiros, o brunido das armas, o loução dos trajos, o rico dos arreios, tudo emfim dava

clara mostra de que naquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os ditos galantes e agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corceis briosos e dos delicados palafrens, as doudices dos donzeis, que ora correndo á rédea solta, ora soffreando os cavallos ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortezãos letrados, os faziam vacillar e debruçar sobre os arções; o bater das asas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e allãos, que atrellados forcejavam por se atirarem acima daquelles centenares de habitações derrocadas, d'onde sahia de vez em quando uma exhalação de carniça: este rir, este folgar, este ruído do contentamento, este matiz de reflexos metallicos, de côres variegadas, passando como um turbilhão através daquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o veu de tristeza que cobria a vasta área da cidade destruida, e revoca-la a uma nova existencia.

Mas o povo, apesar d'isso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da sé. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio delle, e os grossos madeiros de que era construido viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama, que vinha na frente

da comitiva, parou: um cavalleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava a seu lado, parou tambem. A dama apontou para o engenho, disse algumas palavras ao cavalleiro, e depois desatou a rir.

Era ella a mui nobre e virtuosa rainha D. Leonor: elle o mui excellente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor Telles tinha rasão para rir.

Durante o cêrco de Lisboa uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhára de que varios moradores da cidade estavam preitejados com elrei de Castella para lhe abrirem uma das portas. Dava força a taes suspeitas o acharem-se no campo castelhano Diogo Lopes Pacheco e D. Diniz, que com elle se haviam ajunctado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recahiam naturalmente sobre aquelles que dois annos antes tinham seguido o partido contrario a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Affonso IV eram cabeças. Assim a popularidade dos parciaes de D. Diniz tinha diminuido consideravelmente, porque o povo, em vez de attribuir a sua ruina ás causas remotas, ás paixões insensatas de D. Leonor e á imprudencia d'elrei, só nas suggestões de Diogo Lopes e do infante via a origem de todos os males presentes, e o odio que contra

os dois havia concebido se estendêra a todos os que cria serem-lhes affeiçoados.

Apenas, portanto, se divulgou a noticia da intentada traição, o povo furioso correu ás moradas daquelles, que, como fica dicto, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de cannibaes, festa de vulgacho em qualquer tempo e logar que elle reine. Aquelles que não poderam provar de modo innegavel a sua innocencia, foram mettidos aos mais crueis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais vehementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: «outro — diz o chronista [1] — tomarom e pozeram-no na fumda d'huum engenho, que estava armado ante a porta da see; e quando desfechou lançou em çima dessa egreja antre duas torres dos sinos que hi ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromno outra vez e pozeromno na fumda do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida.»

Era por isso que D. Leonor olhára para o engenho, e se ríra. O proprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento.

A noite descêra entretanto. A cavalgada

[1] Fernão Lopes. Chr. de D. Fern. cap. 75.

parou no terreiro de S. Martinho, e á luz de muitas tochas parte daquella multidão escoou-se pouco a pouco por diversas ruas, emquanto outra parte subia á sala principal, ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silencio de quasi dois annos, depois da fuga d'elrei com D. Leonor Telles, era a primeira vez interrompido pelo ruído de uma côrte numerosa, mas bem differente da antiga. A rainha havia quasi exclusivamente chamado a ella os seus parentes, ou aquelles fidalgos que lhe tinham dado provas não equivocas de sincera affeição, e substituíra á severidade antiga do paço todo o brilho de um luxo insensato, e o que mais era, a dissolução dos costumes, que sempre acompanha esse luxo. Depois de uma cêa esplendida, como o devia ser nesta côrte voluptuaria, apenas ficára na camara real D. Fernando e sua mulher, o conde de Barcellos D. João, D. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor, e um donzel da rainha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e que ella mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde dois annos antes o beguino Fr. Roy viera revelar á então amante de D. Fernando os intentos de seus inimigos. Era deste aposento que ella sahíra fugitiva e

amaldiçoada do povo. Mas era ahi tambem que ella vinha depois de tantos sustos, de tantas difficuldades vencidas, de tanto sangue derramado por sua causa, repousar triumphadora, segura já na fronte a corôa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que em parte eram diversas e em diversa situação.

Elrei, habitualmente alegre, se assentára triste na cadeira de espaldas, unico movel do aposento, e encostára a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, posto que naturalmente loquaz [1], assentada no estrado defronte de D. Fernando, conservava-se tambem em silencio: em pé, um pouco atraz da cadeira d'elrei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nella, esperava attento as determinações de sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcellos e D. Gonçalo Telles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principaes tinha bem differentes motivos.

A imagem da sua capital destruida havia-se embebido na alma d'elrei como um remorso cruel. Pelas suggestões de seu tio adoptivo con-

[1] A rainha . . . como era ousada e muito faladora: Fernão Lopes, Chr. de D. Fern. cap. 126.

sentíra que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Elle, neto de Affonso IV, rejeitára os soccorros de seus valorosos vassallos, que de toda a parte haviam corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real, ao esvoaçar dos pendões inimigos: elle, cavalleiro, fôra vil instrumento de vingança covarde: elle, rei de Portugal, fôra o destruidor do seu povo: elle, portuguez, recebêra o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a affronta[1]! Estas idéas, que o tinham assaltado ao atravessar as ruinas dos arrabaldes, tomavam maior vulto e força na solidão e no silencio. O pobre monarcha, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobeja razão de estar triste. A lua, que começava a subir, dava de chapa, através da janella oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dois annos antes, quasi a essa hora, lhe allumiára tambem as faces demudadas de afflicção. Este logar, esta luz, e esta hora eram para elle fataes!

Nesse momento passos mais rapidos e mais pesados que os dos dois fidalgos começaram a soar na sala contigua: quem quer que era passeava tambem.

[1] Ibid. cap. 72.

Dos olhos de D. Fernando sahiam dois tenues reflexos: eram os raios da lua que se espelhavam em duas lagrymas.

A rainha, alevantando-se então, disse ao donzel:

«Nunalvares Pereira, vêde quem está nessa sala.»

Nunalvares abriu a porta, e lançando a cabeça voltou-se immediatamente, e disse:

«O corregedor da côrte.»

Os dois fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se, e conservaram-se immoveis.

A rainha fez signal com a mão a Nunalvares para que esperasse: o donzel ficou á porta sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para elrei, que, embebido no seu profundo scismar, não vira nem ouvíra o que se fazia ou dizia. Curvando-se, e firmando o cotovello no braço da cadeira d'elrei, encostou a cabeça sobre o hombro delle, com a face unida á sua.

«Que tens tu, Fernando?» — perguntou ella com essa inflexão de voz meiga, que só sabem labios de esposa que muito ama, mas com que tambem soubera atinar esta mulher sublime de hypocrisia.

«Nada! oh... nada!» — respondeu o moço

rei, lançando-lhe o braço ao redor do pescoço, e apertando a face incendiada áquelle rosto de anjo, que dissimulava um coração de demonio.

Os dois tenues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o halito de Leonor Telles queimára as lagrymas da compaixão e do remorso.

« Enganas-me, ou enganas-te a ti proprio, Fernando! » — replicou a rainha. — « Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Telles. »

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de marmore.

« Enlouqueceste, Leonor? » — exclamou el-rei. — « Aborrecer-te? Sem ti este mundo fôra para mim um ermo, a corôa martyrio, a vida maldicção de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-te-hei ainda. Gloria, riqueza, poderio tudo te sacrifiquei: não me pêsa. Mil vezes que tu o queiras t'o sacrificarei de novo. »

« Oh, prouvera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu! »

« Busca, inventa, aponta-me algum modo de te provar o que digo, e verás se as minhas palavras são sinceras! »

«Ha um, rei de Portugal!» — replicou Leonor Telles, em cujos olhos scintillava o contentamento.

Dizendo isto ella se affastára d'elrei. O seu aspecto tomou subitamente a expressão grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nunalvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da côrte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Telles, ajoelhou e entregou-lh'o.

A rainha pegou nelle, e apresentou-o a elrei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos angulos do aposento, e collocou-se á esquerda da cadeira de D. Fernando.

«A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso sêllo de puridade.[1]»

D. Fernando recebeu o pergaminho e começou a ler: a cada uma das extensas linhas que o obrigavam a descrever um semi-circulo com o raio visual, o tremor das suas mãos se tornava mais violento, as contracções do seu rosto mais profundas. Antes de acabar de ler

[1] O sêllo de puridade ou do *camafeu* era aquelle que se estampava no proprio pergaminho, e que servia ordinariamente para o rei expedir documentos de menos importancia, na falta do chanceller-mór, que tinha o sêllo grande, curial, ou do *cavallo*. Veja-se a Dissertação 3.ª de J. P. Ribeiro.

atirou o pergaminho ao chão, e com voz terrivel exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Telles:

« Mulher, que me pedes tu? »

« Justiça, e as minhas arrhas. »

Era a primeira vez que elrei ousava resistir á vontade de Leonor Telles. Ella ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarcha, estas ultimas palavras foram proferidas com a insolencia de uma resolução incontrastavel.

« Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadaveres e moribundos. As tuas arrhas? Tiveste em dote as mais formosas villas de meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arrhas de sangue e ruinas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor d'inimigos: para te contentar, fui vil e fraco: para te contentar, dos patibulos já têm pendido sobejos cadaveres [1]. E ainda não satisfeita, pretendes que antes de dormir uma unica noite na minha capital assolada, confirme uma sentença de morte? Leonor! tu eras digna de ser filha de meu implacavel pae! »

1 Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se tinham limitado a Lisboa. Pelas doações dos bens dos *traedores mortos ou decepados* se conhece que houve assuadas e depois vinganças em Santarem, Leiria, Abrantes e outras partes.

D. Leonor repellíra o olhar, entre colerico e timido, de D. Fernando, que mal acreditava a propria audacia, com um olhar em que se misturava a indignação e o despreso. Ella ouvíra as suas palavras sem mudar de aspecto, mas apenas elrei acabou, encaminhou-se para a janella d'onde batia o luar, e estendeu a mão para o ceu:

«Ha dois annos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavalleiro jurava a uma dama, de quem pretendia quanto mulher póde ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo ceu, pelos ossos de seus avós, pela sua fé de cavalleiro — e o cavalleiro mentiu. As bôcas de homens vis vomitavam contra essa mulher, e a essa mesma hora, os nomes de adultera, de barregan, de prostituta, e pediam a sua morte. O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na fronte de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavalleiro offereceu a sua alma aos demonios se não as lavasse com sangue — e esse cavalleiro blasphemou e mentiu. Senhor rei, diante do ceu que elle invocou, perto dos ossos de seus avós, pelos quaes jurou, á luz da lua que o allumiava, dir-vos-hei: aquelle cavalleiro foi perjuro, blasphemo, des-

leal e covarde, e eu a sua victima. É contra elle que ora vos peço justiça. Rei de Portugal, justiça!»

Esta ultima palavra restrugiu terrivelmente pelo aposento. El-rei, que durante o discurso de D. Leonor se erguêra pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabolico e pelo seu olhar fulminante, cahiu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cubriu a cara com ambas as mãos, e depois de um momento de silencio, murmurou:

«Mas como punir aquelles que talvez são cadaveres? A guerra e a furia popular os puniram!»

D. Leonor triumphára.

«Nem todos:» — proseguiu a astuta e sanguinaria panthera, accommettendo o ultimo entrincheiramento, em que D. Fernando já debalde procurava defender-se. — «Os seus mais vis inimigos ainda respiram, e, porventura, ainda sonham vingança. Corregedor da côrte, lêde os nomes escriptos em vossa sentença.»

O corregedor da côrte levantou o pergaminho, affastando-o dos olhos, e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nunalvares segurava: tossiu duas vezes, inclinou para traz a cabeça, e com o tom cheio e solemne de um mestre em degredos, leu:

«Item: Fernão Vaasques, peom, alfayate, cabeça e propoedor dos ssusodictos rreveis.»

Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular, e leu a seguinte cota:

«Vivo; muy malferido dhuũa ffrechada com herva[1] no ffecto do meirinho-moor, quando hos da çidade llevarom os castellãos de vencida atá mêa rrua nova.»

Lida esta observação, o corregedor continuou a ler successivamente os nomes dos réus e as respectivas cotas.

«Item: Stevom Martins Bexigosso, mercador, peom, capitão dhuũ corpo dos ssusodictos rreveis.» — Dizia a ementa: — «Morto de ssua door naturall.»

«Item: Bertolameu Martijs, ourivez, peom, dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria, e de graõ ssamdiçe e desavergonhamento.» — Dizia a ementa: — «Morto dhuũa pedrada dhuũ emgenho dos imiguos.»

«Item: Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do allcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capitão dos beesteiros que fforom a Ssam domingos.» — Dizia a cota: — «Foy cativo dhos castellaõs: dado em

[1] Neste seculo ainda barbaro o uso de *hervar* ou envenenar as armas de tiro ou arremesso era vulgarissimo nos combates.

rrendiçom, e a boõ rrequado na pryssom Dalcaçova. »

«Item: Bertolameu Chambão, peom, tanoeiro, cabeça da beestaria do concelho, deputado pera ffazer vilta e afronta a ssua rreal ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de gramdes vertudes, rrainha dona llyanor. » — Resava a ementa: — « Morto dhuũa lamçada aa porta dho fferro. »

«Item: Ayras Gil, petintal, capitão dos rreveis, gualiotes arraizes, e pesquadores Dalfama. » — Dizia a cota: — «Ffugido com os castellaõs. »

«Item: Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffoliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de palavras e dictos devedados, e scuita dhos rreveis. » — Notava a ementa: — « Enssandeçeu na pryssom ao lleer da ssemtemça. »

Pobre Fr. Roy! Vendo-se condemnado á morte, desesperado, revelára o que tinha sido na revolta — um espia de Leonor Telles. A cota da ementa fôra tudo o que tirára das suas revelações: o corregedor, homem agudo como o melhor mestre em leis ou degredos, deduzíra das suas palavras que o beguino *endoudecéra*, adivinhando ao mesmo tempo que elle havia sido, sim espia, mas dos revoltosos.

Alevantado o cêrco de Lisboa, o corregedor da côrte fôra o primeiro presente que a nova rainha enviára á cidade. Áquelle perspicaz e diligente magistrado poucos dias haviam bastado para preparar um sarau digno della, uma sentença de morte. A prova da sua perspicacia e diligencia estava em ter já no caminho da forca os desgraçados, cuja sentença vinha trazer á confirmação real. N'uma execução nocturna não havia a recear tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recommendára neste negocio, lhe fazia crer que não seria desagradavel a sua real senhoria a immediata execução dos réus.

Quando acabou a leitura, elrei tirou da bolça que trazia ao cincto o sêllo de camafeu, e sem dizer palavra entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nunalvares, deixou cahir alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirára da ementa, e cravou neste o sêllo. As armas d'elrei ficaram ahi estampadas. O corregedor fizera isto com a promptidão e aceio com que o mais habil algoz enforcaria o seu proximo.

Depois o honesto magistrado entregou o sêllo a elrei, cujo tremor nervoso se renovára durante a fatal ceremonia. Ao pegar-lhe, o pobre mo-

narcha deixou-o cahir no chão. O sêllo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Telles. Ella empallideceu. Porquê? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana, que rolava diante della.

O corregedor fez uma profunda venia, e perguntou em voz sumida á rainha:

« Quando, senhora? »

No mesmo tom D. Leonor respondeu:

« Já. »

O destro e activo corregedor tinha dado no vinte. O *já* da rainha seria mais *já* do que ella propria pensava.

O corregedor sahiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel metteu a tocha no annel de ferro embebido na parede, d'onde a tinha tirado, e encaminhou-se para juncto da porta, onde ficou com os braços cruzados, olhos no chão, e immovel como uma estatua. Desde este dia o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua mui nobre senhora, aquella que lhe cingíra a espada. O generoso Nunalvares conhecêra que debaixo desse rosto suave se escondia um instincto de besta-fera.

Os dois fidalgos continuaram a passear de um para outro lado, conversando em voz baixa, e como alheios á scena que alli se passava.

Elrei tomára a primeira postura em que estava, com o cotovelo firmado no braço da ca-

deira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas orbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquella alma timida, atormentada por mil affectos oppostos.

Ouvia-se apenas o cicio dos dois que conversavam. E por largo espaço aquelle murmurio, e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o unico ruido que interrompeu o silencio do vasto aposento.

Elrei, com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das idéas tenebrosas que lhe offuscavam o espirito, e que protrahidas o levariam bem proximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Telles lhe apparecia como composto monstruoso de vulto d'anjo e de olhar de demonio. Um amor infinito o arrastava para essa imagem; o horror o affastava della. Via-a como um simulachro das virgens, que, na infancia, imaginava ao ouvir ler ao bom de seu aio Ayras Gomes as lendas das martyres; mas logo cuidava ouvi-la dar risada infernal passando por cima das ruinas de cidade deserta. O patibulo e os delirios amorosos; o cheiro do sangue e o halito dos banquetes se lhe misturavam no senso intimo: e o pobre monarcha, nos seus desvarios, perdêra a consciencia do logar, da hora e da

situação em que se achava naquelle terrivel momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lagrymas ainda mais ardentes que a regavam, foram como faisca electrica revocando-o á razão e á realidade da vida.

A commoção indizivel e mysteriosa que sentíra fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava a seus pés: era ella quem lhe cobria a mão de beijos e lh'a regava de lagrymas.

D. Fernando affastou-a suavemente de si: ella alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto: era de feito a imagem de uma das martyres que elle via no seu imaginar da infancia. D. Leonor ergueu as mãos supplicantes com um gesto de profunda angustia: então era mais formosa que ellas.

« Ah! » — murmurou elrei: — « porque é o teu coração implacavel, ou porque te amei eu tanto?! »

« Desgraçada de mim! » — acudiu D. Leonor entre soluços. — « O teu amor era como o iris do ceu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança; mas desvaneceu-se e passou: a vida de Leonor Telles desvanecer-se-ha e passará com elle! »

« É porque sabes que esse amor não póde perecer; que esse amor é como um fado es-

cripto lá em cima» — interrompeu D. Fernando — «que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer tuas crueis vinganças: é porque sabes que eu esgóto sempre o calix das ignominias quando as tuas mãos m'o apresentam, que tu me sacias de deshonra. Terás acaso algum dia piedade daquelle que fizeste teu servo, e que não póde esquivar-se a ser tua victima?»

«Oh quanto és injusto, Fernando, e quão mal me conheces!» — exclamou Leonor Telles limpando as lagrymas. — «Foi a tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome que eu quiz salvar da tua propria brandura. Aos mesquinhos que me offenderam perdoei de todo o coração; mas tu, que eras rei e juiz, não o podias fazer. Se o nome de teu virtuoso pae ainda hoje lembra a todos com veneração e amor, é porque teu pae foi implacavel contra os criminosos, e aquillo em que pões a deshonra e a ignominia, é a corôa de gloria immortal que cérca o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença e a deslealdade e a blasphemia, que não cabem em coração e labios de cavalleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crês que nisto foi culpada, dize-me só — Leonor, já não te amo! — e eu ficarei punida; porque nessas palavras estará escripta a minha sentença

de morte! Possas tu depois perdoar-me, e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressão de piedade!»

As lagrymas e os soluços parecia não a deixarem proseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos d'elrei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada a seus pés, como resistiria o pobre monarcha? Unindo a face áquella fronte divina, só lhe disse: — «oh Leonor, Leonor!» — e as suas lagrymas misturavam-se com as della.

Durante esta lucta da dor e da hypocrisia, em que, como sempre acontece, a ultima triumphava, o conde de Barcellos e D. Gonçalo Telles tinham-se encostado á janella fatal que dava para o rio, e que tambem dominava grande porção do arrabalde occidental da cidade. O espectaculo da noite era de melancholica magnificencia.

A lua caminhava nos ceus limpos de nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas aguas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual não achava, além dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva onde espelhar-se, ou um sussurro de festa accorde com suas harmonias. O incendio e o ferro tinham

passado por lá, e Lisboa era um cahos de ruinas, um cemiterio sem lapides. Apenas no extremo do seu, d'antes, mais rico e povoado arrabalde amarelejava pulido pelo tempo o gothico mosteiro de S. Francisco juncto de sua irman mais velha a igreja dos Martyres. No valle que ficava em meio a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extincta. A bella lua de maio, tão fagueira para esta cidade querida, assimilhava-se á leôa, que voltando ao antro acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quedo, indifferente, e frio, não o crê, e vae, e volta muitas vezes renovando seus inuteis affagos. Lisboa era um cadaver, e a lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas no meio daquelle chão, irregular, negro, callado, viam-se aqui e acolá luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as reliquias dos mortos, para lhes darem sepultura christan. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que para se esforçarem cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham com triste som ba-

ter de vez em quando nos ouvidos dos dois cavalleiros. Resavam as coplas:

D'amigos e imigos,
Que ahi são deitados,
Levemos os ossos
Ao chão dos finados.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Madre gloriosa,
Dess'alta ventura
Demovei os olhos
Á nossa tristura.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Ao bento Jesus,
E ao padre eternal
Pedi que perdoe
A quem morreu mal.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Esta longinqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se alevantou mais perto dos dois cavalleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte pregão:

«.... Justiça que manda fazer elrei em Fernão Vasques, João Lobeira e Fr. Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as mãos decepadas em vida.»

Os cavalleiros abaixaram os olhos para o logar d'onde subíra a voz: era no terreiro proximo: os tres padecentes e o algoz, cercados de alguns bésteiros, aproximavam-se do cadafalso: varios vultos negros fechavam o prestito: daquella pinha partíra a voz do pregoeiro.

Este pregão, dado a horas mortas e n'uma praça deserta, parecia um escarneo. Mas o corregedor da corte era affamado jurisconsulto, e nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as fórmas são tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, porém, esquecido: os desgraçados morriam, como aquelles que o salteador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma especie de marco escuro que estava ao pé do patibulo. Dahi a nada os cavalleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram successivamente dois golpes dados como em vão, seguindo-se a cada um delles um grito de terrivel angustia.

O conde de Barcellos quiz rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na garganta, e, como Gonçalo Telles, recuou involuntariamente.

O grito que restrugira, chegára aos ouvidos d'elrei.

«Que bradar de homem que matam é este?» — perguntou elle.

«A justiça de sua senhoria que se executa:» — respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janella.

«Oh desgraçados! tão breve!» — disse elrei, passando a mão pela fronte, d'onde manava o suor da afflicção e terror. Olhando então para Leonor Telles accrescentou:

«Até a derradeira mealha estão pagas vossas arrhas, rainha de Portugal! Que mais pretendeis de mim?»

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Telles aproximou-se então da cadeira de D. Fernando, e curvou um joelho em terra.

Elrei alevantou os olhos e perguntou-lhe: — «Que me quereis?»

«Senhor» — respondeu o honrado e nobre cavalleiro — «se vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a supplica de um dos seus mais leaes vassallos!..»

« Falae: » — replicou D. Fernando.

« João de Lobeira acaba de receber o premio de sua traição: » — proseguiu D. Gonçalo. — « O desleal escudeiro possuia avultados bens, que ficam pertencendo á corôa real. Por vossa muita piedade podeis fazer mercê delles a seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moço ensandeceu ha tempos! Tresleu com livros de cavallarias, e tão varrido está que não fala em al, senão em um que anda imaginando, e a que poz nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e vossa real senhoria bem sabe que a minha escassa quantia mal chega . . . »

« Calae-vos, calae-vos; que isso é negro e vil: » — bradou elrei, redobrando-lhe o horror que tinha pintado no rosto. — « Deixae ao menos que a sua alma chegue perante o throno de Deus! »

« Apenas cincoenta maravedis! » — murmurou D. Gonçalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, afflicto com a lembrança de sua extremada pobreza.

A seis de junho da era de Cesar de 1411 (1373) em um dos andares da torre do castello, o veador da chancellaria, Alvaro Pires, passeando de um para outro lado, dictava a um mancebo vestido de garnacha preta, e que tinha

diante de si tinteiro, pennas, e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

«Item. Pera se spreuer a ffolhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da Chançelaria Delrrei noso ssenhor: — Doaçom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho sserviço de ssua rreal senhoria, ao muy nobre D. Gonçaalo Tellez, per ho muyito divedo que cõ elrrey ha, e polos muytos sserviços que del teẽ rreçebido e ao deante espera de rreçeber.[1]»

E o povo?... Oh, este sim! Mostrava-se agradecido e bom, no meio de tantas infamias e crimes.

Os populares, que, na manhan immediata áquella horrivel noite dos fins de maio, passavam pelo terreiro maldicto, onde pendiam da forca os tres cadaveres, meneavam a cabeça, e seguindo ávante diziam:

«Boa e prestes foi a justiça d'elrei nos traidores. Alcacer por sua senhoria!»

1 A nota é imaginaria, mas esta mercê acha-se com effeito registada a f. 128 do L.º 1.º da chancellaria de D. Fernando; cumpre todavia advertir que dessa chancellaria apenas existe original o 3.º livro: o 1.º é dos reformados ou *estragados* por Gomes Eannes de Azurara.

NOTA FINAL.

D. Fernando guardou até a primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e d'outras terras, que no anno de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Vê-se isto dos documentos registados na sua chancellaria, e citados por Fr. Manuel dos Santos. Quem attentamente tiver estudado o caracter atroz e dissimulado de Leonor Telles, tão bem pintado por Fernão Lopes, e os factos que provam a sua influencia sem limites no animo daquelle principe, não poderá esquivar-se a vehementes suspeitas sobre os motivos, que n'um romance nós damos como reaes, porque ahi é licito faze-lo, da, aliás inexplicavel, inacção com que D. Fernando *não quiz* oppor-se á vinda d'elrei de Castella sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros, e que converteu a cidade, por assim dizer, em um montão de ruinas. Daquelles documentos resulta que, depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castella, em que se viram quasi sós e abandonados, elrei viera, sobre as ruinas da maior e melhor parte della, satisfazer os odios de D. Leonor; porque, levantado o cerco em março de 73, achâmos elrei em Lisboa (aonde não voltára desde a sua fuga no outono de 71) durante alguns dias de maio, e em Santarem e outros logares nos mezes seguintes, fazendo mercês dos bens de cidadãos mortos, *decepados*, ou fugidos, do que se póde concluir que en-

tão foram executados ou banidos, não sendo de crer que a cubiça cortesan tivesse esperado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos.

O casamento de D. Leonor Telles, e as consequencias delle são o primeiro acto do drama terrivel, da *Iliada scelerum* da sua vida politica. Foi este primeiro acto que nós procurámos dispor na tela do romance historico. Todo o drama daria, nessa fórma da arte, uma terrivel *chronica*. Desde esta epocha, até ser arrastada em ferros para Castella por aquelles mesmos que chamára a assolar o seu paiz, a Lucrecia Borgia portugueza é na historia daquella epocha uma especie de phantasma diabolico, que apparece onde quer que haja um feito de traições, de sangue, ou d'atrocidade.

O CASTELLO DE FARIA

(1373)

A breve distancia da villa de Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sente-se alli o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento, é formoso, mas aspero e severo como todos os montes do Minho. Da sua corôa se descobre ao longe o mar, similhante a mancha

azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, e os prados e as fragas, e os soutos e os pinhaes lhe apresentam o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas, e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahi viveram homens; porque é com estas balisas que elles costumam deixar assignalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos. Castello real da meia idade, a sua origem se encerra nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, lhe coou pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão, desmoronou-se e cahiu. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte

já nenhuns vestigios delle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio fundado pelo celebre Egas Moniz era o unico eccho do passado que ahi restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle se alevantou a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de practicar façanhas, do que de con-

servar os monumentos dellas. Deixaram por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerára de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros do estado. A condição principal, com que se poz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castella: mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veiu sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez

Sarmento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veiu o Adiantado até as immediações de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, lhe sahiu ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cea, e tio d'elrei D. Fernando, com a gente que pôde ajunctar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim foram desbaratados os portuguezes, cahindo alguns nas mãos dos castelhanos.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaidemór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Sahíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Cea, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'elrei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado désse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle com suas exhortações faria

com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, se estendia rodeando o castello pelo outro lado. O exercito victorioso ía tomar posse do castello de Faria, que lhe promettêra dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram-se acolher no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda [1] pelas quadrellas do muro, e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

[1] Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

O terreiro aonde se haviam acolhido os habitantes da povoação, estava cuberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres, e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas, que levavam preso Nuno Gonçalves, vinham já a pouca distancia da barbacan, os bésteiros que coroavam as ameias encurvaram as béstas, os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrarios os seus quadrellos e virotões, em quanto o clamor e o chôro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto sahiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan: todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se n'um silencio profundo.

« Moço alcaide, moço alcaide! » — bradou o arauto — « teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmento, Adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar comtigo, de fóra de teu castello. »

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e chegando á bar-

bacan, disse ao arauto: — « A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero. »

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao pé della, o velho guerreiro sahiu d'entre os seus guardadores e falou com o filho:

« Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda quando sahi em soccorro e ajuda do esforçado conde de Cêa? »

« É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem. »

« Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um leal alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle? »

« Sei, oh meu pae! » — proseguiu Gonçalo Nunes em voz mais baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — « Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia? »

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — « Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepul-

tado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.»

«Morra!» — gritou o almocadem castelhano — «morra o que nos atraiçoou.» — E Nuno Gonçalves cahiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide!» — foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros: grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accommetteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tisnados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca: o vento suão soprava nesse dia com violencia; e dentro em pouco os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores; e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves: — « Defende-te, alcaide! »

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão; e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrára na defensão da fortaleza, cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pae no ultimo trance da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide; e, pedindo a elrei o desonerasse do cargo, que tão bem desempenhára, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

A ABOBADA

(1401)

I

O CÉGO.

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cubertos aqui de relva, acolá de searas, que pareciam crescer a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosissimos dias de inverno, mais gratos que os da primavera, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias que Deus só concedeu aos paizes do occidente; em que os raios do sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vividos e tremulos por cima da

terra, ennegrecida pela humidade, errando por entre os troncos pardos dos arvoredos, despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de creanças no primeiro viço da vida a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da saudade e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

> Esses gêlos do norte, esses brilhantes
> Caramellos dos tópes das montanhas,

sem se lembrarem de que

> Do sol do meio-dia aos raios vividos
> Parvos! — se lhes derretem: a brancura
> Perdem co'a nitidez, e se convertem
> De lucidos cristaes em agua chilre;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso veu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades

religiosas. Os frades dominicanos, a quem elrei D. João I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do orgam, e os ecchos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas não era por ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recincto sonoro daquella maravilhosa fabrica: era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto ao arco da capella do fundador então apenas começada. A concorrencia era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mós e dos mais logares vizinhos, desejosos de ver tão curioso espectaculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazivel cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes immensas, que, transpondo as assomadas, se rolavam pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a planicie, em que avultava o

mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas dos mezes da primeira metade da estação invernosa.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, se alevantavam casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira, e abertas para todos os lados, á maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se, em uns pedras só desbastadas, em outros algumas onde se começavam a divisar lavores, n'outros, emfim, pedaços de cantaria, em que os mais habeis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores de seus cinzeis divinos. Mas o que punha espanto era a innumeravel porção de pedras, lavradas, polidas, e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo grandissimo terreiro, que ao redor do edificio se alargava para todos os lados: maineis rendados, peças dos fustes, capiteis gothicos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, ahi estavam tombados sobre grossas zorras, ou ainda no hão endurecido pelo contínuo perpassar de trabalhadores, officiaes, e mais obreiros desta maravilhosa machina. Quem de longe olhasse para

aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgára ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que só restára em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro de seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do orgam, soltando a espaços suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do ceu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embebido em profundas meditações: pen-

dia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as maçans do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivêra vida de contínuo pensar, e correndo com a mão os lavores da pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslisando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencia muda os primores ou as imperfeições do artifice, que copiára á ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra, a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Em quanto o velho scismava sósinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, á portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dois frades estavam em pé no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés, e estendendo os pescoços, parecia que-

rerem descubrir no horisonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

«Oh homem!» — dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias, e na côr negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade. — «Já disse a vossa reverencia, que elrei me escreveu de seu proprio punho, que viria assistir ao auto da adoração dos reis, e de caminho veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada.»

«E nego eu isso?» — replicou o outro frade. — «O que digo é que me parece impossivel, que elrei venha de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta. Ha muito que lá vae o meio-dia; daqui a pouco tocará a vesperas e ás duas por tres é noite. Não vêdes, padre mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi está, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras com mulheres, com raparigas...»

« Tá, tá » — interrompeu o prior. — « Temos luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos elrei e os de sua companha. »

« Oh lá quanto a isso, nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanço como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestavel: o peior é que, segundo me parece, e dizei o que quizerdes, *opus et oleum perdidi.* [1] »

« Não falta quem tarda: elrei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas que tem de fazer suas representações no auto estejam a ponto e vestidos, para elle começar logo que sua senhoria chegue. »

« Nada receeis; que tudo está preparado: do que duvido é de que comecemos, se por elrei houvermos de esperar. »

O frade mais velho fez a estas palavras um signal de impaciencia, e sem dar resposta ao seu pyrrhonico interlocutor, estendeu outra vez o gasnete para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobreceu para resguardar os olhos dos raios do

[1] Perdi o azeite e o trabalho : expressão proverbial.

sol, que, já muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e neste abaixar de olhos viu o cégo, que estava ainda assentado sobre o fuste de columna.

Para escapar talvez ás reflexões do seu companheiro, o reverendo bradou ao velho:

«Oh lá, mestre Affonso Domingues, bem aproveitais o soalheiro! Não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida, que em seus alforges trazem por ahi os physicos.»

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degráus do portal, e encaminhou-se para o cégo.

«Quem é que me fala?» — perguntou este, alçando a cabeça.

«Fr. Lourenço Lamprêa, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tão esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?»

«Perdoae-me, mui devoto padre prior:» — atalhou o velho, tenteando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Fr. Lourenço Lamprêa chegava juncto delle seguido do

seu confrade Fr. Joanne, procurador do mosteiro: — «perdoae-me! Foi-se o vêr, vae-se o ouvir. Em distancia, já não acérto a distinguir as falas.»

«Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso:» — disse Fr. Lourenço, segurando o cégo pelo braço: — «O indigno prior do mosteiro da Victoria não consentirá que o mui sabedor archictecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edificio doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João á nossa ordem, se alevante para estar em pé diante de um pobre frade...»

«Mas esse religioso» — interrompeu o cégo — «é o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor João das Regras, e do grande Nunalvres, e privado e confessor d'elrei: Affonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto de quem já ninguem faz caso. Se vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis n'isso muitos de vossa igualha.»

«De merencorio humor estaes hoje:» — disse o prior sorrindo — «Não só eu vos amo e ve-

nero: elrei me fala sempre de vós em suas cartas. Não sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?»

«Cavalleiro!?» — bradou o velho — «Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escriptura.» — Aqui mestre Affonso, puxando com a mão tremula as atacas do gibão, o abriu e mostrou duas largas cicatrizes no peito. — «Em Aljubarrota foi escripto o documento á ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre d'Aviz. Já lá vão quinze annos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. Elrei não foi ingrato, dizeis vós, veneravel prior, porque me concedeu uma tença!? — Que a guarde em seu thesouro; porque ainda ás portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pão por cégos e por aleijados.»

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz lhe ficára presa na garganta, e dos olhos embaciados lhe caíram pelas faces encovadas duas lagrymas como punhos. A Fr. Lourenço tambem se arrasaram os olhos d'agua, Frei Joanne, esse olhou fito para o cégo durante algum tempo com o olhar vago de quem não

o comprehendia. Depois a idéa da tardança d'elrei e da tardança do auto, que entrando pelas horas de ceiar e dormir iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio desperta-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé, semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto o architecto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim segurando com força a manga do habito de Fr. Lourenço, disse-lhe:

«Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante.»

«Li já, e mais de uma vez:» — respondeu o prior: — «É obra prima daquellas a que os gregos chamavam *epos*, id est, *enarratio, et actio* segundo Aristoteles; e se não houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa...»

— «Pois sabei, reverendo padre,» — proseguiu o architecto, atalhando o impeto erudito do prior, — «que este mosteiro, que se ergue diante de nós, era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu: viveu comigo largos annos, em sonhos e

em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno della: os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejára. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creára? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus çapatos de ferro? Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro!.. Não! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; só nobre e puro o genio do homem. Enganaram-no: vassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo dessas arca-

rias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!.. Com uma tença paga-se a gloria, e a immortalidade? Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!.. sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumirá este no brilho de sua fama mentida...»

O cégo tremia de todos os membros: a vehemencia com que falára lhe exhauríra as forças: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dois frades estavam em pé diante delle.

«Estaes mui perturbado pela paixão, mestre Affonso» — disse Fr. Lourenço depois de uma larga pausa — «por isso menoscabais mestre Ouguet, que era talvez o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propôr-lhe vos désse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria será eterna, e nunca offuscada.»

«Obrigado» — atalhou o velho — «aos conselheiros d'elrei pelos bons desejos que em meu prol têm. São politicos, almas de lodo, que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo, e assassinam-me o da

alma! Ácêrca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto ás minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria cumpre ser portuguez; cumpre ter vivido com a revolução, que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera [1]; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro*, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmãos obreiros [2], trabalhou nas sés de Inglaterra, de França, e de Alemanha: ahi subiu ao gráu de mestre, mas a sua alma não é aquecida á luz do amor de patria; nem, que o fosse, é para elle patria

[1] D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando.

[2] Architectos sarracenos se espalharam pela Grecia, Italia, Sicilia, e outros paizes, durante certo tempo: um avultado numero de artifices christãos, principalmente gregos, se ajunctaram com elles, e formaram todos uma corporação, que tinha suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por signaes. Esta foi a origem da Maçonaria. *Conversation's Lexicon.*

esta terra portugueza. Por engenho e mãos de portuguezes devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da gloria dos nossos; e eis-ahi que elle chamou de longes terras officiaes estranhos, e os naturaes lá foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem elles nem eu, quem puzesse esse remate; mas nós deixariamos successores, que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo virá em que, nesta obra dos seculos, não haja mãos vigorosas que prosigam os lavores que mãos cansadas não poderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficará truncado. Mas Affonso Domingues tem uma pensão d'elrei!..»

Em uma das casas que ficavam mais proximas, e de que fizemos menção no principio deste capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella, no momento em que o cégo terminava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

«Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Está prompta a cêa, e começa a cahir a orvalhada, que a tarde vae nevoenta.»

«Vamos lá, vamos lá, Anna Margarida; vinde guiar-me.»

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, sahiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourêlo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço, em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

«Boas tardes, padre prior: disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos, e de dois puxões nas barbas da estriga quasi fiada.

«Vá na graça do Senhor, filha:» — respondeu Fr. Lourenço, e accrescentou dirigindo-se ao cégo:

«Meu irmão, Deus acceita só ao homem, em desconto da grande divida, a dor calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade.»

«Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens é que nunca me resignarei.»

E Anna Margarida, que tinha a cêa ainda ao lume, foi puxando o cégo para a porta de casa.

«Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vae-se-te após a vista o siso. Aborrida cousa é a velhice. Não vos parece, Fr. Joanne?»

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atraz delle; mas Fr. Joanne tinha desapparecido d'alli manso, e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Fr.

Lourenço o viu em pé sobre uma pedra, a alguma distancia.

O prior ía a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

«Ganhastes, padre prior; ganhastes!.. Eis elrei que chega.»

E, com effeito, Fr. Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que com grande açodamento descia para o valle do mosteiro.

II

MESTRE OUGUET.

Uma das innumeraveis questões, que, em nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a de saber qual dos dois dictados — *voz de povo é voz de Deus* — ou — *voz do povo é voz do diabo* — seja o que exprima a verdade. É indubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo, que tal navio sahido do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular realisa-se com exacção espantosa. Assim

de batalhas; assim de mil factos. Quem dá estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mysterio é esse, que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mysterio. Não ha, nem haverá, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar solução a tudo o que se não entende, é acaso a unica via de resolver a dúvida. Se o é, ahi damos mais um osso a roer aos physicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos menção no fim do antecedente capitulo, vinha descendo a encosta sobranceira á planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, se começou a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo delle não era facil sabe-lo: nenhuma novidade occorrêra; ninguem tinha entrado ou sahido. De repente toda aquella multidão se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a borbulhar pelo portal fóra, como por bico de funil o liquido deitado de alto. Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam vê-lo descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro I, rei eleito por uma revolução,

e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, o mais amado, e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre a cota uma jornea de velludo carmesim, monteira preta, e nebri em punho, em maneira de caçada. Chegando á porta do mosteiro, onde o esperava já Fr. Lourenço com parte da communidade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho, e a mão no barrete, agradeceu sua cortezia e amor aos populares, que gritavam apinhados á roda delle: — «viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!» — grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas suberbas arcadas desappareceu brevemente elrei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para vêr o auto, que não podia tardar.

«Mui receioso estava que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente: — dizia Fr. Lourenço a elrei, a cujo lado ía para o guiar ao seu aposento.

«Bofé, mui devoto padre prior, que por

pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros peccados, que me não fallecem, se ámanhan me quizesse confessar ao meu antigo confessor: » — tornou-lhe elrei sorrindo-se.

« E certo estou de que entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este não fôra o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa mercê: » — retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortezans no paço, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

« Mas para onde me guiaes, reverendissimo prior: » — disse elrei, parando antes de subir uma escada, para a qual Fr. Lourenço o encaminhava.

« Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeição, e repouseis um pouco do trabalho do caminho. »

« Não foi grande o feito, para tomar repouso: » — acudiu elrei: — « que de Santarem aqui é uma corrida de cavallo; muito mais para quem em vez de cota de malha, arnez, e braçaes, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, já que elrei de Castella quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre;

mostrae-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia.»

«Beijo-vos as mãos pela mercê:» — disse mestre Ouguet, que sabendo da chegada d'el-rei, e certo de que elle desejaria vêr aquella grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva: — «Se quereis vêr a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta.» — Dizendo isto, sem ceremonia tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade, e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensão, em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhe fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moço que começára a produzir grande impressão no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre; e para evitar essa condemnavel fraqueza resolvêra traze-lo sempre sopeado. Não lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o pêso de dez atmospheras de cerveja, em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangi-

rão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem suberbas e velleidades de senhorio e dominação. De resto David Ouguet era bom homem, excellente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensavel ao proprio interesse: nunca matára ninguem, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadaver de seu pae para tocar a méta de qualquer designio ambicioso: com tres licções de phrases oucas dava panno para se engenharem delle dois grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lancastre, procurou obter e alcançou a protecção da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao gráu de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é em breve resumo a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das Cortes de Lamego, do

Juramento de Affonso Henriques sobre a apparição de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia.

O lanço da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ía elrei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquelle magnifico recincto, olhou para lá, e voltando-se para mestre Ouguet, disse:

«Parece-me que não vão tão aprimorados os lavores daquellas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?»

«Seguiu-se á risca nesta parte» — tornou o architecto — «o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça; mas se vossa mercê m'o permitte, antes de entrardes no capitulo, tenho alguma cousa que vos dizer ácerca do que ides presenciar.»

«Fallae desassombradamente:» — respondeu elrei — «que eu vos escuto.»

«Tomei a ousadia» — proseguiu mestre Ouguet — «de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo: o que achei na planta geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era até impossivel que se fizesse uma

abobada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.»

«E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que elle havia traçado?» — interrompeu elrei.

«Por escusado o tive:» — replicou David Ouguet. — «Cégo, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificação, teimaria que o seu desenho se póde executar, visto que hoje ninguem o obriga a prova-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister.»

Dizendo isto o architecto, mettêra ambas as mãos no cincto, estendêra a perna direita excessivamente empertigada, e com a fronte erecta volveu os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

«Mestre Ouguet» — acudiu elrei com aspecto severo — «lembrae-vos de que Affonso Domingues é o maior architecto portuguez. Não entendo de vossas distincções de sciencia e de engenho: sei só que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais affamados edificios do mundo: e esse

mestre Affonso, de quem vós fallais com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo está hoje.»

«Vossa mercê me perdoe:» — tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que fallára. — «Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguem o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Vinchestria tamanho ruido tem feito no mundo.»

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal, que dava para a casa do capitulo: Fr. Lourenço Lamprea, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquelle logar, collocou-se juncto do umbral fronteiro, repetindo, com aspecto sobranceiro-risonho, as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas através da grande janella que a allumia entrava uma luz frouxa, porque o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto profundo mal se divisava sem se affirmar muito

a vista. Mestre Ouguet ficára á porta; mas Fr. Lourenço tinha entrado.

«Reverendo prior» — disse elrei voltando-se para Fr. Lourenço — «vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e ámanhan voltaremos aqui a horas de sol.»

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam sahindo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as mãos mettidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou até o meio daquella desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido; e mestre Ouguet dizia comsigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

«Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um paiz sáfaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes, ou sequer de entendelos?.. Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a elle; eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios fôra melhor que mandasseis

vir alguns irmãos da sociedade dos escrivães de parochia de Londres [1], que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos.»

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo soliloquio, em louvor da nação que lhe dava de comer, e, o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciencia, da nação que lhe dava de beber, quando erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada, que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizivel horror, e como doudo correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

«Oh, malaventurado de mim!»

---

[1] Pelas Chronicas de Stow se vê que no principio do seculo 15.° os mysterios eram representados em Londres pelos escrivães de parochia, incorporados em sociedade por Henrique 3.°, em 1409.

III

O AUTO.

Juncto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava levantado um estrado, sobre o qual se viá uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiães e lavores: era este o logar onde elrei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia varios assentos rasos para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pé do arco da capella do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto prese-

pio [1], mui erguido do chão, e representando serranias agrestes, ao sopé das quaes estava armada uma especie de choça, onde sobre a tradicional manjadoura se via reclinado o menino Jesus, e de joelhos juncto delle a Virgem e S. José, acompanhados de varios anjos, em acto de adoração. Diante da cabana corria, no mesmo livel, um largo e grosseiro cadafalso de muitas táboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei sahiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Fr. Lourenço, que com todos os modos de homem cortezão offereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia sahiram logo as primeiras figuras do auto, que, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vi-

[1] Presepio, ou presepe, significa propriamente um estabulo, ou estrebaria; mas a accepção vulgar desta palavra é a de uma especie de embrechado, ou paizagem de vulto, representando a choça de Belem, em que nasceu o Salvador.

nham adiante representavam a Fé, a Esperança, e a Caridade: após ellas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Suberba; todas com suas insignias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forcado na mão, mui vistoso e bem posto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a Fé acudia com dizer que *ab initio* estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao démo por vêr as perrarias que a Esperança lhe fazia; e com isto careteava com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo

que ella obedecia ao senhor de toda-las cousas, e que este vendo e considerando os grandes desvairos que pelo mundo íam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandára para lhes apontar o direito caminho do ceu; e por aqui seguia com razões mui devotas e discretas, que moveriam a devotissimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus tregeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica, de que fielmente vamos transcrevendo esta veridica historia. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou della mui rijo, e com voz torvada e rosto acceso, começou de bradar, que esta dona era sandía, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustenta-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no ceu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia, e fóra da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Suberba que era. Não soffreu, porém, o animo da Caridade tão descomposto razoar da sua fidagal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão naquelle ponto, e notar que os filhos de Adão eram todos uns

aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventára as vans distincções entre os homens, e que á vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente á sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo, e a Suberba, e annunciar ás tres virtudes que as fa elevar ao ceu, onde reinariam em gloria perduravel. Então o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pelas mãos ás duas companheiras, e fugiu pela igreja fóra com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem, quando, nas vistas de marinha, o actor, que vem embarcado, desce dois ou tres degráus das ondas de papelão para a terra de soalho) em vez de subir ao ceu, como annunciára, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave se recolheu á sacristia, acompanhado da Fé, Esperança, e Caridade, tão victoriadas pelos espectadores, como apupa-

do fôra o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, sahiram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina téla, mantos reaes, e coroas na cabeça. Adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorisado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo após elle vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recem-nascido vinham de longes terras offertar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiára até Jerusalem, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem, e com grande folgança encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que em verdade era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David,
Divinal

Salvador da triste raça
Humanal,
Que descestes lá do assento
Celestial;
Vós da gloria imperador
Eternal,
Acceitae este offertorio
Não real,
Pobre si. É quanto posso:
Não hei al.
O que fôra compridoiro
De auto tal
Bem o sei. Andei más vias,
Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
De arrayal
Nas soidões fundas d'Arabia,
Mui fatal.
Meus camellos ha tisnado
Sol mortal;
E um, de vento do deserto,
Vendaval.
O presente, que ahi vêdes,
Pouco val;
É de incenso esta boceta,
Tal e qual;
Que o thesouro que eu trazia,
Mui cabal,

Soterrou-mo a tempestade
No areal.

E com isto o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oração em voz baixa, se ergueu; e o rei Belchior, ajoelhando, e depondo a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio
A adorar-vos alto infante,
Redemptor:
Não me poz na alma desmaio
Ser de terra tão distante
Rei, senhor!
É bem torva a minha face:
Minhas mãos tingidas são
De negrura;
Mas na terra onde o sol nasce
Mais se cobre o coração
De tristura;
Porque o torpe Mafamede
Sua crença mui sandia
Mandou lá;
E não ha quem della arrede
Essa gente, que aperfia
Em ser má.

Real tronco de Jessé
Mui fermoso, se eu podéra
Vos levára;
E comvosco á vossa fé
Os incréus eu convertera,
E os salvára.
Ora quero vêr se peito
São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começára no momento em que o rei preto ajoelhou, e que mal deixára ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, affamado jogral daquelle tempo) cresceu neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de Belchior, não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a corôa de louros, que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle sahiam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei tinha-se erguido, e juntamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ella. Emfim, um homem rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabellos desgrenhados, bôca torcida e cuberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da têa, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu só dentro daquelle

recincto, ficou immovel, com os braços estendidos para o tecto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os hombros, como quem, cheio de terror, via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

«Mestre Ouguet!» — exclamou elrei espantado.

«Mestre Ouguet!» — gritou Fr. Lourenço, com todos os signaes de assombro.

«Mestre Ouguet!» — repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

«Quem fala aqui no meu nome?» — rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulchral. — «Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojar sobre mim esse montão de pedras, como se eu fôra um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!» — E depois de um breve silencio, em que pareceu tomar folego: — «Não vos chegueis ahi!» — bradou elle — «Não vêdes essas fendas profundas como o caminho do inferno? São escuras: mas através dellas lá enxérgo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cégos... porque o vosso bom nome não se escôa por lá!.. Cégos?.. Não vós!.. mas elle!.. Elle é que se ri e folga em sua orgu-

lhosa suberba! Vêde como escancára aquella bôca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidão, aquelles olhos embaciados!.. Maldicto velho, foge diante de mim!.. Maldicto, maldicto!.. Curvada já no centro... sentia-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima della?.. Feiticeiro!.. Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!.. Não ha um raio que te confunda?.. Não!»

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as mãos, e ficou outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto que assim interrompêra a solemnidade do auto. Um silencio profundo succedêra ao ruído, que a apparição daquelle homem desvairado excitára. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condemnado sahida das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cerebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabellos se eriçaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas

irreverentes diabruras? Só uma supposição havia, que não era inteiramente desarrazoada: David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado; peccado que talvez tivesse escondido na ultima confissão, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel, e até natural; que não vivia elle a mais justificada vida. Suppôr que endoudecêra parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecêra os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encommendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas segundo as idéas daquella epocha bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Fr. Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em pé atraz do estrado, e perto de Fr. Lourenço Lamprêa. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, não pôde ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior, e lh'os communicasse em voz baixa, e ao ouvido.

«Não vou fóra disso:» — respondeu o prior, que, emquanto o outro frade lhe falára, estivera dando á cabeça em signal de approvação. — «O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o falar não sei de que feiticeiro,

tudo me induz a crer que o demonio se chantou naquelle miseravel corpo, como vós aventaes. Se assim é, pouco juizo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, e eu vo-lo darei bem castigado.»

Dizendo isto, Fr. Lourenço chegou-se a el-rei, e disse-lhe o que quer que foi. Elle escutou-o attentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas, e fez signal com a mão aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Fr. Lourenço, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, sahindo outra vez da porta da sacristia, Fr. Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes: chegou á têa, abriu-a, e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de auctoridade, disse:

«Ajoelhae, christãos, e orae ao Padre eterno

por este nosso irmão, tomado do espirito immundo.»

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir com o rosto mettido entre as mãos.

O prior lançou a estola á roda do pescoço do possesso, e queria atar os tres nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção, e tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

«Frade abominavel, tambem tu és conluiado com o cégo?»

«Não ha duvida!» — disse por entre os dentes o prior: — «mestre Ouguet está endemoninhado.»

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, o poz sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas, que horrorisam, e que tão frequentes são quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

«Cão tinhoso» — bradou Fr. Lourenço — «espirito das trevas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e

refece demonio, emfim, castelhano [1]. Em nome do creador e senhor de toda-las cousas, te mando que repitas o credo, ou sáias deste miseravel corpo.»

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

«Não cedes?!»—proseguiu o prior.—«Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderás a teu salvo escarnecer das creaturas feitas á imagem e semelhança de Deus.»

Depois de varias ceremonias e orações, Fr. Lourenço chegou-se ao pobre irlandez, e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

«Hel — Heloym — Heloa — Sabaoth — Helyon — Esereheye — Adonay — Iehova — Ya — Thetagrammaton — Saday — Messias — Hagios — Ischiros — Otheos — Athanatos — Sother — Emanuel — Agla — .....

«Jesus!» — bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

1 O inquisidor Sprenger, no livro intitulado *Malleus Maleficarum*, recommenda aos exorcistas que antes de tudo descomponham e injuriem quanto poderem os possessos, advertindo que não são propriamente estes que recebem as affrontas, m s sim o diabo, que teem no corpo. A conveniencia de taes doestos, é que para o demonio, pae da suberba, não póde haver maior pirraça do que ser descomposto na sua cara, sem que elle se possa desaggravar. Veja-se o livro citado, edição de Lyão de 1604 — Tom. 2.º pag. 83.

«Inferno!» — gritou mestre Ouguet; e cahiu no chão como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruído semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soára da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bôcas, e tinha convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situações tão violentas, que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espiritual do homem depois destes abalos espantosos; e então, melhor que nunca, elle sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reacção segue a acção; e quanto mais timido o individuo se mostrou, mais viva é a consciencia da propria força, que depois disso renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João I, aos cavalleiros do seu sequito, e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da

ceremonia que Fr. Lourenço practicava: o ruído inesperado que interrompêra o exorcismo; o grito blasphemo do architecto, no momento de cahir por terra; o logar; a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de philosophos encyclopedistas, e que, por isso, não é de admirar fizessem uma impressão vivissima em homens de um seculo, não só crente, mas tambem supersticioso. Todavia o animo indomavel do Mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

«É, em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido» — disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam; — «mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veiu interromper o mui devoto padre prior no exercicio de seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavalleiros portuguezes?»

Dizendo isto, elrei desceu do estrado, e encaminhou-se para a sacristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e uma

grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico, que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava uma luz frouxa e mortiça, e a esta luz incerta e baça encaminharam-se para a porta do capitulo. Ao chegar a ella todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou, e veiu morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

« Jesus! »

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fóra, entulhando-lhe quasi um terço da altura. Olhando para o interior daquella immensa quadra não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas e de relevos: e a lua, que passava tranquilla nos ceus, reflectia o seu clarão pallido sobre este montão de ruinas semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christão; e por cima daquelle temeroso silencio passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espectaculo.

Dos olhos d'elrei e de Fr. Lourenço cahiram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte quatro horas, tinha desabado em terra!

IV

UM REI CAVALLEIRO.

Em uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, á roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabello, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor já tractou nos antecedentes capitulos. Eram estas D. João I, Fr. Lourenço Lamprêa, e o procurador Fr. Joanne. Elrei estava á cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo á sua esquerda Fr. Joanne. Além des-

tes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerão: taes eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem do conselho d'elrei, cavalleiros mui graves e auctorisados, e afóra elles mais alguns fidalgos, que D. João I particularmente estimava. Atraz da cadeira d'elrei um pagem esperava, em pé, as ordens de seu real senhor. O quadrante do terrado contiguo apontava quasi meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro, que delineára mestre Affonso Domingues, onde, além dos prospectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, se viam todos os córtes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica. Elrei tinha a mão estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

«Parece impossivel isso; porque natural desejo é de todos os homens alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Affonso se doer da mercê que lhe fiz.»

«Pois a conversação que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa mercê chegar.»

« E como vae David Ouguet? » — perguntou elrei.

« Com grande melhoria: » — respondeu o prior. — « Dormiu bom espaço, e acordou em seu juizo. Contou-me que entrando hontem após nós na casa do capitulo, e affirmando a vista na abobada, conhecêra que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentíra apertar-se-lhe o coração, e que com a sua afflicção corrêra pela crasta fóra como doudo; que no ceu se lhe affigurava um relampaguear incessante e medonho; que via... nem elle sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdêra o tino, e de nada mais se recorda. »

« Nem dos exorcismos? » — perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

« Nem dos exorcismos: » — retrucou Fr. Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da colera. — « A proposito, doutor. Dizem-me que Annequim é mortó [1] e que elrei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular? »

E o frade media o letrado de alto a baixo com os olhos irritados. Este preparava-se para

1 Annequim era o bobo do paço em tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.

vibrar ao prior uma nova injuria indirecta, naquelle jogo de allusões que era as delicias do tempo, quando elrei acenou ao pagem, dizendo-lhe:

«Alvaro Vaz d'Almada, ide depressa á morada d'Affonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe, e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrae-vos de que elle é um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae.»

O pagem sahiu a cumprir o mandado d'elrei.

«Dizeis vós» — proseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim d'Ocem — «que talvez Affonso Domingues se enganasse em suppôr que era possivel fazer uma abobada tão pouco erguida, como é a que elle traçou para o capitulo. Não creio eu que tão entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem á noite procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificação.»

«E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-m'o?» — replicou João das Regras.

«A de não seguir de todo ponto o desenho de mestre Affonso:» — tornou elrei.

«E se a execução de sua traça fosse impossivel?» — acudiu o doutor.

« Impossivel!? » — atalhou elrei — « E não contava elle com leva-la a effeito, se Deus o não tolhesse dos olhos? »

« E é d'isso que mais se doe mestre Affonso, » — interrompeu o prior: — « a sua grande canseira é que ninguem saberá continuar a edificação do mosteiro, ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra, porque ninguem é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepção delle. »

« Roncarías e feros são esses proprios de quem foi homem d'armas de Nunalvres: » — disse o chanceller João das Regras. — « Todos os de sua bandeira são como elle. Porque sabem jogar boas lançadas, teem-se em conta de principes dos discretos; e o cégo não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do Condestavel. »

João das Regras, emulo de Nunalvres, não perdeu este ensejo de lhe pôr pêcha; mas D. João I que conhecia serem esses dois homens as pedras angulares de seu throno, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o Condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chanceller, contentando-se com lançar na balança, em que João das Regras mostrava o grande peso da sua penna, o

montante com que elle Nunalvres tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho, e a cabeça do chanceller das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os gráus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

«Deixae lá o Condestavel, que não vem ao intento:» — disse elrei: — «o que me importa é ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um recontro com castelhanos, do que cuidar que o capitulo de Sancta Maria da Victoria ficará em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chão a abobada: se Affonso Domingues fôr capaz de a tornar a erguer, e deixa-la firme, concluirei d'ahi que vale mais o cégo que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cégo, çôpo [1] e mouco.»

Neste momento, entrava o velho architecto, agarrado ao braço de Alvaro Vaz d'Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, á roda da qual se travára o dialogo, que acima transcrevemos.

«Dom donzel, onde é que está elrei?» —

[1] Coixo. — *Fui vista ao cégo, e pée ao çôpo.* Trad. do livro de Job. Fragmento do seculo 14.º

dizia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

«Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, o vosso antigo capitão, nobre cavalleiro de Aljubarrota.»

«Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. Vêde o que de mim mandaes; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel.»

«Queria vêr-vos e falar-vos; que de coração vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Sancta Maria.»

«Architecto do mosteiro de Sancta Maria, já não o sou; vossa mercê me tirou esse encargo: sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me daes só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, é meu, e fôra infamia rouba-lo a quem já não póde pegar em um montante para defende-lo.»

«Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: n'isso cria eu fazer-vos assignalada mercê. Mas venhamos ao

ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noite?»

«Sabia-o, senhor, antes do caso succeder.»

«Como é isso possivel?!»

«Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portuguezes que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho della pozera eu todo o cabedal de meu fraco ingenho, e este aposento era a obra prima de minha imaginação: por elles soube que a traça primitiva fôra alterada, e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes então o que havia de acontecer. E» — accrescentou o velho com um sorriso amargo — «muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate, que não desabasse antes das vinte e quatro horas.»

«E tinheis vós por certo que se vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abobada não viria a terra?»

«Se estes olhos não tivessm feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos seculos; mas os de vosso con-

selho julgaram que um cégo para nada podia prestar.»

«Pois se ousaes levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façaes, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.»

«Senhor rei» — disse o cégo, erguendo a fronte, que até alli tivera curvada: — «vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bésteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandais. Não!.. vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora elles que a alevantem.»

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

«Lembrae-vos, cavalleiro,» — disse elle — «de que falaes com D. João I.»

«Cuja corôa» — acudiu o cégo — «lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escripto: — *os vassallos portuguezes são livres.*»

«Mas» — tornou elrei — «os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja

casa tem acostamento [1], podem ser privados de sua moradia...»

«Se dizeis isso pela que me déstes, tirae-ma; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer á mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso.»

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços, e embebeu nella uma lagryma mal-sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma, que em vez de a lacerar a consolam, é sem duvida a compaixão.

«Vamos, bom cavalleiro,» — disse elrei pondo-se em pé — «não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro de Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui ávante por campos de batalha; ella vos dirá tambem que

[1] Acostamento é o mesmo que moradia.

a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e gloria nacional. Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! Tambem vós fostes um delles: e negar-vos-heis a proseguir a edificação desta memoria, desta tradição de marmore, que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de tantos valentes, que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amisade: vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido desse queixume de mortos, porque, nas luctas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue, e foram semeados cadaveres de cavalleiros! Eia, pois: se não perdoaes a D. João I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capitão, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez á patria vosso maravilhoso ingenho, e que vos abraça como antigo irmão por fraternidade de combates, e porque certo crê que não quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguez.»

Dizendo isto, elrei parecia grandemente com-

movido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cégo, que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pé quando elrei se erguêra, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

«Vencestes, senhor rei, vencestes!.. A abobada da casa capitular não ficará por terra. Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realisada, será duradoura como a pedra em que vou estampa-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, são as que vos sahiram da bôca: só D. João I comprehende Affonso Domingues; porque só elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos — patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vós, posto que de vós, que ereis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna arrendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portu-

guezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria. »

Elrei apertou então entre os braços o bom do cégo, que procurava ajoelhar a seus pés. Era a attracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. João I fez um signal ao pagem, que se aproximou:

« Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada. E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior, » — continuou elrei, voltando-se para Fr. Lourenço — « entendei que d'ora ávante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, em quanto assim lhe aprouvér. »

O prior fez uma profunda reverencia.

A alegria tinha tolhido a voz do architecto: diante de toda a côrte elrei o havia desaffrontado, e já, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço

do pagem, sahiu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida; e quando todos iam sahindo, o prior chegou-se ao velho chanceller, e disse-lhe em tom submisso:

«Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente á rainha o que succedeu, e a certifiqueis de quanto me custa vêr tirada a régua magistral a mestre Ouguet...»

«Foi» — tornou o politico discipulo de Bartholo — «mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe vêr derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do Mestre de Aviz um rei; mas sahe-me sempre cavalleiro andante. Não lhe succedêra isto se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tenho-lhe dicto mil vezes que é preciso lisongear os inglezes porque carecemos delles: a tudo me responde com dizer que com Deus e o proprio montante tem em nada Castella: todavia a gente ingleza ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação; e que importava que ella fosse mais ou menos primorosa a troco de contentarmos os que comnosco estão liados? Quanto a vós, reverendo prior, ficae descançado: tudo fia a rai-

nha de vossa prudencia, que é muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendissimo.»

A côrte já tinha sahido; e os dois velhos seguiram-na ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

V

O VOTO FATAL.

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso por charnecas, comoros, e sapaes, e pelo chão das mattas e florestas, que agitavam as frontes somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura, compassado com o das seáras rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de Maio da era de Cesar de 1439, ou, como os letrados diziam, do anno da re-

dempção, 1401. — Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, n'uma das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passára a scena, que no antecedente capitulo narrámos, e que extrahimos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II com aquella pontualidade e verdade, com que o grande chronista Fr. Bernardo de Brito citava só documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exacção, com que o philosopho de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião christan.

Assistiu o leitor á promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estará de como elrei lhe promettêra, tambem, mandar vir de Guimarães todos os officiaes portuguezes que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante de Sancta Maria da Oliveira, hoje desaportuguezada e caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz não voltára atraz, não por ser

palavra de rei; mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos em que tão nobres affectos e instinctos havia nos corações de nossos avós, que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse anno se ajunctavam côrtes, apenas ahi chegára tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido tambem a cumprir o promettido, mettêra mãos á obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação, que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples, e muito antes do dia aprazado o fecho ou remate da abobada repousava no seu logar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. João I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lanças, bésteiros, e peões para ir ajunctar-se com o Condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recomeçado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhára elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros, e caminhando pela margem direita do Téjo, acampára juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte

de barcas para passar o exercito, e seguir ávante até o Crato, que era o logar aprazado com o Condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se devia lançar sobre o Téjo: os bésteiros limpavam suas béstas, e folgavam em luctas e jogos; os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam, ou matavam o tempo em banquetes e beberronias. Tinham chegado áquelle sitio a cinco de Maio, e no seguinte dia elrei partira afforradamente para a Batalha, porque não se esquecêra de que os quatro mezes, que pedira Affonso Domingues para alevantar a abobada, eram passados, e fôra avisado por Fr. Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o architecto não quizera tirar os simples senão na presença d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. João mandára sahir dos carceres, em que jaziam, bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de bésteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo d'isto. Todavia elle

era obvio: elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desabára da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fôra edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia, e que lagrymas de orphãos pobres eram tão amargas, ou porventura mais, que as de infantes e senhores, não quiz que se arriscassem senão vidas condemnadas, ou pela guerra, ou pelos tribunaes, e que, naquella se tinham remido pela covardia, e nestes pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não occorrêra esta idéa, fôra porque tambem na memoria de officiaes portuguezes não havia lembrança de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido só por dois pagens, D. João I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se á portaria do mosteiro.

Os officiaes, que trabalhavam em varios lavores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dois pagens, mas não o conheceram: D. João I vi-

nha cuberto de todas as peças, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

« Benedicite! » — dizia elrei, batendo devagarinho á porta da cella de Fr. Lourenço.

« Pax vobis, domine! » — respondeu o prior que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

« Não vos incommodeis, reverendissimo » — disse D. João, entrando na cella, e sentando-se em um tamborete — « Deixae-me resfolegar um pouco, e dae-me uma vez de vinho. »

« Não vos esperava tão de salto: » — tornou Fr. Lourenço: e abrindo um armario, tirou delle uma borracha e um cangirão de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz [1] cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collação.

« Excellente almoço: » — dizia elrei, descalçando o guante ferrado, e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos, dados no cangirão. Depois que cessou de

1 A louça de Estremoz é antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os pucaros desta louça a Portugal, para beber a agua, que então, bem como hoje, se tornava nelles excessivamente fria.

comer, limpando a mão ao forro do tonelete, poz-se em pé, em quanto Fr. Lourenço guardava os despojos daquella batalha:

«Bofé» — disse D. João, rindo — «que não ando a meu talante, senão com o arnez ás costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno á mocidade, e que sou o Mestre d'Aviz, ou antes o simples cavalleiro, que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas [1] inteiras, e tendo sobre a consciencia só os peccados de homem, e não os escrupulos de rei.»

«E então» — atalhou o prior — «o vosso confessor Fr. Lourenço era um pobre frade, cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do côro, e em ler as sagradas escripturas, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporfia em só fazer perante vós?»

«A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias, que esteja prompta a ponte de barcas, que mandei lançar no Téjo para

[1] Semanas.

passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me apparelharei para a guerra, enthesourando orações e recebendo absolvição de meus erros.»

«Os principes pios» — acudiu o prior com ar de compunecção — «são sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos.»

«Amen!» — respondeu devotamente elrei.

«Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que mande pôr tudo em ordenança de se tirarem os simples: elle me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado.»

Fr. Lourenço sahiu, e d'ahi a pouco voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mão.

«Guarde-vos Deus, mestre Affonso Domingues!» — disse elrei, vendo entrar o cégo — «Aqui me tendes para vêr acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizestes tirar senão em minha presença.»

«Beijo-vo-las, senhor rei, pela mercê: dois votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um delles...»

«E o outro?» — atalhou elrei.

«O outro, dir-vo-lo-hei em breve; mas por ora permitti que para mim o guarde.»

«São negocios de consciencia:» — acudiu o prior. — «Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo.»

D. João I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

Elrei, o prior, e o architecto ainda se demoraram um pedaço fallando ácerca da obra, e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas antes disso o cégo disse o que quer que foi em voz baixa ao rapaz que o acompanhára, o qual sahiu immediatamente, e voltou quando os tres acabavam a conversação.

«Fernão d'Evora» — disse o cégo, sentindo-o outra vez ao pé de si — «fizeste o que te ordenei, e déste a teu tio Martim Vasques o meu recado?»

«Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo está prestes.»

«Então vamos a vêr se desta feita temos mais perduravel abobada.»

Isto dizia elrei sahindo da cella de Fr. Lourenço, e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de ajunctar-se para o cortejarem. Do mosteiro corrêra a noticia e se espalhára na povoação,

aonde concorrêra muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que quando elrei desceu á crasta já alli se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam vê-lo, e ainda mais saber se desta vez a abobada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podéra comparar a composição daquelles simples á fabrica do mais delicado relogio. Á porta, que dava para a crasta, estava um homem em pé, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Fr. Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cégo. Era um mancebo, que amostrava ter de idade ao mais vinte cinco annos, rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cégo, este o tomou pela mão, e voltando-se para elrei, disse:

«Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o

melhor official de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes.»

«E debaixo de meu especial amparo estará Martim Vasques» — respondeu elrei — «que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem.[1]»

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que gyrava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de bésteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalços: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razão d'isso: eram bésteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham cahido nas mãos dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se ás guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados

[1] Martim Vasques foi o 3.º mestre das obras da Batalha e Fernão d'Evora o 4.º — Veja-se a Memoria de D. Francisco de S. Luiz no 10.º volume das da Academia.

pelo povo desenfreado, em vingança dos máus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados á morte por suas malfeitorias.

«Misericordia!» — bradou toda aquella multidão, ao passar por elrei: e cahiram de bruços sobre as lageas do pavimento.

«Comvosco a tenho, mesquinha gente:» — disse elrei commovido — «Se tirados os simples, que vêdes acolá, a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos.»

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração, e espalhada nas faces: o terror lhes fazia crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, ás primeiras pancadas, as pedras enormes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram á porta do capitulo, trazendo sobre uma pavióla uma grande pedra quadrada. Martim

Vasques, que já lá estava, gritou ao cégo architecto:

«Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faça do canto, que para aqui mandastes trazer?»

Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos centraes dos simples.»

Os obreiros fizeram o que o architecto mandára: este então voltou-se para elrei, e disse:

«Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que sentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderá mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonrada e vergonhosa. Esta é minha firme resolução.»

Dizendo isto, o cégo travou com força do braço de Fernão d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

«Esperae, esperae!» — bradou elrei. — «Estaes louco, dom cavalleiro? Quem, se vós morrerdes, continuará esta fabrica tão formosa filha de vosso engenho?»

« Mestre Ouguet: » — tornou o cégo, parando. — « Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho: é o que ora vos peço tão sómente. »

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: elrei, Fr. Lourenço, e os mais frades ficaram atonitos e calados.

« Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos cousa é que se não póde soffrer: mas o voto é voto, senão . . . »

Estas palavras partiam da bôca d'uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de compleição sanguinea e irritavel, e que de mãos mettidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presenciava o caso.

« Tendes razão, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu: » — acudiu elrei, voltando-se para a velha. — « Mas, juro a Christo, que estou espantado de só agora vos vêr! Porque me não viestes falar? »

« Perdoe-me vossa mercê: » — replicou a ve-

lha. — « Eu vim trazer pão á feira, e ahi soube da chegada de vossa real senhoria. Corri... se eu correria para vos falar! Mas estes bôcas abertas não me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado de semblante. Que é isso? Temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim é, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está em casa para o que der e vier. »

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriotica pá do forno, que hoje é gloria e brasão da gothica villa de Aljubarrota.

« Podeis dormir descançada, tia Brites: » — respondeu elrei, sorrindo-se. — « Bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente de nossa terra é cortez: elrei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitações. »

Em quanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras

pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montão de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas, e travessas tinha passado pela crasta fóra em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao vêr ir soltos os bésteiros castelhanos; e só no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que sahisse d'alli; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se pouco a pouco retirando da crasta, onde ao pôr do sol começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Tres dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem se quer cedêra ás rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atrevêra a cruzar os perigos umbraes do capitulo, para vêr se o movia a tomar alguma refeição: tudo recusou o cégo: a sua resolução era inabalavel. Tambem a abobada estava

firme, como se fôra de bronze. No terceiro dia á tarde elrei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu á crasta acompanhado de Fr. Lourenço e de outros frades, e chegando á porta do capitulo viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto á pedra fria de Affonso Domingues, e este pallido e com as palpebras cerradas encostado nos braços delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

« Que temos de novo? » — perguntou elrei, chegando á porta, e vendo aquelles dois estafermos. — « Completam-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimará em estar aqui mais tempo? »

« Não, senhor: » — respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas: — « não estará aqui mais tempo; porque seu corpo é herança da terra; sua alma repousa com Deus. »

« Morto!? » — bradaram a uma voz elrei e Fr. Lourenço; e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio. »

« Nada temaes, senhores: » — disse Martim Vasques — « As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada não cahiu... a abobada não cahirá! »

O architecto, já velho, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condemnára. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer cahiu moribundo nos braços delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trévas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro, e Fr. Lourenço resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que até o ultimo arranco escrevêra sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual mestre Affonso expirára, ordenou elrei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da casa capitular, onde durante mais de quatro seculos, como as sphynges monumentaes do Egypto, tem dado origem ás mais desvairadas hypotheses e conjecturas. Á pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, tambem, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assignaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cégo dissera a elrei ácêrca da sua capacidade para o substituir, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituido ao cargo que occupára, e quando nos

serões do mosteiro alguem falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversação, dizendo com um riso amarello:

« Olhem que foi forte perda! »

FIM DO TOMO I.

INDICE.

O ALCAIDE DE SANTAREM

(590 — 961)

		Pag.
I		1
II		14
III		26
IV		36

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA

(1371 — 2)

I	A Arraya-miuda	51
II	O Beguino	76
III	Um Bulhão e uma Agulha de Alfaiate	95
IV	Mil Dobras Pé-terra e trezentas Barbudas	113
V	Mestre Bartholomeu Chambão	131
VI	Uma Barregan Rainha	153
VII	Juramento — Pagamento	179

O CASTELLO DE FARIA

(1373)

213

A ABOBADA

(1401)

I	O Cégo	225
II	Mestre Ouguet	243
III	O Auto	254
IV	Um Rei Cavalleiro	273
V	O Voto Fatal	283

ERRATAS.

Pag.	16	lin.	12	alamedas	almadénas
»	44	»	22	Santarem	Schantaryu
»	99	»	12	contraria	opposta
»	103	»	18	Leonor ;	Leonor,
»	227	»	7	por	para
»	261	»	4	se ergueu	ergueu-se
»	»	»	17	nasce	nace